

RAFAEL ATHAIDES

ZU STUDIENZWECKEN IN PARANÁ:
A Ação do Círculo Paranaense do Partido Nazista
(1933-1942)

Maringá

2007

RAFAEL ATHAIDES

ZU STUDIENZWECKEN IN PARANÁ:

A Ação do Círculo Paranaense do Partido Nazista

(1933-1942)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM, para obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. Linha de Pesquisa: Política e Movimentos Sociais).

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Bertonha.

Maringá

2007

RAFAEL ATHAIDES

ZU STUDIENZWECKEN IN PARANÁ:

A Ação do Círculo Paranaense do Partido Nazista

(1933-1942)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM, para obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. Linha de Pesquisa: Política e Movimentos Sociais).

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Ângelo Aparecido Priori
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. João Fábio Bertonha
Universidade Estadual de Maringá

Maringá, ____ de _____ de 2007

AGRADECIMENTOS

Apesar de carregar meu nome, a produção deste trabalho precisou da atenção e dedicação de muitas pessoas, por isso digo que ele tem “muitos autores”. Incluo aqui boa parte daqueles que colaboraram com esta jornada, que começou a quatro anos em uma aula do curso de graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

Primeiramente, agradeço ao João Fábio, mestre e amigo, cujo estímulo e orientação foram constantes durante todas as etapas deste feito.

À minha esposa, Ana Maria, pela ajuda incondicional, pela força e compreensão nos longos períodos de ausência. Entre as pessoas que se sacrificaram pessoalmente em prol desta realização, ela se encontra no topo da lista.

Aos meus pais, Osvaldo e Maria, pelo amor, motivação e sustento; pais que nunca deixaram de trazer o incentivo para ir mais além.

Aos amigos Luís Claudio e Douglas, pela contribuição na revisão da língua portuguesa e inglesa.

À professora Maria Ana Muller, pelo auxílio com a língua alemã.

Aos queridos tios Henrique e Laura, que me abrigaram (e suportaram) nos longos períodos de pesquisa na capital paranaense.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela ajuda financeira essencial para a pesquisa.

Ao pessoal do Grupo de Pesquisa sobre Movimentos Autoritários do séc. XX, cujas sugestões e cafés contribuíram na confecção deste texto.

Aos professores René Gertz e Adriano Duarte, pelas críticas que ajudaram a lapidar o texto final.

Enfim, a todos que colaboraram para a concretização deste sonho (sintam-se à vontade para escrever seus nomes abaixo).

*“...acredito que sem a distinção entre
o que é e o que não é assim, não
pode haver história”*

Eric J. Hobsbawm

ATHAIDES, Rafael. *Zu Studienzwecken in Paraná: a ação do Círculo Paranaense do Partido Nazista (1933-1942)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

Durante a década de 1930, o Partido Nazista espalhou correligionários em várias nações do globo. O Brasil chegou a agrupar a maior seção partidária fora da Alemanha. Este trabalho, busca verificar os meandros da ação nazista na circunscrição do estado do Paraná, território de considerável presença da etnia germânica, no período em questão. Intenta-se aqui compreender esta ação partidária em dois momentos: primeiramente, no período que vai de 1933 a 1938, quando o partido funcionou livremente no estado, busca-se compreender os canais e estratégias de atuação do partido no plano estadual; em segundo lugar, entre 1938-1942, na fase do desmonte das organizações nazistas, tenciona-se verificar as linhas gerais da ação policial dirigida contra a organização.

ATHAIDES, Rafael. *Zu Studienzwecken in Paraná: The Nazi Circle action in Paraná. (1933-1942)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá

ABSTRACT

During the decade of 1930, the Nazi party spread coreligionists in some nations of the globe. Brazil arrived to group the biggest partisan section of Germany. This work search to verify the Nazi action in the circumscription of the state of the Paraná territory of considerable presence of the Germans, in the period in question. It intends here to understand this partisan action at two moments: first, in the period that goes of 1933 the 1938 when the party has functioned freely in the state search to understand the canals and strategies of performance of the party in the state plan; in according to place (between 1938-1942) in the phase of the dismounting of the Nazi organizations, it is intended to verify the general lines of the directed police action against the organization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Gustloff-Haus, sede do NSDAP/PR.....	50
2. Carteira de filiado da Deutscher Reichskriegerbund, Ponta Grossa.....	56
3. Selo da Deutsche Winterhilfe Paraná.....	64
4. Juventude Teuto-Brasileira – Paraná.....	74
5. Apresentação da Juventude Teuto-Brasileira na Sociedade Handwerker.....	74
6. Grupo nazista de União da Vitória/Porto União.....	86
7. Circulo paranaense do NSDAP.....	86
8. Festejos na chácara de Julio Brand, Paranaguá.....	87
9. Material de contrapropaganda em português, produzido em Hamburgo; encontrado em Foz do Iguaçu.....	104
10. Fotografia anexa à carta enviada por um nazista.....	119
11. Biblioteca do Clube Concórdia, 1942.....	150
12. Mapa Topográfico e Planta Territorial da Colônia Penal Candido Mendes.....	155
13. Sala de espera do “Foto Progresso”, de propriedade de Augusto Weiss, após do comício do dia 18/03/1942.....	159

LISTA DE TABELAS E ORGANOGRAMAS

A) Tabelas

1. Distribuição dos Filiados à Seção Brasileira do NSDAP por Estado.....18
2. Filiados ao NSDAP/BR por profissão (1930 – 1941).....22
3. Filiados ao círculo paranaense do NSDAP (por data de filiação).....68
4. Distribuição dos filiados ao NSDAP/PR (por localidade).....78

B) Organogramas

1. Estrutura hierárquica do NSDAP para a América Latina.....17
2. Organização do NSDAP/PR.....73

ABREVIATURAS UTILIZADAS

5ª RM – Quinta Região Militar

AN – Arquivo Nacional

AO – *Auslandsorganization der nazi Partei* (Organização do Partido Nazista para o Exterior)

APP – Arquivo Público do Paraná

DAF – *Deutsche Arbeitsfront* (Frente Alemã do Trabalho)

DEOPS/RJ – Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Rio de Janeiro

DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social

DOPS/PR – Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná

GSA – *Gesellschaft für Siedlung im Ausland* (Companhia para Colonização no Exterior)

NSDAP – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães)

NSDAP/BR – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Landsgruppen Brasilien* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães – grupo país Brasil)

NSDAP/PR – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Kreis Paraná* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães – Círculo Paranaense)

NSDAP/SC – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Kreis Santa Catarina* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães – Círculo de Santa Catarina)

Pront. – Prontuário

TSN – Tribunal de Segurança Nacional

SUMÁRIO

Introdução	1
 I – O NSDAP NO BRASIL	13
1.1 A Organização Partidária	14
1.2 Perfil dos Partidários	19
1.3 Objetivos para o NSDAP/BR	24
 II – O NSDAP NO PARANÁ	36
2.1 A Imigração Alemã no Paraná	38
2.2 O Início da Organização do NSDAP/PR	43
2.3 Clubes e sociedades germânicas: o “assalto” nazista e o conflito com os não- partidários	51
2.3.1 Sociedade dos Ex-combatentes da Grande Guerra	55
2.3.2 Verband Deutscher Vereine (União das Sociedades Alemãs)	61
2.4 Estrutura Organizacional do NSDAP/PR	68
2.5 O Nazismo no Interior do Estado	77
2.6 Perfil dos Militantes do NSDAP/PR	89
2.7 A Proximidade com o Consulado	96
2.8 A Propaganda Nazista	102
2.9 Os Cismas Internos: a ação dos partidários e a crítica da comunidade Alemã	112
 III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ: O ESTADO NOVO E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	129
3.1 O pano de fundo: o golpe do Estado Novo, a Segunda Guerra e as relações Brasil/Alemanha	132
3.2 O Paraná e a Repressão ao NSDAP	140
3.2.1 Os primeiros alvos – 1938-1942	143
3.2.2 “O fim do estado de coisas”: 1942	148

CONCLUSÃO.....	164
FONTES E BIBLIOGRAFIA	168

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 1920, entre alguns copos de chope e o estalar de mesas, lançavam-se em Munique, capital do estado alemão da Baviera, as bases para a formação do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiter Partei*), que ficaria mais conhecido pela corruptela *nazi*.

Naquela ocasião, noite de vinte e quatro de fevereiro, Adolf Hitler anunciou vinte e cinco pontos de um programa partidário que, apesar de ridicularizado na época, teve resultados futuros desastrosos.

O primeiro ponto abordava a questão da união de todos os alemães em uma *Grossdeutschland* (Grande Alemanha).

O ex-vagabundo de Viena e soldado mensageiro na Grande Guerra teve que esperar até o fim da década de 1920 para ver os resultados políticos do grupo, do qual assumira a liderança. A partir da crise do capitalismo de 1929, o Partido Nazista logrou resultados expressivos dentro do sistema representativo da República de Weimar (1918 – 1933), o mesmo sistema que pretendia extinguir.

A partir de 1933, Adolf Hitler teve a oportunidade de resgatar aquela noite de 24 de fevereiro. Seu partido, agora, não era mais um dentre os numerosos grupos anti-semitas, anti-democráticos e anti-socialistas da Alemanha pós-guerra. O nazismo elevava-se ao poder e, de súbito, enterrara com o *III Reich* a frágil República.

Antes mesmo de ocupar o governo, o sonho da Grande Alemanha já havia saído das pranchetas do NSDAP. Em 1931, era fundada uma espécie de departamento do partido, sob a denominação *Auslandsabteilung* (Divisão do Exterior), responsável pela questão dos alemães residentes no exterior.

Em fevereiro de 1934, tal divisão passou a ser chamada pelo título mais conhecido: *Auslands Organization der Nazi Partei* (Organização do Partido Nazista para o Exterior). Em 1935, a AO deixou o status de departamento e passou a se inserir no partido como uma comarca (*Gau*). Na ordem hierárquica do Reich, seu líder, Wilhelm von Bohle, estava diretamente subordinado a Rudolf Hess, vice de Hitler.

O objetivo: trazer os alemães residentes fora da *Vaterland* (Pátria Mãe) para dentro da órbita da ideologia nacional-socialista. Em outras palavras, a idéia era constituir uma grande “comunidade étnica do povo” (*Volksgemeinschaft*), que incluía os *Auslandsdeutscher* (alemães do exterior), baseada no nacionalismo alemão, este último com características próprias da visão de mundo nazista.

A historiografia, de uma forma geral, tem se debruçado nas últimas duas décadas sobre a questão do nazismo no exterior, mais especificamente sobre a questão do “Partido Nazista” no exterior. Alguns historiadores creditam a aventura da AO a seu chefe máximo, von Bohle. Por esta perspectiva, o trabalho do NSDAP fora da Alemanha estaria baseado mais em intentos pessoais do que em princípios ideológicos (MOORE 1987, p. 45).

Por outro lado, boa parte dos estudiosos que trabalham com o tema tem apoiado a tese de que a Organização para o Exterior cumpria uma respeitável função nos planos geopolíticos de Hitler. Nesse sentido, John Perkins afirma:

É certo que Hitler, Bohle e outros líderes nazistas, imediatamente após a chegada ao poder em 30 de Janeiro de 1933, expressavam com freqüência o ditado “O nazismo não é exportável”. Contudo, a AO de Bohle representava um importante papel nas ambições globais de Hitler. (1991, p.111).

O fato é que hoje temos conhecimento de que “braços” do Partido Nazista se instalaram em diversas regiões do globo – muitas, culturalmente distintas – a partir de 1928 e durante a década de 1930. De acordo com a historiadora Ana Maria Dietrich, o

NSDAP arregimentou no exterior cerca de 29.000 integrantes, em 83 países (2007, p. 142). Vejamos alguns exemplos, antes de chegarmos ao objeto específico deste trabalho.

Tomaremos como referência, aleatoriamente, o caso da Austrália. Os esforços nazistas para conquistar a minoria germânica neste país de tradição cultural anglo-saxã, refletem aspectos da própria formação populacional e cultural local. Perkins mostrou que, nos anos 1930, alguns teuto-australianos adotavam posturas pró-nazismo apenas por nutrirem uma profunda anglofobia; esta postura bebia nas fontes do pensamento católico irlandês, fortemente arraigado em setores médios australianos (1991, p. 115).

Além da organização partidária, que chegou a abarcar 160 filiados, na Austrália também se observa a presença de organizações subsidiárias ao NSDAP, como a *Deutsche Arbeits Front* (Frente de Trabalho Alemã) e a *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista), que serviam como válvula de escape para “indivíduos não aceitáveis ou que não queriam ingressar oficialmente como membros, porém, simpáticos aos objetivos do partido” (PERKINS, 1991, p. 117).

Uma das principais tarefas do partido foi a luta pelo controle dos clubes e sociedades germânicas locais. De 1933 em diante, praticamente todas as agremiações teutas das mais importantes cidades australianas estavam sob a coordenação do NSDAP local. Para tanto, a ajuda do Consulado Geral da Alemanha em Sidney foi fundamental. Os dois órgãos, partido e consulado, praticamente se fundiram no trabalho de propaganda da ideologia e da manutenção dos interesses germânicos na região.

Por mais espantoso que pareça, se substituirmos o país mencionado nas linhas acima por outro de tradição cultural totalmente distinta, como México, Argentina ou Brasil, pouca coisa mudaria no quadro geral da ação nazista no exterior. Com

obviedade, essa afirmação só pode ser feita salvaguardando os diferentes caminhos tomados pelo partido, e que remetem às idiossincrasias culturais locais.

No México, por exemplo, os nazistas intentaram, em 1933, ocupar o poder na *Asociación de Ciudadanos del Reich*, um clube de natureza étnica; o feito só foi possível com o auxílio, tal qual na Austrália, da representação diplomática alemã, na época, a Legação Alemã no México (MÜLLER, 1993, p. 91).

Igualmente, no Brasil a união entre partido e entidades consulares fica patente somente observando que o líder nacional, Hans Hering von Cossel, também era adido cultural na Embaixada Alemã do Rio de Janeiro.

A situação se repete em outros aspectos. As células paralelas na Argentina, por exemplo, também contavam com a DAF e a *Hitlerjugend*. A mesma situação se observa no Brasil.

Os números acerca dos militantes variam, sendo proporcionais ao número de alemães em cada país: Argentina e México agrupavam aproximadamente 2.000 membros cada. O Brasil representou a primeira e a maior seção fora da Alemanha, algo em torno de 2.900 filiados.

Certamente, em um grande número de questões, as ações do NSDAP pelo mundo divergiram – e isto justifica prontamente os estudos locais. Com essas pinceladas, queremos apenas demonstrar que o objeto com o qual estamos lidando neste trabalho se encontra em uma rede muito maior, que remonta aos altos interesses do Partido Nazista, e por que não do III Reich.

O problema de alguns estudos regionais – e não apenas os estudos restritos às seções no NSDAP – reside no fato de que, às vezes, o recorte feito é tão profundo que se perde de vista que a região estudada “localiza-se no planeta Terra”. Não temos a pretensão aqui de fazer exaustivos exercícios comparativos. Remetemo-nos, não

obstante, à Austrália, México e Argentina no sentido de lançar luz sobre nosso objeto, a saber, o Partido Nazista no Brasil, mais especificamente no estado do Paraná.

A título de exemplo, no México, observa-se certa rejeição ao nazismo entre os imigrantes alemães de uma geração anterior – pelo menos em duas décadas – à dos militantes do partido. Poderíamos observar semelhante comportamento no caso do Brasil e no Paraná? A resposta pode ser negativa, contudo, parece-nos um elemento explicativo que deve ser considerado¹. Assim, entendemos que é possível localizar no exterior e em outros estados, exemplos de variáveis a serem observadas neste estudo do Partido Nazista.

O objetivo central deste texto é mapear as *linhas gerais de funcionamento do NSDAP na circunscrição do estado do Paraná entre os anos 1933 - 1942*. Tenciona-se ainda, *verificar as diferentes percepções dos grupos-alvo da cooptação nacional-socialista, suas falas e elaborações construídas em torno da ideologia e da prática do Partido Nazista local*.

O conceito de *mediação política* se faz presente aqui como um instrumento de grande importância durante a investigação. Os partidos políticos, de acordo com essa ferramenta conceitual, têm a função de estabelecer uma ponte entre a *realidade vivida* e o *campo político* (BOURDIE, 2004, p. 10). Este último, pertencente à *esfera do discurso*, busca reelaborar através da mediação os anseios difusos de um determinado grupo social, população, etc. O ofício do historiador é verificar os meandros dessa secessão: um jogo entre discurso e realidade; é no trabalho de desfazer os “*nós*

¹ Certamente não se deve procurar, por exemplo, uma tradição católica irlandesa no Paraguai que explique a adesão ao nazismo. As comparações aqui propostas devem ter o mínimo de coerência para que justifique o trabalho.

históricos” entre realidade e representação, que consiste o trabalho principal do historiador do político. (ROSANVALLON, 1995, p.16).

Levando em consideração o instrumento da *mediação política*, podemos levantar a seguinte questão: uma vez que os partidos têm por papel primordial reelaborar os anseios difusos e dar-lhes um discurso aglutinador, não seria o caso do NSDAP – e dos partidos fascistas de uma forma geral – um dos exemplos limite do desempenho desta função? Provavelmente, qualquer historiador de plantão concordaria com uma resposta afirmativa. No entanto, para justificar nossa proposição, expomos o fato de que o Partido Nazista não estava preocupado, no entre guerras, apenas com a conquista da Alemanha, mas igualmente com o trabalho de mediação política no exterior – este com fins bem delineados. Sem desprezar o fato de que a preocupação alemã com os alemães do exterior não é particular da “era *nazi*” (1919 – 1945), podemos afirmar que a (medi-) ação do nazismo fora da Alemanha tem suas peculiaridades.

Obviamente, essa interposição política proposta pelo NSDAP no Brasil, ou em outra localidade fora da Alemanha, apresenta diferenças em relação ao trabalho de um partido político num cenário democrático, que busca angariar sua base eleitoral. Não há eleições a serem conquistadas no país hospedeiro, e não existe “pauta social”. Em contrapartida, está presente o intuito de exercer uma propaganda ideológica, no sentido de levar os alemães e teuto-brasileiros a uma conversão ao Nacional-socialismo, formando assim a grande comunidade étnica, da qual todos os indivíduos que carregam sangue alemão deveriam pertencer.

Da mesma forma, existe uma diferenciação entre a cooptação política na Alemanha e em território estrangeiro: os limites operacionais são desproporcionalmente menores: limites culturais, políticos e econômicos. Trata-se de outros espaços políticos.

As dificuldades dessa empreitada chegaram a fornecer argumentos para interpretações, em que a ação nazista no exterior só poderia ser entendida como fruto da *ingenuidade germânica* (TOEDTER, 2001, p. 20).

As sociedades hospedeiras forneceram às seções do NSDAP contingências e oportunidades particulares do “cosmo” político, cultural e econômico regional, como no exemplo australiano acima. Os imigrantes e descendentes germânicos, modificando e sendo modificados pelo convívio com as paisagens locais, construíram novas realidades. Nestas, só a práxis pôde ensinar, em alguns casos tardiamente, estratégias para o partido buscar seu objetivo. Para o caso brasileiro, Ana Maria Dietrich propôs o conceito de *tropicalização do nazismo*, processo que, segundo a historiadora, levou o NSDAP a reelaborar suas práticas em virtude do “ambiente” encontrado para o trabalho de mediação política (2007, p. 23).

No âmbito da sociologia do partido, pretendemos delinear as categorias sócio-profissionais dos filiados e as possíveis relações destas com chaves explicativas para o ingresso no partido. Busca-se aqui comparar esses resultados com outros, obtidos em pesquisas recentes sobre o NSDAP, em distintos estados.

Destarte, uma tentativa de visualização geracional também foi ensaiada no presente trabalho. Pelo fato de lidarmos com questões relativas à imigração alemã no Brasil, cabe levantarmos a discussão da penetração do nazismo entre as diferentes gerações de alemães residentes no Paraná.

Abrimos aqui um parêntese para esclarecer que esse não é o objetivo central do estudo. Contudo, vale a pena atentar para esse aspecto dentro do NSDAP e das instituições germânicas do Paraná envolvidas com o nazismo. Qual a diferenciação – para efeitos explicativos da composição partidária – entre alemães natos (advindos do contexto da Grande Guerra), alemães natos (que vieram para o Paraná na década de

1930-1940) e teuto-brasileiros? As transformações que uma comunidade sofre na mudança das gerações podem ser significativas para explicar diferentes tomadas de posição, motivos de adesão ou não-adesão a uma ideologia.

Apesar de o nazismo ser um sistema ideológico “fechado, que não é suscetível a qualquer reordenamento” (BERSTEIN, 2003, p. 87), não podemos nos esquecer de que a história “é feita por pessoas” e, dessa forma, capaz de apresentar as mais diferentes recepções e manifestações acerca de uma mesma ideologia. É comum encontrarmos uma distância considerável entre a ideologia dos líderes de um partido e a sua base (caso recorrente nos Partidos Comunistas), principalmente no que diz respeito aos motivos da adesão. Assim, a despeito de ser fechada em seu projeto original, a ideologia nazista – principalmente agindo no exterior – foi passível de reinterpretações quando desaguou socialmente, de acordo com algumas variáveis já expostas aqui (geração, categoria social, etc.). Na medida em que falamos em ideologias que se “distribuem” na sociedade, fica difícil acreditar em sistemas severamente fechados.

Sobre essas ferramentas se assenta o trabalho historiográfico aqui proposto. Certamente ainda estamos no início dos estudos sobre a presença da extrema direita no Paraná. Tais temas urgem ser levantados, uma vez que a historiografia sobre o integralismo e o fascismo italiano também pouco avançou, além de alguns estudos locais.

No caso do nazismo, a ausência de trabalhos sobre o Paraná pode ser resultado de uma série de obstáculos: (1) a “recente” abertura dos documentos policiais, aliada aos obstáculos advindos das lacunas documentais próprias da DOPS/PR (arquivos aqui pesquisados); (2) a dificuldade em vasculhar vestígios de um passado que se quer esquecer ou esconder (caso alguém pergunte por que um luso-brasileiro e não um teuto-

brasileiro está pesquisando imigrantes alemães); 3) e talvez o mais grave: o monopólio da informação por parte de instituições repressoras e de memorialistas estaduais.

Essas colocações refletem, respectivamente, o que foi nossa práxis investigativa: o grande assombro ao avistarmos conjuntos documentais nitidamente desaparecidos no arquivo público da capital paranaense; ao mesmo tempo, uma frustrada tentativa de capturar personagens vivos desta história: talvez estivéssemos, nesse sentido, tentando retirar pedras que não querem ser movidas – tal fato nos levou, para este trabalho, à opção pelas fontes escritas; por fim, vivenciamos a truculência e o conservadorismo de instituições pseudo-educativas que, de posse do conhecimento, manipulam-no para a manutenção da oficialidade no campo da História. A despeito da dificuldade da empreitada, aceitamos o desafio.

A documentação referente à perseguição ao nazismo no Paraná está localizada no setor DOPS-PR do Arquivo Público do Paraná e foi disponibilizada ao público pelo decreto do governo do estado nº 577, de 11 de julho de 1991. Assim, foram transferidos para o Departamento de Arquivo Público do Estado do Paraná os documentos da Subdivisão de Informações da Polícia Civil, onde se localizava o acervo da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS).

Lamentavelmente, a distância temporal e o “trajeto” que esse acervo percorreu até chegar ao Arquivo Público do Paraná resultaram em lacunas que são evidentes em uma simples leitura seqüencial dos documentos. Observando, contudo, a ausência de páginas e prontuários inteiros, percebemos que há uma história que necessita ser

resgatada. Nesse sentido, tais lacunas – que podem ser provas da ardileza de grupos e/ou instituições que se sentiam protegidas sob o *status quo* – ao invés de nos desestimular, trouxeram ainda mais o desejo trazer esse conhecimento à tona.

De uma forma geral, o corpus aqui trabalhado é constituído por dossiês temáticos e pessoais, fruto do trabalho repressor da polícia política paranaense durante o Estado Novo (1937 – 1945). São ofícios, requerimentos, informes, inquéritos, prontuários, salvo-condutos, etc. Raras vezes encontramos algum documento anterior ao ano de 1937.

Assim, este trabalho deve ser lido levando-se em conta as especificidades dessa fonte e o tipo de interrogação que a ela direcionamos (THOMPSON, 1981, p. 49). Trata-se, quase no seu conjunto, de documentos com os quais temos contato indireto com nosso objeto. De outra forma, foram produzidos por observadores que falam de uma terceira pessoa; tais indivíduos, em nosso caso, funcionários de uma polícia política, carregavam elevadíssima carga ideológica e estavam condicionados pela lógica interna de seu trabalho, assim, condicionando também suas imagens acerca dos personagens aqui estudados.

Dos personagens, por sua vez, quando conseguimos dos meandros das imagens policiais extrair suas percepções, sempre teremos em mente a circunstância em que se encontram: são vistos e falam, na maioria das vezes, atrás de grades ou em empoeiradas salas de interrogatório. Não os vemos no cotidiano, no trabalho partidário, nas festas e semanas comemorativas; sempre falam sob a possibilidade – e às vezes realidade – da ação repressora.

No caso dos nazistas, estes indivíduos falam sob uma dupla opressão: em primeiro lugar, aquela a que estão submetidos pelas autoridades brasileiras; em segundo, o onipresente temor de ser enquadrado como traidor do III Reich. Assim,

quando as respostas os livram da condenação ante a DOPS, invariavelmente são lembrados: “o declarante tem conhecimento do que poderia acontecer a um estrangeiro, que na Alemanha, fizesse tais conceitos sobre o povo alemão”(sic)². Nesse sentido, a extradição poderia significar a morte.

Essas “imagens” advindas da ação policial sobre nosso objeto (que engloba não só o falar *da polícia*, mas também o falar *de si* sob a guarda da polícia) seriam lapidadas, se tivéssemos a possibilidade de cotejá-las com fontes produzidas pelo partido. Todavia, os anseios de qualquer historiador do Político que estuda os partidos – os livros-ata, fichas de membros, as correspondências, etc. – estão distantes. Vinte e um anos de Estado democrático ainda não foram suficientes para a abertura das catacumbas das mais altas instituições repressoras – tão pouco se sabe quando, ou se o farão.

À disposição dos pesquisadores estão apenas os enunciados de tais “raridades”, fruto da comunicação entre os mecanismos repressores. Tais enunciados não nos deixam de ser válidos e talvez seja a possibilidade de maior aproximação com nosso objeto “in natura”. Posta à nossa frente está a irônica e ao mesmo tempo infeliz contradição: aquilo que contribuiu outrora para uma maior coordenação das forças repressoras estatais é o que mais nos revela sobre o objeto a ser aqui perscrutado.

Por conseguinte, vale lembrar o velho argumento de E. P. Thompson em defesa das especificidades do ofício do historiador: “Todo conhecimento histórico é, pela sua natureza, provisório e incompleto (mas não, por isso inverídico), seletivo (mas não, por isso inverídico), limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência” (1981, p. 49).

Nosso intuito ao mergulhar nessa documentação é extrair as linhas mestras de ação do Círculo paranaense do Partido Nazista, procurando estabelecer pontos de encontro e/ou colisão com o quadro maior do partido e com alguns casos estaduais.

² *Auto de declarações prestadas por Erich Finmann*. 13/05/1939. Pront. 1538, Top. 360, “Erich Finmann”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Alguns dados foram retirados de outras fontes, tratadas aqui como secundárias; é o caso dos processos do Tribunal de Segurança Nacional (TSN), relativos às atividades nazistas no Paraná; também foram consultadas fontes jornalísticas, constantes no interior dos dossiês da DOPS-PR, como os jornais *Gazeta do Povo*, *O Dia* e *Diário da Tarde*.

Nosso tema está dividido em três partes: a primeira aborda a questão do Partido Nazista no Brasil, enfocando os principais aspectos dessa atuação partidária estudados pela historiografia brasileira. A segunda parte acerca-se do Círculo paranaense do Partido nazista, entre os anos 1933 e 1938, período em que o NSDAP funcionou livremente no estado. Por fim, a terceira parte centra-se no desmonte desta mesma máquina partidária, sob a sombra das autoridades repressoras do Estado Novo, primeiramente no contexto da Campanha de Nacionalização e, posteriormente, durante Segunda Guerra Mundial.

A opção pelo trabalho com o objeto proposto na circunscrição geográfica do Paraná pode nos levar ao dilema em torno da diversidade. Podemos, nesse sentido, incorrer ao risco de pecar pela falta de detalhes na avaliação de algumas circunscrições menores, como regiões e municípios. Certamente outros estudos mais focalizados contribuirão para uma visão diversificada do fenômeno, contrastando ou se somando ao quadro maior aqui apresentado.

CAPÍTULO I – O NSDAP NO BRASIL

Para os estudiosos do nazismo, já é lugar comum o conhecimento da frase de Adolf Hitler: “*o nazismo não é uma mercadoria exportável*”. Na prática, isso não significou que a doutrina do *Führer* não tinha como uma de suas pilstras o expansionismo imperialista e a confecção de um mundo com a face do Nacional-socialismo. A frase do líder máximo do Partido Nazista ilustra uma conclusão obtida por pesquisas relativamente recentes, realizadas no Brasil e em países onde o partido atuava: o *National Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei*, apesar de espalhar correligionários por quase todo o mundo, não pretendia com isso apregoar sua doutrina “aos povos”, como se ela fosse um “legado para a humanidade”.

O nazismo partiu dos alemães e era, portanto, para os alemães, mesmo se estes se encontrassem fora da *Vater Land*. Essa restrição e, ao mesmo tempo, esse pertencimento que dava ao alemão o direito de participar da *Volksgemeinschaft* (comunidade étnica do povo), não foi uma novidade trazida pelo nazismo. A própria legislação secular alemã garantia – como garante até hoje – o pertencimento racial (*jus sanguinis*) e não territorial (*jus solis*). O trabalho do nazismo foi acoplar essa tradição à doutrina, surgindo assim a máxima: “ser alemão é ser nazista”.

Para demonstrar essa colocação, podemos observar a frustrada tentativa dos fascistas italianos em formar uma “Internacional Fascista”, em meados da década de 1930, no sentido de expandir essa teoria ao globo, congregando, para tanto, diversos movimentos com as mesmas características. A imediata recusa dos hitleristas em aderir ao projeto italiano pode ser explicada, em boa medida, por esse caráter racial do nazismo, no qual a *Volksgemeinschaft* jamais aceitaria efetivamente se abrir para formar um comitê internacional pró-fascismo (BERTONHA, 2000, p. 101). Além do mais, se

por um segundo conjecturarmos tal atitude, os nazistas estariam muito próximos do tão odiado “internacionalismo comunista e apátrida”.

Isto posto, podemos nos interrogar acerca do interesse dos nacional-socialistas em “enviar” o nazismo para um país latino-americano, como o Brasil, através da montagem de um aparelho partidário semelhante ao existente na Europa. De uma forma geral, como isto foi feito aqui, numa escala nacional? Assim, para nossos objetivos, iniciaremos a discussão com a questão da ação do Partido Nazista no Brasil, tomando como base os trabalhos mais recentes e já reconhecidos pela historiografia que tratam do tema. Certamente, não pretendemos aqui dar conta do assunto, mesmo porque ele está longe de ser esgotado. Propomo-nos demonstrar minimamente as características do NSDAP no âmbito nacional, para despejarmos a maior atenção sobre a ação do partido no plano estadual, no caso o Paraná.

1.1 A ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA

Se, como mencionamos acima, existia no nazismo o interesse de levar a doutrina aos alemães espalhados pelas *Gastländer* (países hospedeiros) – atitude que muito se confundia com a própria tradição cultural alemã, que desde o séc. XIX cultuava o *Deutschtum* (germanismo) no exterior – havia um órgão do Partido Nazista, com sede na Alemanha, responsável pela questão dos *Auslandsdeutscher*: a AO da qual já aludimos (*Auslander Organization der Nazi Partei* – Organização do Partido Nazista para o Exterior), fundada em 1931.

Tinha por função coordenar toda a ação partidária no exterior, possuindo uma divisão geográfico-hierárquica semelhante à do NSDAP na Alemanha. Sabemos, portanto, que através da AO, diversas seções do Partido Nazista surgiram espalhadas pelo mundo buscando recrutar adeptos para o movimento entre os alemães e descendentes.

De acordo com Müller, a sistematização da ação partidária no exterior, ocorrida nos primeiros anos da década de 1930, trouxe resultados positivos para o NSDAP (MÜLLER, 1995, p. 89). A possibilidade de buscar novos militantes e de incorporar ao quadro oficial os indivíduos não registrados trouxe uma ampliação das fileiras Além-Reich: até 1930, apenas 486 pessoas em todo mundo ingressaram na organização; em 1934 já existiam 867 apenas no Brasil.

Podemos encontrar “partidos nazistas” (entendidos como seções externas do NSDAP central, enquadradas na hierarquia através da AO) nos países vizinhos da Alemanha, como Tchecoslováquia e Áustria, assim como nos Estados Unidos, México, Argentina, Paraguai, Brasil, Nova Zelândia, etc. A lista é bem maior (83 países). Nosso interesse com isso é ressaltar que a idéia de “criar” uma organização partidária fora da Alemanha, está diretamente relacionada com a presença de imigrantes alemães³ nessas regiões – pelo menos no que diz respeito aos intuítos centrais do partido. Como já foi afirmado acima, não havia qualquer razão dentro da doutrina, para apregoar o nazismo aos indivíduos sem sangue alemão.

No caso brasileiro, autores da década de 1930 e 1940 colocam a origem do grupo nacional do partido ligada a casos individuais. O mais recorrente é o do imigrante Bruno Fricke, no Rio Grande do Sul (MARTINS, s/d, p. 11). Fricke teria sido o fundador de núcleos no Brasil, Paraguai e Argentina na década de 1920. Após os

³ “Imigrantes alemães” aqui entendidos como alemães natos (*Reichsdeutsch*) ou descendentes (*Volksdeutsch*). Diversas questões serão abordadas mais adiante, sobre o perfil do imigrante aderente ao nazismo.

expurgos da ala “populista-revolucionária” do partido (1934), representada pelas SA e pelos irmãos Strasser, Fricke se converteu em opositor ao NSDAP e delegado da organização de Otto Strasser (*Schwarze Front*) na região do Cone Sul (NEWTON, 1995, p. 68.).

Seguimos aqui a postura adotada por Moraes, considerando o surgimento do partido somente com a montagem de uma estrutura organizacional, uma direção centralizada e uma hierarquia geográfica (MORAES, 1996, p. 104).

Os primeiros núcleos se localizaram no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Em seguida surgiram os núcleos de São Paulo, São Francisco, Porto União, Joinville e Salvador. É importante salientar que a montagem desses embriões organizacionais se dava de forma autônoma, ou seja, até 1933 os próprios grupos reuniam-se para escolher lideranças enviando os nomes para o crivo de Berlim, além de se reportarem diretamente ao NSDAP da Alemanha.

Na primeira metade do ano de 1933, ocorre uma reorganização no plano nacional

quando o partido passa a contar com uma direção centralizada para todo o Brasil e estrutura-se, tanto no que diz respeito a constituição de hierarquias para todos os âmbitos da organização quanto pela formalização de áreas geográficas submetidas às diversas direções (MORAES, 1996, p. 108).

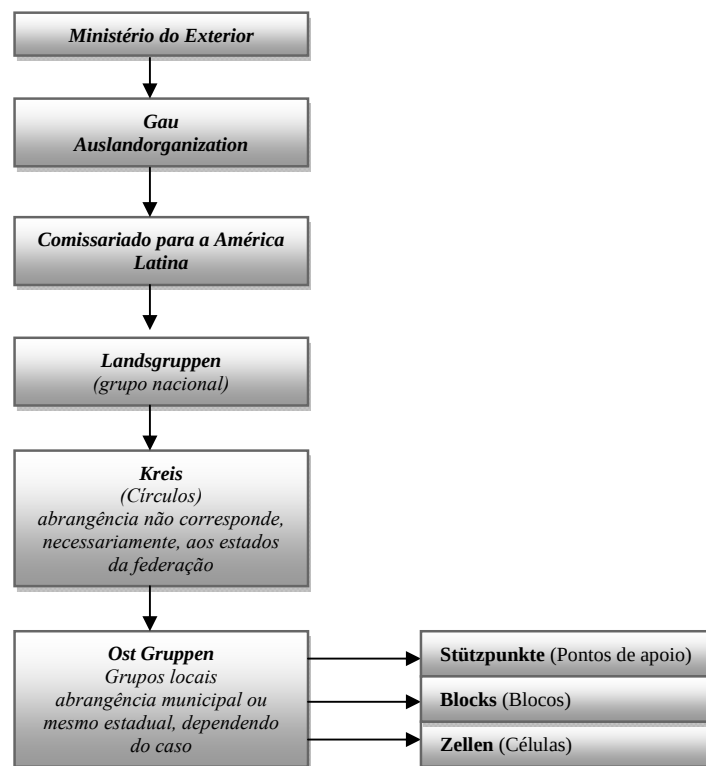
A partir de meados de 1933, conflitos internos levaram o NSDAP/BR a um novo processo reorganizador, que culminou com a expulsão de alguns membros e a entrega da direção nas mãos daquele que seria o mais conhecido chefe da organização no Brasil: Hans Hering von Cossel, então líder do núcleo paulista. Além disso, em 1934, a sede do partido mudou do Rio de Janeiro para São Paulo.

Com esta feição, o NSDAP organizava-se com uma direção central em São Paulo, cinco Círculos (Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande

do Sul) e com os *Orstgruppen*, grupos locais de amplitude estadual ou municipal. Podemos mencionar também as micro-divisões: geralmente de amplitude municipal, temos os *Stützpunkte* (pontos de apoio) e os *Blocks* (Blocos); as *Zellen* (Células) abrangiam, em regra, bairros das maiores cidades como São Paulo.

Assim, a estrutura hierárquica que permaneceu para a América Latina e Brasil – a partir, aproximadamente, de meados da década de 1930 até 1938 – pode ser descrita da seguinte forma:

Organograma 1 – Estrutura hierárquica do NSDAP para a América Latina



Fonte: MORAES, Luiz Edmundo. *Ein volk, Ein Reich, Ein Führer: A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. 1996. 222 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 66.

O partido contava também com organizações paralelas a ele conectadas, as quais possuíam correspondentes na Alemanha: *Deutschebrasilianisch Jungendring* (Círculo da Juventude Teuto Brasileira)⁴, *Deutsch Arbeitsfront* (DAF - Frente Alemã do Trabalho) e *Nationalsocialistische Frauenschaft* (Associação das Mulheres Nacional Socialistas)⁵. De modo genérico, essas instituições cumpriam as mesmas funções exercidas na Alemanha. A título de exemplo, a DAF, órgão de implantação do corporativismo nazista, mediava relações de trabalho nas fábricas alemãs, propunha atividades de lazer e recolhia donativos.

No total, o partido reuniu em suas fileiras o número de 2.900 filiados, na década de 1930, distribuídos de acordo com a tabela seguinte:

Tabela 1 – Distribuição dos Filiados à Seção Brasileira do NSDAP por Estado:

UF	Nº
SP	785
SC	528
RJ	447
RS	439
PR	185
SR	137
MG	66
PE	43
ES	41
BA	39
MT	31
PA	27

⁴ Também conhecido como Juventude Teuto-Brasileira; pode ser considerado como um braço da *Hitlerjugend* alemã (juventude hitlerista).

⁵ Em algumas localidades também é possível encontrar a *Organização dos Professores Alemães*, como organização paralela ao partido.

GO	23
PB	21
AM	4
CE	4
AM	4
AL	1
SE	1
Total	2822

SR = Sem referência de filiação ou endereço.

Fonte: MORAES, Luiz Edmundo. *Ein volk, Ein Reich, Ein Führer: A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. 1996. 222 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Estes números fizeram da seção brasileira do NSDAP a maior fora da Alemanha. Sua estrutura organizacional, *grosso modo* exposta acima, perdurou até 1938, quando por decreto do governo federal, o NSDAP, até então sem ser incomodado pelas autoridades brasileiras foi posto na ilegalidade. Discutiremos esse contexto quando falarmos da repressão policial ao partido no estado do Paraná (Cf. Capítulo III).

1.2 PERFIL DOS PARTIDÁRIOS

Para alguns autores das décadas de 1930 – 1940, como o jornalista Mário Martins e o Cel. Aurélio Py (1942), se fizéssemos um questionamento acerca das razões para a existência de organizações nazistas no Brasil, a resposta seria imediata: *devido às zonas de colonização alemã no sul do país* (variando entre proposta “anexionistas” ou “arregimentistas”).

A associação feita entre os alemães do sul do país e o nazismo insere-se num constructo histórico, que tem sua origem no século XIX, entendido por alguns

historiadores como “o mito Perigo Alemão”. A idéia de uma ameaça germânica, salientada, sobretudo pelos pensadores do “embranquecimento” na Primeira República, visualizava as zonas de colonização teuta como um entrave ao projeto de miscigenação, propugnado como solução no processo de europeização do país. Assim, os alemães, por não se misturarem com a população luso-brasileira e por manterem suas tradições, língua religião, etc., formavam verdadeiros “quistos raciais” inseridos no território nacional.

As duas guerras mundiais serviram para reacender a idéia do perigo teuto, contudo, agora, associado a possíveis anexações e golpes internos, engendrados pelos “não-aculturados”. De outra forma, ganham vozes as idéias de que as colônias germânicas do sul estariam impregnadas de interesses subversivos a longo prazo e teriam se instalado aqui, desde o século XIX, com o intuito de construir uma Nova Alemanha, anexando o sul do Brasil. Com a política externa agressiva e expansionista dos nazistas, essa idéia atingiu seu ponto nevrálgico, chegando à formulações absurdas. Gertz sintetiza essa visão com um excerto interessante:

[...] os imigrantes alemães que vieram ao Rio Grande do Sul a partir de 1824 já naquela época eram portadores de instruções incisivas para que se distribuíssem estrategicamente pela região, que interligassem residências com túneis secretos e doutrinassem seus descendentes para sabotar a nação brasileira – tudo para facilitar o trabalho do messias que viria uns 110 ou 120 anos depois (GERTZ, 1989, p. 158).

Tais temores, às vezes fomentados pelos próprios governos, tanto na Primeira, mas, sobretudo na Segunda Guerra Mundial, convinham para a conjuntura nacional, no sentido da construção de um projeto nacionalista, fomentando identidades e legitimando aparatos repressores.

Em certo sentido, é correto afirmar que o NSDAP visava alcançar os imigrantes, incluindo aqueles concentrados nas áreas de colonização do sul. Entretanto, se

modificarmos a questão, podemos ampliar nosso foco de observação: quem eram os nazistas da seção brasileira do partido? A resposta não pode ser simplesmente: os alemães da zona de colonização do sul. Parece-nos correto afirmar que o intuito era arregimentar adeptos entre os imigrantes alemães – nesse sentido se comprova a afirmativa dos contemporâneos –, mas quais imigrantes efetivamente se inscreveram no partido?

Os trabalhos de Edmundo Luís Moraes e René Gertz demonstraram que, para o estudo do NSDAP no Brasil, a simples relação número de alemães = Partido Nazista é falha. Senão, teríamos no Rio Grande do Sul o maior grupo nazista, em nível estadual, fora Alemanha. A relativização do conceito de “alemão” é extremamente importante no que tange essa questão. Qual o perfil dos alemães pertencentes ao NSDAP? Pertencem a qual grupo social? Nasceram no Brasil ou vieram da Alemanha? Se vieram da Alemanha, de qual geração fazem parte? Através dessas e de outras questões abordadas por esses autores podemos estabelecer, de uma forma geral, a feição dos militantes do Partido Nazista no Brasil, feição essa, que vai de encontro com os vários mitos propagados pela literatura jonalístico-policia da época.

De acordo a perspectiva da “ameaça germânica”, às vésperas e durante a Segunda Guerra Mundial, a *Nova Alemanha* abarcaria os três estados do sul e seria anexada ao III Reich com o auxílio da “imensa” comunidade “germânico-nazista” residente nesses estados.

Utilizamos a frase anterior recheada de aspas porque essa fantasia quixotesca, que recorda-nos até a figura do cavalo de Tróia, causa a falsa impressão da existência de uma colossal organização tentacular nazista nos estados do sul.

Porém, de acordo com a historiografia, apenas 40% dos filiados ao NSDAP/BR eram dos três estados sulinos. Em contrapartida, apenas São Paulo e Rio de Janeiro

preenchiam 44% das filiações, concentrando São Paulo o maior número de filiados (785), 28% do total nacional.

Além desses números, outra característica que salta aos olhos – e que nos distancia mais ainda da visão de que as tradicionais, “mal aculturadas” e isoladas colônias alemãs do sul eram nazistas – é a concentração dos partidários em áreas urbanas, mesmo nos estados do sul. Para ficarmos em apenas um exemplo, no Paraná, do número de 185 filiados, 94 eram da capital, ou seja, 50,8% do total. Esta característica se confirma para o caso paulista, de acordo com o estudo de Ana Maria Dietrich sobre o Partido Nazista naquele estado: os nazistas, de uma forma geral, estavam ligados às atividades urbanas mantendo vínculos, através de suas empresas, com a pátria-mãe (DIETRICH, 2001, p. 52).

Outro ponto de observação relativo ao perfil dos partidários é o setor profissional ao qual pertenciam. Ficou constatado, no âmbito nacional, que apenas 11% dos militantes ocupavam-se no setor primário e apenas 4,6% destes estavam localizados nos estados do sul. Deste modo, a maioria dos militantes estava ligada às atividades comerciais, industriais e de serviços (Cf. Tabela 2). Em todos os casos, o eixo Rio - São Paulo liderava no que se refere ao número de militantes nessas atividades.(MORAES, 1996, p. 158).

Tabela 2 – Filiados ao NSDAP/BR por profissão (1930 – 1941)

PROFISSÃO	Nº
Operários especializados e não especializados	509
Grandes comerciantes	506
Pequenos comerciantes	405
Agricultores	318
Industriais e técnicos com nível superior	249

Artesãos	211
Profissionais liberais	186
Professores	123
Servidores públicos e funcionários de banco	80
Pastores	53
Estudantes	26
Não especificado / sem profissão	156
TOTAL	2822

Fonte: MORAES, Luiz Edmundo. *Ein volk, Ein Reich, Ein Führer: A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. 1996. 222 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Quanto ao local de nascimento, temos que 93% do total nacional de filiados faziam parte do grupo dos chamados *Reichsdeutsch*, indivíduos de origem germânica que têm como pátria natal a Alemanha. Quase inexistem teuto-brasileiros no partido. Do total, apenas 2% nasceram no Brasil.

Ligado a isso está a questão geracional, que igualmente nos auxilia na compreensão da feição dos militantes: 65% do total de filiados nasceram entre 1890 e 1909 (1850 indivíduos); destes, 1083 nasceram entre 1900 e 1909; os nascidos entre 1880 – 1890 somam 14%. Esses números, de acordo com Moraes, demonstram que os membros do partido pertenciam a uma geração relativamente jovem (entre 25 e 35 anos), que teve contato direto ou indireto com a Grande Guerra de 1914 – 1918 (1996, p. 159).

Temos, portanto, um perfil minimamente traçado dos nazistas no Brasil: jovens entre 25 e 35 anos, nascidos na Alemanha, que experimentaram de alguma forma a Primeira Guerra Mundial; ocupavam no país, em sua maioria, funções comerciais e industriais, pertencendo aos “setores médios urbanos, boa parte com formação

profissional definida e empregados de grandes firmas e indústrias alemãs que se instalaram no Brasil” (MORAES, 1996, p. 160).

Tais indivíduos alimentavam constantemente a perspectiva do retorno à *Vaterland*, diferentemente, por exemplo, do imigrante-camponês das regiões coloniais do sul do país. Estes, por sua vez, organizaram suas vidas desde o início da colonização no segundo quartel do século XIX, fincando raízes mais fortes na “nova pátria” além mar. Basta lembrar as políticas restritivas prussianas – principalmente da era Bismarck – relativas à emigração, que entendiam o emigrante como um fugitivo e traidor da nação, portanto, não seria bem recebido se voltasse (MAGALHÃES, 2000, p. 22).

1.3 OBJETIVOS PARA O NSDAP/BR

Certamente a empreitada nazista no Brasil não escapou – e ainda não escapa – isenta de controvérsias e debates, tanto no meio acadêmico, como dentro da sociedade⁶. O trabalho do NSDAP foi alvo de interpretações mirabolantes, escapistas e inúmeras críticas, mesmo dentro da própria comunidade alemã, como abordaremos. Da “inocência alemã” – recorrendo até a figura do *Deutsch Michel* desengonçado⁷ – à conspiração mundial nazista, as visões sobre a ação partidária dos *nazis* abundam entre os anos 1930 – 1940.

Por mais “calor” momentâneo que algumas obras puderam captar, não nos deteremos aos trabalhos dos contemporâneos, pois poucos escritos da época servem

⁶ Recentemente, o lançamento de uma obra do ex-embaixador do Brasil em Washington, Sergio Correia Costa (2004), *Crônicas de uma Guerra Secreta*, trouxe ao público geral um mapa da América Latina onde o continente estaria redefinido segundo as intenções da Alemanha Nazista. O furor causado pelo trabalho reacendeu na mídia a questão do nazismo no Brasil.

⁷ O *Deutscher Michel*, figura que personificava o alemão (assim como o *Uncle Sam* nos EUA), sobretudo no século XIX, foi por vezes caricaturado para retratá-lo como um ingênuo camponês atabalhoado.

para fundamentar nossas assertivas acerca dos intentos nazistas – servem e serviram, outrora, mais para legitimar os empregos dos escritores⁸. Buscamos fundamento, portanto, na historiografia que trabalhou com o tema e que, com algumas divergências interpretativas, trata com mais respaldo documental a questão.

As justificativas da historiografia para a presença de núcleos do NSDAP em determinadas localidades (e não em outras) ainda são conflitantes. Teria o partido, no Brasil, objetivos fixos a ponto de escolher lugares estratégicos, indicando assim intentos bem definidos? Ou os núcleos surgiram de forma “espontânea”, da iniciativa de particulares?

Acreditamos que não existem razões para abandonar uma proposta em função da outra, principalmente se levarmos em conta a cronologia da organização já exposta acima. Gertz demonstra como era relativamente fácil, nos primeiros tempos (meados dos anos 1920 até 1933) tornar-se chefe do NSDAP no exterior: “Em geral era nomeado dirigente partidário quem escrevesse uma carta para a Alemanha, apresentando-se como membro do partido” (GERTZ, 1987, p. 78). Este é o caso do Paraná, como apontaremos adiante.

Contudo, torna-se difícil pensar que a autorização para a instalação ou formalização de um núcleo não levava em consideração alguns critérios, principalmente a partir de 1933-34, quando as bases da organização nacional já estavam assentadas. Quais critérios? Temos alguns indícios relativos ao nosso estudo para o caso paranaense. Contudo, torna-se difícil afirmar generalizadamente. Enfim, a presença da AO, interferindo diretamente na organização e “fundando” definitivamente o partido no

⁸ De uma forma geral esses trabalhos de cunho jornalístico e/ou policial entendem o nazismo no Brasil como sendo imbuído do intento de preparar a anexação do sul à *Großdeutschland* (Grande Alemanha). Seria, portanto, uma máquina extremamente eficaz, capaz de estender seus tentáculos sobre toda comunidade alemã, aparelhando, através da propaganda e espionagem, um imenso “cavalo de tróia”.

Brasil, pode ser levada em conta para contrariarmos a adoção “pura” da tese da ausência de diretrizes⁹.

É importante fazermos uma ressalva no que diz respeito aos projetos nazistas para o Brasil. Faz-se necessária uma distinção entre a ação concreta do partido e os “possíveis” intentos da Alemanha nazista. Como afirma Bertonha: “há indícios de que Berlin nunca teve planos reais de invadir a América Latina ou de usar as comunidades alemãs do sul do Brasil ou da Argentina como quinta coluna” (BERTONHA, 2003, p. 7). Os interesses de Hitler, dos quais os historiadores têm respaldo concreto, se direcionavam basicamente para conquista da Europa e do *Lebensraum* na URSS. Qualquer especulação deve ser avaliada com cuidado, para não incorrerem aos mesmos erros dos que escreveram no fervor do momento. Robert Newton, ao trabalhar com a questão no nazismo na Argentina, sintetiza o problema:

Atualmente, há consenso entre os historiadores sobre o fato de que Hitler, a autoridade estratégica suprema da Alemanha, não teria nenhum interesse na Argentina ou na América em geral. Acerca disto, o registro historiográfico é confuso: neste caso, devido às afirmações que de vez em quando deixavam escapar integrantes do Partido Nazista sobre ambições mais amplas da Alemanha na América, também, a vontade dos jornalistas europeus refugiados de tomar tais afirmações ao pé da letra e a preferência de certo funcionários estadunidenses pelas especulações a respeito do pior dos futuros prováveis (NEWTON, 1995, p.29).

Ainda acerca dos intentos do partido, Marionilde Brepohl destaca o papel da AO na distribuição das diretrizes para o NSDAP no Brasil. A autora aponta alguns objetivos definidos para o trabalho partidário: contrapropaganda sobre os adversários do movimento, recrutamento de um “exército de reserva” para o caso de um conflito militar, arrecadação de recursos para o partido na Alemanha, contribuição com

⁹ Gertz afirma que “até 1936 não é possível detectar absolutamente nada de uma estratégia na atividade nazista no Brasil. Pode-se por isso partir do pressuposto de que o que aconteceu até ali foi um desenvolvimento ‘espontâneo’ [...]” (GERTZ, 1987, p. 80).

informações para possíveis transações comerciais e apoio a política externa do III Reich (MAGALHÃES, 2000, p. 135).

Brepohl também faz menção aos “dez mandamentos” do *Auslandsdeutsche*, uma lista de recomendações que a AO indicava como procedimento padrão para súditos no exterior. Em um impresso intitulado “*Was Du als Nationalsozialist im Ausland zu beachten hast*”¹⁰ (O que você como nacional-socialista no exterior deve observar) encontramos as seguintes instruções:

1. Respeite as leis do país em que te hospedas. / 2. Deixe a política do país hospedeiro seja feita pelos seus habitantes. A política interna de um país estrangeiro não te interessa. Não se misture nela, nem sociavelmente. / 3. Professe-se sempre e em toda parte como um partidário. / 4. Fale e aja sempre de modo que seja honrado o movimento nazista e dessa forma a nova Alemanha. / 5. Veja em cada alemão de fora teu camarada, uma pessoa do teu sangue, tua índole e da tua essência. De a ele a mão sem olhar sua situação. Somos todos administradores do nosso povo. / 6. Ajude de coração teu camarada alemão de coração mesmo sem ser solicitado, quando ele estiver imerecidamente na miséria. / 7. Não seja apenas membro, mas também camarada em armas na linha de frente. Informe-se rigorosamente sobre o caráter, o conteúdo e datas do nosso movimento. / 8. Construa e lute dia a dia a união de cada alemão honesto em nosso movimento. Convença-os da necessidade da nossa vitória, para que a Alemanha continue viva! Lute com armas espirituais. / 9. Leia o estatuto do nosso partido, nossos informativos e livros. / 10. Aproxime-se dos partidários que lhe estão próximos. Estabeleça lá um ponto de apoio ou um grupo local e seja ele disciplinado e colaborador. Não se envolva em nenhuma briga, ao contrário faça todo esforço para impedir qualquer conflito que se inicie.¹¹

¹⁰ *Auto de declarações prestadas por Kurt Maeckelburg* (anexo). 23/12/1938. Pront. 2305, Top: 407, “Kurt Maeckelburg”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹¹ 1. Befolge die Gesetze des Landes, dessen Gast du bist. 2. Die Politik Deines Gastlandes lasse dessen Bewohner machen. Dich geht die Innen-Politik eines fremden Landes nichts an. Mische Dich nicht in diese, auch nicht gesprächsweise. 3. Bekenne Dich stets und überall als Parteigenosse. 4. Sprich und handle stets so, daß Du der nationalsozialistischen Bewegung und damit dem neuen Deutschland ehre machst. 5. Sieh' in jeden Deutschen draußen Deinen Volksgenossen, einen Menschen Deines Bluts, deiner Art und Deines Wesens. Gib ihm die Hand ohne Ansehen seines Standes. Wir sind alle „Schaffende“ unseres Volkes. 6. Hilf von Herzen und aufgefordert Deinem Deutschen Volksgenossen, wenn er unverschuldet in Not geriet. 7. Sei nicht nur Mitglied, sondern auch Mitkämpfer in vorderster Linie. Unterrichte Dich genau über Wesen, Inhalt und Zeit unserer Bewegung. 8. Werbe und kämpfe Tag für Tag um den Beitritt jedes ehrlichen Deutschen in unsere Bewegung. Ueberzeuge ihn von der Notwendigkeit unseres Sieges, auf daß Deutschland weiter lebe! Kämpfe mit geistigen Waffen. 9. Lies unser Parteiorgan, unsere Druckschriften und Bücher. 10. Schließe Dich den Parteigenossen in Deinem Aufenthaltsort an. Besteht dort ein Stückpunkt oder einen Ortsgruppe, so sei ihr ein disziplinierter und rühriger Mitarbeiter. Stifte nicht nur keinen Streit, sondern sei mit allen Kräften bemüht, aufkommende Uneinigkeiten zu schlichten.

Os itens 1 e 2 demonstram uma ampla visão da AO sobre a situação local do NSDAP, após as primeiras experiências com a organização. As recomendações quanto à maneira de agir dos nazistas no exterior reflete mais um cuidado interno, no sentido de não atrair transtornos na obra do partido, do que uma ausência de subversividade¹²:

O que podemos depreender dessas instruções é que a empreitada dos partidários tinha um objetivo fixo, que não incluía a política brasileira ou arregimentação dos luso-brasileiros para as fileiras do partido. Como aponta Moraes:

[...] nunca houve qualquer indício que demonstrasse o seu interesse em participar do jogo político brasileiro, buscando conquistar, através de pleitos eletivos, cargos ou mesmo funções em espaços formalizados de gerência do Estado ou mesmo ao nível legislativo (1996, p. 120).

Como já afirmamos acima, o nazismo era para os alemães (*Reichsdeutsch*), conseqüentemente, além das mencionadas diretrizes, encontram-se outras que proibiam os militantes de propagar as idéias aos estrangeiros. Entretanto, os “peixes” teuto-brasileiros fisgados pelo partido certamente não foram lançados fora. A adesão de grupos *Volksdeutsche* – alemães nascidos no exterior – ao nazismo gerou uma situação conflituosa frente aos governos dos países hospedeiros.

Nesse sentido, um memorando escrito na reunião dos chefes de missão na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, em julho de 1938, sugeriu “*uma separação orgânica dos nacionais alemães e dos Volksdeutsche [...] Os Volksdeutsche, em princípio devem ter suas próprias lideranças*” (grifo nosso)¹³. Não podemos esquecer que, no Brasil, este é o momento de início da repressão aos partidos estrangeiros e, logo,

¹² O conceito de subversividade aqui utilizado não se baseia no entendimento comum do termo, ou seja, uma atuação ordenada, realizada por agentes internos, que objetivam demolir um sistema político, econômico ou social. Caracterizamos como subversivas as ações de insubordinação contra instituições, leis, e regras estabelecidas pelo governo brasileiro, bem como qualquer tentativa de ganhar influência entre os governos nacional e estadual. Sobre essa discussão, ver Seitenfus (2003).

¹³ *Relatório do Embaixador alemão na Argentina ao Ministério do Exterior* – 2 de agosto de 1938. Documents on German Foreign Policy 1918 – 1945. Série D, Volume V. (O III REICH..., 1968. p. 103-109)

os conflitos se acirraram, o que também serve para justificar o conselho de “separar” (porém, não abandonar) os *Volsksdeutsche* dos *Reichsdeutsch*.

Contrariando a tese de que o NSDAP tinha pouca, ou nenhuma, objetividade no seu trabalho no Brasil, Brepohl analisou uma série de textos, que circularam entre 1932 e 1936, direcionados à elite do partido, com o intuito de coordenar a ação partidária:

Os textos citavam as regiões de concentração da população teuta do mundo inteiro, traçavam seu perfil sócioeconômico, político e cultural, o número de associações étnicas existentes, suas principais datas festivas e periódicos, bem como a dificuldade que enfrentavam em face da legislação vigente no país de hospedagem [...] as células do NSDAP instalar-se-iam em regiões onde se observasse uma homogeneidade cultural, política e ideológica em torno da causa germânica. Para estas regiões seriam enviadas pessoas com variadas especializações profissionais e que pudessem rapidamente conhecer o campo em que iriam atuar (2000, p. 140).

Seitenfus vai além e postula uma organização do NSDAP/BR muito bem estruturada quanto aos desígnios. Segundo o autor, o Brasil tinha razões para temer o movimento hitlerista e, nos primeiros tempos (1929 – 1938), o governo não deu a devida atenção ao avanço do partido. A partir de 1934, com a ascensão de Hans Hering von Cossel à liderança nacional e sob o comando direto de Berlim, os nazistas colocaram em prática “um impressionante sistema de infiltração e de propaganda entre os alemães do estrangeiro, [aumentando] sensivelmente suas atividades, tornando-as ostensivamente subversivas e anti-brasileiras” (2003, p. 30).

Dentro deste “impressionante sistema” de propaganda, o autor destaca a utilização das escolas germânicas pelo nazismo (através de subsídios e materiais vindos da Alemanha), como instrumento de propagação do ideário entre a comunidade teuta e reafirma o atraso do governo em perceber a situação.

A abordagem de Seitenfus levou em consideração a influência Alemã no Brasil, na década de 1930, de uma forma ampla. Nesse sentido, concordamos com o autor ao visualizar o peso que a Alemanha representava para as relações econômicas e políticas

do país na Era Vargas. Como exemplos, podemos citar o amplo domínio que os capitais germânicos tinham sobre as comunicações aéreas no país e mesmo a considerável presença de alemães na região sul.

Não obstante, a historiografia tende a visualizar o NSDAP (entendido como a seção brasileira) fora da órbita da grande ameaça à integridade do país. Além do mais, se esteve a ponto de sê-la, a repressão a partir de 1938 e, mais intensamente, a partir de 1942 eliminou qualquer possibilidade. Sem dúvida, o NSDAP/BR não controlava as linhas aéreas e nem as colônias do sul do país. Portanto, faz-se necessário levantar esse raciocínio que separa o que temos chamado de NSDAP/BR (seção brasileira do Partido Nazista) e o III Reich como um todo.

Todavia, no que tange especificamente os objetivos e a ação do partido, o próprio Seitenfus coloca:

As atividades do NSDAP são variadas e numerosas. Paralelamente à organização do lazer, esportiva e benemerente, acrescentam-se ações francamente subversivas e antibrasileiras, o boicote social e econômico dos opositores, os exercícios paramilitares, as saudações hitleristas e as cerimônias de juramento de fidelidade ao III Reich. *Na verdade, o NSDAP visa apenas à identificação total dos alemães no exterior com as diretrizes de Berlim, ao agrupamento dos brasileiros de origem alemã e dos cidadãos alemães que vivem no Brasil e sua adesão à doutrina nacional-socialista* (grifo nosso) (2003, p. 33).

Os trabalhos de Moraes e Dietrich trazem definições mais empíricas acerca objetivos partidários. De outra forma, saindo do plano dos papéis e discursos, estes autores procuraram mostrar o que *o partido* objetivou, e efetivamente empreendeu. Sem dúvida, algum militante e/ou contemporâneo sonhou com a “Alemanha Antártica”, com o “Cavalo de Tróia” e mesmo, mais modestamente, com um partido muito bem organizado e unido em objetivos e sucessos.

Entretanto, essas abstrações não aconteceram e aquilo que seria talvez “automático” transformou-se em conflito. Estamos falando a respeito de um dos

objetivos que Moraes propõe para a pauta do NSDAP/BR: a disputa pela legitimidade na direção da comunidade alemã.

Começemos a tocar nesta questão com uma citação, extraída de uma carta de protesto da colônia alemã de Curitiba contra o NSDAP – sobre a qual nos debruçaremos no Capítulo II:

Agora, porém, aparece a N/S/D/A/P e quer impôr a toda a manifestação da colônia seu selo e cunho de partido; qualquer organização e instituição [com a] alma germânica aqui eles querem meter com sangue frio debaixo do tacão de suas botas. Os que criaram estas cousas aqui são brasileiros – de descendência alemã – e alemães nativos, que já há muito estão no país. Nós criamos estas cousas muito antes da época de Adolf Hitler. E não temos absolutamente nada que vêr com a N/S/D/A/P (sic).¹⁴

Quando abordamos o mote do perfil dos partidários da seção brasileira do Partido Nazista, verificamos que quase a totalidade dos militantes era formada por *Reichsdeutscher*, que de alguma, forma haviam experimentado os dissabores da Grande Guerra. Entretanto, observando esta carta é possível constatar que os personagens referidos são outros. A chamada colônia alemã de Curitiba é aqui apresentada sendo composta por teuto-brasileiros e alemães natos “que já há muito estão no país”. São, portanto os “criadores” da colônia “muito antes da época de Hitler”. O autor do documento estava se referindo às famílias de imigrantes do século XIX, das quais são descendentes, criadoras das sociedades, clubes e organizações teutas do Paraná.

Fizemos questão de mencionar este documento para analisarmos a dificuldade da empreitada do NSDAP. Aparentemente natural, na lógica nazista e no calor do momento: a Alemanha humilhada e destruída pela guerra se reergue sob a sombra da suástica. “O Nacional-socialismo salvou a nação”; Estado e partido se fundem e a coerência é: todo alemão deve ser nazista. Por esse raciocínio a receptividade da

¹⁴ *Aus dem deutschem Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP*. 1936. Fls. 26-32. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

comunidade germânica deveria ser completamente diferente daquela contida no protesto. Entretanto, a ação partidária imbuída dessa presunção e truculenta na tentativa de impor tal lógica gerou manifestações de repúdio aos militantes e ao Nacional-socialismo, como esta da carta acima.

Por se sentirem no direito de gerenciar os assuntos relativos à comunidade alemã – incumbência antes concentrada nos órgãos diplomáticos e em organizações de caráter étnico não-estatais – o NSDAP, de uma forma geral, tentou impor uma política elitista e excludente nos meandros das instituições germânicas existentes no país desde o século XIX (GERTZ, 1987, p. 85). Essas instituições tinham pouco ou nenhum vínculo com o Estado alemão. Como afirma Moraes:

não se trata de uma seção ou uma organização estatal ou para-partidária. Este tipo de sociedade, ao contrário, constituída no Brasil a partir de tipos dos mais diversos de iniciativa era juridicamente autônoma em relação ao Estado e a organizações congêneres na Alemanha (1996, p. 132).

Não raras vezes, vamos observar conflitos no interior dos clubes e sociedades germânicas entre as lideranças do NSDAP e membros da comunidade alemã. Obviamente, este padrão não pode ser verificado em todas as localidades. Dependendo das circunstâncias, as portas estavam abertas para a “nazificação”.

Em síntese, pensamos ser esse um objetivo imposto pela práxis: inicialmente, viam-se como líderes da comunidade alemã, uma vez que, sob seu próprio ponto de vista, *constituíam o Estado alemão (Führerstaat) e a nação alemã*; posteriormente, se obrigaram a disputar essa hegemonia contra os cultivadores do germanismo secular¹⁵.

Devemos também lembrar que o repúdio à ação do NSDAP/BR entre a comunidade alemã, na década de 1930, não significava automaticamente, como na carta

¹⁵ Não significa que germanismo e nazismo sejam excludentes em todos os casos. Pelo contrário, Brepohl e Gertz demonstraram como parte dos cultivadores do *Deutschtum* vislumbrou no nazismo um re-florescimento da germanidade. Sobre o assunto, ver Gertz (2000, p. 89-99) e Magalhães (2000).

acima, repúdio ao nazismo como projeto político de sucesso na Alemanha. De acordo com Dietrich (2001) e Gertz (1987), um número muito acima dos 2900 alemães filiados poderia ser incluído na ampla categoria de *simpatizantes* (os autores chegam a citar a cifra de 80% dos teutos). O ódio contra os *partidários*, como eram chamados, vinha muitas vezes da truculência com que agiam no seio dos grupos germânicos, utilizando-se de preconceito e pressões de todas as formas. Na mesma carta podemos ler:

O grupo local daqui da N/S/D/A/P soube organizar (sic) uma tal espionagem e mexerico e escarafunchamento dos sentimentos na colônia alemã, que a liberdade de opinião deixou de existir aqui tão bem como na Alemanha [...] Se é possível alcançar a união desejada, fustando deste modo as opiniões e boicotando ao mesmo tempo economicamente os outros, para nós parece duvidoso.¹⁶

Ainda sobre os objetivos partidários, Dietrich coloca que antes da existência de uma coordenação central, o Partido Nazista tencionava combater o comunismo e apoiar a eleição de Hitler na Alemanha (2007, p. 152). Após a centralização, com a coordenação da AO,

outros fins foram se agregando: a propaganda das idéias nacional-socialistas centradas principalmente nos discursos de Hitler, a formação de uma juventude hitlerista, a criação da Grande Comunidade Nacional (Volksgemeinschaft) de alemães residentes além da fronteira do Reich e, finalmente, repatriamento dos alemães que aqui moravam através de incentivos de trocas de câmbio favoráveis (2004, p. 1).

¹⁶ *Aus dem deutschem Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP*. 1936. Fls. 26-32. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Vários autores consideram como um dos intentos mais relevantes da ação do NSDAP no Brasil a propaganda partidária, centrada na idéia da formação da *Volksgemeinschaft*. De outra forma, a propaganda nazista buscava, no seu âmago, conservar ou construir os laços de nacionalidade, que mantinham os alemães unidos, mesmo estes estando fora da terra natal.

Nas diretivas da AO, citadas supra, podemos encontrar: “*Veja em cada alemão de fora teu camarada, uma pessoa do teu sangue, tua índole e da tua essência. De a ele a mão sem olhar sua situação. Somos todos administradores do nosso povo*”. E ainda: “*Construa e lute dia a dia a união de cada alemão honesto em nosso movimento. Convença-os da necessidade da nossa vitória, para que a Alemanha continue viva!*”

Para tal tarefa, o partido utilizava, na maioria das vezes, materiais de propaganda em português e alemão – impressos no Brasil ou na Alemanha. Outro método eram as reuniões privadas, para discutir a doutrina entre os cabeças ou para conquistar novos adeptos; ou públicas, festividades, geralmente relacionadas ao partido ou a datas comemorativas na Alemanha, como o 1º de maio (MORAES, 1996, p. 127). Além disso, alguns periódicos da chamada imprensa teuto-brasileira, como os jornais *Deutsche Zeitung* (RS) e o *Deutsche Morgen* (SP), também eram canais de propagação da ideologia nazista.

Podemos então, grosso modo, definir dois grandes objetivos – estes efetivamente empreendidos de alguma maneira – no que concerne à ação da seção brasileira do Partido Nazista: (1) A construção/manutenção da *Volksgemeinschaft*, no sentido de unir os alemães do exterior dentro do constructo de nacionalidade, com características definidas pela doutrina nacional-socialista; (2) como consequência do primeiro, o NSDAP pelejou para alcançar o domínio sobre as comunidades alemãs

espalhadas pelo país; obra que, como vimos, esteve longe de ser sem embaraços e bem sucedida na sua totalidade.

Dietrich ainda afirma que

no âmbito internacional, o partido visava incentivar as relações comerciais, políticas e culturais entre o Brasil e a Alemanha por intermédio dos partidários presentes na Embaixada e representações consulares da Alemanha no Brasil (2007, p. 56).

Ainda que de passagem, podemos mencionar a questão da espionagem, que aparece com recorrência, principalmente na literatura jornalístico-policial dos anos 1942 – 1945. Atualmente, com trabalhos como os de Stanley Hilton (1983) e Priscila Perazzo (1999), sabemos que raras vezes membros da seção brasileira do NSDAP trabalharam em serviços de espionagem para o III Reich. E quando isso acontecia – geralmente nos anos beligerantes, quando já havia se iniciado a caça aos nazistas no Brasil – as ligações do espião sempre eram diretas com a *Abwehr*, não passando pela pauta do partido as ações de espionagem. Cabe lembrar que, se o partido se propusesse a tal trabalho estaria entrando em conflito com a própria *Abwehr* (especializada e responsável por esse assunto na hierarquia do III Reich) e com as diretrizes da AO.

Temos traçadas, portanto, as linhas gerais da feição da seção brasileira do Partido Nazista. Como afirmamos no início, não é nosso intuito esmiuçar todos os aspectos dessa organização. Alguns trabalhos já fizeram reconhecidos levantamentos dessa estrutura. Debruçaremos agora a atenção sobre a questão da ação nazista no estado do Paraná. Intentaremos, de certa forma, confrontar esse perfil desenhado até aqui com o caso paranaense, no intuito de verificar por quais caminhos os nazistas no Paraná operaram. Em um segundo momento, nosso foco se fixará no desmonte dessa estrutura partidária e, a reboque, na perseguição policial aos “alemães” no estado.

CAPÍTULO II – O NSDAP NO PARANÁ

No ano de 1942, o renomado jornalista Mário Martins cobria os eventos do conflito mundial na Inglaterra, quando foi congratulado por um funcionário do *Foreign Office* devido a uma de suas obras. Verificando o engano cometido pelo inglês, Martins afirmou que jamais publicara qualquer obra com o título que lhe fora apresentado: *Hitler guerreia o Brasil há dez anos*; publicara sim, uma série de reportagens sobre a infiltração nazista nos estados do sul, que recebia o mesmo título. A insistência dos britânicos levou o autor a ser presenteado: pasmo, recebeu em mãos a obra *Hitler guerreia o Brasil há dez anos*, de sua autoria – como lhe haviam afirmado. O *Foreign Office* tinha vários exemplares (MARTINS, 1996, p. 76).

O livro havia sido editado pelo governo do estado do Paraná sem qualquer consulta ao autor. Para tanto, foram reunidas as reportagens que Martins publicou no jornal curitibano “O Dia”. Possuía no seu término uma separata intitulada *A infame trama nazista no Paraná* relatando, jornalisticamente e num tom de denúncia, os espaços de ação e as estratégias de penetração do NSDAP no seio da comunidade alemã paranaense.

Escritas no início da Campanha de Nacionalização imposta pelo governo Vargas e pela iniciativa de alguns governos estaduais – 1938, numa escala nacional –, as reportagens de Martins tencionavam demonstrar à população a ameaça do Partido Nazista nas regiões de população teuta no sul do Brasil. Não tardou para que o tom acusatório de manchetes como “Reich rouba jovens do Brasil”, “Tropas nazistas no Brasil”, “Salvemos as nossas crianças” se transformasse em panfleto contra o “quintacolonismo”, por intermédio da iniciativa autoritária do governo Manoel Ribas no estado do Paraná.

O prefácio da obra, elaborado pelo irmão de Mário, o historiador paranaense Romário Martins, traz apelos patrióticos – assim como em boa parte de seu conteúdo – conclamando os brasileiros a cumprirem um *dever perante a nossa Pátria*, em face à “traição” que estava sendo engendrada no sul do país:

O nosso país estava sendo trabalhado por forças que subrepticamente aqui preparavam o momento em que seríamos vizados pelas mesmas armas que agrediram povos de todos os continentes, na mais cruel e odiosa das conquistas. [...] Quem manifestar dúvida sobre a existencia dessa traição, já é por isso mesmo dissimulado traidor da defesa do Brasil (sic) (MARTINS, s/d, p. 6).

Como já foi indicado no capítulo anterior, esse tipo de literatura acreditava em uma tramóia nazista para tomar os estados do sul através da grande comunidade teuta ali localizada. Do mesmo modo, as reportagens de Martins direcionadas à questão do nazismo no Paraná apontam para essa perspectiva e maximizam o tema. No entanto, tendo acesso a documentos apreendidos pela polícia política do Paraná, o autor traz valiosas informações sobre a organização do *Kreis* (Círculo) paranaense do partido, o que nos serviu como um dos pontos de partida para pensarmos as questões-chave deste trabalho: qual a dimensão da atividade nazista no Paraná? Por quais meios o NSDAP atuou? Enfim, houve uma *infame trama nazista no Paraná*?

Antes de responder tais questionamentos e como preâmbulo para o tema central, faz-se necessário o apontamento de alguns aspetos e números acerca da imigração alemã para o sul do Brasil e especificamente para o Paraná.

2.1 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO PARANÁ

O Brasil foi o segundo país da América em número de imigrantes alemães, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. A concentração desses imigrantes se deu principalmente na região sul do país, merecendo destaque os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

De acordo com a historiadora Marionilde Brepohl, a primeira fase da imigração teuta para o sul corresponde aos anos 1824 – 1870. Neste período, tanto o estímulo do Governo Imperial brasileiro quanto à iniciativa de interesses regionais fomentaram esse processo. Como exemplo, no caso do Rio Grande do Sul, estado que mais recebeu imigrantes dessa etnia, destaca-se o intento dos pecuaristas interessados no desbravamento das regiões e na formação de um mercado consumidor. Em geral esses imigrantes “recebiam” pequenos lotes de terras com o fito de trabalharem na lavoura, (2000, p. 20) evitando, dessa forma, a concentração fundiária.

Nesta mesma fase, podemos observar uma subcorrente imigratória que corresponde ao ano de 1848, ligada à derrocada dos movimentos liberais na Confederação Germânica. No bojo desse movimento, vieram para o Brasil indivíduos mais ligados à vida urbana como intelectuais, artesãos e operários.

De uma forma geral, os imigrantes dessa primeira etapa não se mantiveram inteiramente ausentes da política e muito menos enclausurados nas regiões rurais de colonização. Por se apresentarem poucas perspectivas de regresso à Europa, alguns alemães deslocavam-se para áreas urbanas em busca de novos horizontes, além de requisitarem continuamente uma maior possibilidade de acesso aos assuntos públicos.

Gertz demonstrou a participação política dos teutos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Com relação ao berço da presença alemã no Brasil, São Leopoldo – RS,

o autor afirma que “o impulso para que os teutos finalmente conquistassem uma certa influência política, ao menos no plano local, é tradicionalmente atribuído à ‘geração de 1848’” (1987, p. 81).

A segunda fase caracteriza-se pela chegada de grandes levas de imigrantes da Alemanha pós-unificada; indivíduos com uma ligação mais forte em relação ao seu lugar de origem e zelosos pela manutenção da cultura. Criaram aqui o costume de se associarem com finalidades variadas: de sociedades de auxílio mútuo a grupos de cantores. Segundo Magalhães, “em Curitiba, por exemplo, entre 1856 e 1926, são fundadas cerca de cinquenta entidades, algumas de vida efêmera, outras de mais longa duração” (2000, p. 33); para o ano de 1929, Helmuth Abeck registrou a existência de mais de uma centena (1980, p. 17). Constantemente, essas associações assumiam um caráter para-estatal, tomando conta de questões referentes à vida da comunidade alemã, nas quais o Estado não atuava.

O contexto da virada do século até a Segunda Guerra Mundial representou outro impulso na imigração germânica para o sul do país. A valorização do trabalhador branco e livre, em oposição ao escravo negro e as idéias de “branqueamento” da população, inseriam-se no discurso contemporâneo para incentivar o movimento imigratório.

Na ordem do dia, contudo, também estavam as necessidades de mão-de-obra para os grandes centros, bem como o imperativo de suprir o problema do abastecimento – daí a continuidade da distribuição de pequenos lotes agrícolas aos imigrantes nas áreas rurais. Com essa política de incentivo à imigração – até mesmo quando não faltavam mais braços – formava-se também um exército excedente de mão-de-obra, extremamente útil para o controle dos trabalhadores e do valor dos vencimentos.

No entre guerras, os imigrantes *Neudeutsche* (como eram chamados os alemães dessa última corrente) ampliaram o interesse pela prática associativa, iniciada no século

XIX. No entanto, agora fortemente imbuídos de um princípio unitário étnico, “visto não apenas como um fator cultural, mas político” (MAGALHÃES, 2000, p. 41).

Os números sobre a imigração teuta no Brasil são controversos, por ser controverso o próprio conceito de *alemão* que eles carregam. As estatísticas dos censos nacionais não levavam em conta a origem étnica, mas sim o nascimento. Dessa forma, apenas alguns dados, extraídos de outras fontes, como o idioma falado, podem nos revelar a real proporção da população de origem alemã.

Gertz estabelece uma comparação entre o censo nacional e outros números de autores contemporâneos, principalmente alemães ou teuto-brasileiros. No século XX, o maior surto imigratório se dá entre os anos 1920 e 1929, quando, segundo o autor, podemos contar a entrada de 75.839 imigrantes teutos no Brasil, em contraste com os números na casa dos 20.000 no decênio anterior e posterior. A Primeira Guerra Mundial e seus efeitos destacam-se como os principais fatores que acarretaram esse surto.

Com relação aos três estados do sul pode-se mencionar para os anos 1930, contando imigrantes e descendentes: entre 520.000 e 600.000 para o Rio Grande do Sul, 220.000 e 275.000 para Santa Catarina e entre 70.000 e 126.000 no Paraná (GERTZ, 1987, 91). No caso paranaense, o número de alemães corresponde a 6,9% e 12,4% da população total, respectivamente, sendo que os números do censo de 1940 – que não levam em conta a descendência – apontam para 12.343 alemães residentes no estado¹⁷.

No Paraná, é a etnia alemã que inaugurou a presença de imigrantes. O primeiro registro se deu na região de Rio Negro, para onde teriam imigrado algumas famílias, em 1829, pela iniciativa de João da Silva Machado, o Barão de Antonina.

Em meados do século XIX, podemos encontrar registros da presença alemã em Curitiba e na Região de Ponta Grossa, fruto de novas iniciativas do Governo Imperial e

¹⁷ Os dados de Gertz (1987), extraídos de fontes germânicas, tomam o conceito “alemão” em um sentido mais amplo, considerando a descendência. Por isso as cifras diferem com relação ao censo de 1940.

da migração interna, principalmente da Colônia Dona Francisca, futura Joinville – SC. Em Curitiba, os teutos adquiriram lugar de destaque nas atividades comerciais e mesmo na produção de erva mate, dominando alguns ramos da indústria e comércio na *Belle Époque* (NADALIN, 1999, p. 221).

Contudo, é a partir da virada do século que encontramos um maior esforço do poder estadual para a ocupação do território paranaense através da mão-de-obra dos imigrantes, com destaque para os alemães. Mesmo que no discurso xenófobo das décadas de 1920 e 1930 a imigração patrocinada pelo estado seja rechaçada, é notável o incentivo propagandístico ao ingresso de indivíduos por iniciativa particular (MAGALHÃES, 2000, p. 37).

Werner Aulich dá destaque a algumas ondas imigratórias em pormenorizado estudo sobre as origens do elemento teuto no âmbito estadual. De acordo com o autor, entre fevereiro e setembro de 1829, teriam chegado 51 famílias alemãs ao território onde se localiza Rio Negro – quatro anos depois vieram mais 10 famílias. A partir de 1851, é possível perceber um movimento de migração interna desde Santa Catarina, principalmente de Joinville (Colônia Dona Francisca). A partir de 1856, temos a vinda das primeiras famílias de Roemerstadt (norte da Merovíngia), movimento que permaneceu por força de outras levadas até o fim do século (1953, p. 11).

Ainda segundo Aulich, entre 1877 e 1879, “alguns milhares de elementos germânicos” vieram do Rio Volga, Rússia, e no mesmo período, cerca de 100 famílias da Bukovina, que se fixaram principalmente na região da Lapa; no biênio 1907/1908, entre imigrantes holandeses, poloneses, rutenos, vieram algumas centenas de famílias alemãs; porém, o maior surto concentrou-se entre 1920 e 1935, motivado pelos acontecimentos bélicos na Europa (1953, p. 12).

Quanto à assimilação desses indivíduos à sociedade paranaense (leia-se luso-brasileira) no limiar da década de 1930, as fontes são escassas. Se tomarmos a utilização da língua alemã como referência, os dados do geólogo Reinhardt Maack, citados por Gertz, indicam que aproximadamente 71.000, do total de 126.000 alemães do Paraná ainda falavam o alemão regularmente; 40.000 não tinham nenhum conhecimento acerca do idioma dos pais.

Enfim, temos para a década de 1930, uma paisagem composta por uma forte presença de imigrantes alemães que vieram para o Paraná em várias leva migratórias desde o século XIX. Como já citamos, os números variam de 70.000 a 126.000 alemães e descendentes residindo no estado.

Essa paisagem deve ser completada levando-se em conta a importância desses indivíduos para o “desbravamento” das regiões inóspitas e suas posições na sociedade urbana paranaense. Sem dúvida, podemos afirmar que o crescimento econômico verificado em Curitiba, a partir da segunda metade da década de 1930, tem acentuada participação dos teutos, ocupando postos de destaque na indústria e no comércio; em certos casos, controlavam ramos inteiros destes setores. Entre 1920 e 1929, por exemplo, 45,3% das empresas curitibanas registradas na Junta Comercial do Paraná eram de responsabilidade de alemães (SOUZA, 2002, p. 18).

Regina Maria S. Souza, em dissertação de mestrado, mostra que, em 1932, o jornal *Gazeta do Povo* se referia à população imigrante como parte de um “futuro promissor” para Curitiba: “a reportagem utilizava-se da imagem do elemento estrangeiro como mão de obra ‘farta’ e os alemães, como portadores de requisitos diferenciados, inatos, empreendedores (...)” (2002, p. 19).

Entretanto, por compartilhar a tendência associativa, fundando clubes, escolas, jornais e sociedades “fechadas” de caráter étnico-cultural (sem falar nas colônias

agrícolas do interior) os teutos foram vistos com certa desconfiança desde fins do século XIX, sobretudo, para os adeptos da idéia da miscigenação embranquecedora. Essa percepção, como já assinalamos, via os agrupamentos gemânicos como “quistos raciais” inserido na sociedade. Tal ponto de vista acerca dos alemães se acentua quando temos a ascensão do nazismo e o início da ação do NSDAP no âmbito estadual. Nesse sentido, jornalistas, no fim da década de 1930, referiam-se à chegada do nazismo ao Paraná, como um perfeito encaixe entre idéias de Hitler e “a tendência alemã para o fanatismo”(MARTINS, s/d, p. 103).

Dessa forma, bem ou mal, é pouco provável que qualquer observador da década de 1930 descrevesse o Paraná sem falar do elemento germânico. É nesta paisagem que se insere o movimento político do Nacional-socialismo. Vitorioso na terra natal dos imigrantes ou de seus pais, o nazismo, corporificado no Circulo Paranaense do NSDAP, colocou-se como representante de toda uma bagagem histórica da comunidade alemã no estado. Essa intervenção se deu através de determinados canais, os quais tentaremos examinar a partir de agora.

2.2 O INÍCIO DA ORGANIZAÇÃO DO NSDAP/PR

Observado o cenário paranaense no que concerne à imigração alemã, iniciaremos o estudo da organização partidária. Nossa postura diante do NSDAP na circunscrição do Paraná, como objeto de estudo, é avaliar os intuitos, procedimentos e resultados do trabalho de *mediação política* entre os alemães (BERSTEIN, 2003, p. 57). De outra forma, tentaremos apontar os canais utilizados pelo partido para alcançar seu objetivo e ponderar os resultados obtidos, numa tentativa de desmitificar os discursos

dos agentes envolvidos, tanto na construção como no desmanche do Círculo paranaense do Partido Nazista.

A documentação aqui trabalhada reporta-se ao NSDAP/PR entre os anos 1933 e 1942, respectivamente, o ano da fundação do núcleo e o ano da *caça às suásticas* no Paraná, tomando emprestado o termo utilizado por Dietrich. Adotaremos esta temporalidade dividida em dois sub-períodos: o primeiro abrange da fundação do partido (1933) até a Campanha de Nacionalização empreendida pelo governo estadual e federal (1938); o segundo vai deste último marco até o período da perseguição aos nazistas, efetivada a partir da tomada de posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942 (C.f. Capítulo III).

No primeiro capítulo discutimos a questão da voluntariedade¹⁸ no que tange ao surgimento dos núcleos nazistas em determinadas regiões. De acordo com essa perspectiva, os embriões estaduais e/ou municipais do partido teriam surgido da iniciativa particular de um ou mais indivíduos, que enviavam correspondência à Berlin, para efetivar o registro da liderança partidária naquela região. Ora, no caso paranaense, se não perfeitamente, encontramos pelo menos alguns aspectos desse padrão no processo de construção do núcleo local.

Na documentação da DOPS, a trajetória do NSDAP/PR, no período 1933-1938, confunde-se com as iniciativas de seu líder máximo e fundador: Werner Hoffman, homem visto como responsável pelo “sucesso” do partido no Paraná, conseguindo atrair

¹⁸ O conceito aqui empregado se refere à ausência de qualquer coordenação inicial do NSDAP alemão no surgimento dos primeiros núcleos além-Reich.

para a órbita nazista “toda a colônia alemã [de Curitiba] composta de vinte e cinco mil almas”¹⁹.

Independente de todo discurso produzido pela polícia e pelo próprio Werner Hoffman a respeito dos êxitos desta organização, cabe-nos avaliar o papel desempenhado por esse indivíduo na construção e organização do núcleo paranaense. Certamente a maximização de suas conquistas serviu tanto para um lado (polícia política) quanto para o outro (a própria organização nazista), como veremos.

Figura controversa e recorrente no discurso policial paranaense do fim da década de 1930, Werner Heinrich Wilhelm Hoffmann nasceu na Alemanha, em 21 de abril de 1909. Solteiro, chegou ao Brasil em 1932, com 23 anos de idade. Antes de ser funcionário do Consulado Alemão de Curitiba, trabalhou na área de comércio, na “Casa Favorita”. Não tinha função definida no Consulado, a única menção nos documentos é o posto de caixa, o que nos leva a pensar sobre a veracidade de sua atividade junto a esta instituição.

Enfim, Hoffman teria levado uma vida dupla, entre o trabalho no Consulado e a direção do Partido Nazista, no período que vai de 1933 a 1938-39. Contudo, segundo a documentação, o reconhecimento formal da sua função de líder, por parte do NSDAP alemão, aparece tardiamente: somente em junho do ano de 1937 – portanto, dois anos antes de deixar o cargo – Hoffman teria sido reconhecido pelo Reich como “chefe provincial” (MARTINS, s/d, p. 16).

As referências mostram-se confusas quanto à trajetória final de Werner na América. A maioria dos documentos encerra sua presença no Brasil em 1939, quando teria saído através do porto do Rio de Janeiro. Não obstante, um apontamento da 5ª Região Militar, de 12 de dezembro de 1941, afirma que, após ser preso, Hoffman teria

¹⁹ Auto de declarações prestadas do Werner Hoffman. 27/06/1938. Fls. 18-19. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

despistado a polícia (início de 1939) e voltado a Curitiba para, logo em seguida, deixar a cidade e rumar à Argentina, onde fora preso em julho de 1940, na cidade de Apóstoles²⁰. Lá o nazista teria dirigido a Frente de Trabalho Alemão e seria administrador da usina elétrica local²¹.

Talvez a própria riqueza em detalhes desta “marcha” de Hoffman, apontada por esse documento, impeça-nos de descartar tal trajetória como possível. Também devemos levar em conta, que a ação no exterior dos partidos de características fascistas cruzava o globo com militantes indo e vindo, trocando e encaixando suas lideranças de acordo com as necessidades num processo transnacional (BERTONHA, 2000). Vale destacar ainda, nesse sentido, que antes de ser efetivado o seu processo de expulsão do território nacional, o próprio Consulado comunicou à polícia que Hoffman manifestou interesse em se ausentar do país, fato que corrobora a hipótese de uma possível transferência do líder nazista.

Ainda fundamentando essa proposição, consta no prontuário de Hoffman uma carta de sua autoria, enviada de Berlim ao Paraná, em 12 de abril de 1939. O destinatário era Erich Finmann, outro membro do partido, gerente de uma companhia alemã de colonização. A data condiz com o interregno entre sua saída do Brasil e sua possível prisão na Argentina.

Segundo o documento, Hoffman falou diretamente com Wilhelm von Bohle e chegou a receber o encargo de “fazer uma conferência sobre o Brasil [...] diante do corpo dirigente do partido e das forças armadas”. Teria tido, portanto, uma breve passagem pela Alemanha antes de rumar para sua nova empreitada. Pelas suas palavras,

²⁰ Localiza-se na província de Misiones, que faz divisa com Brasil e Paraguai, no noroeste da Argentina. Na década de 1930, Misiones concentrava cerca de 14.000 alemães, dentre estes um considerável número era proveniente do Brasil (NEWTON, 1995, p. 114).

²¹ *Relação nominal dos alemães, japoneses e brasileiros de origem alemã, fichados na 2ª seção do Estado Maior Regional considerados, pelos seus antecedentes como elementos mais perigosos, no momento, tais interesses da Segurança Pública do Estado do Paraná*. 12/12/1941. Fls. 24-26. Pront. 3024, Top. 452, “Otto Braum”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Hoffman parecia sem direção, aguardando uma posição da A.O. quanto ao seu destino: acreditava até ser possível uma indicação para a FLAK (Artilharia Anti-aérea Alemã), onde havia realizado treinamento militar por três meses, no ano de 1934.

Com relação ao nascimento do núcleo, em depoimento à polícia política, colhido em 1938, Werner afirmou “que em janeiro de mil novecentos e trinta e três, **por sua própria iniciativa**, [...] fundou nesta capital o núcleo do partido nazista e em abril do mesmo filiou-se a sede principal do Estado de São Paulo” (grifo nosso)²². Outra menção – esta um tanto confusa – aparece no primeiro depoimento que Hoffman prestou a então Delegacia Auxiliar, em julho de 1936:

no fim do ano de 1932 o declarante fundou uma sociedade denominada Partidário do Hitlerismo (sic), composta exclusivamente de súditos alemães, maiores de 18 dezoito anos [...] que o fito dessa Sociedade é a de manter e desenvolver o espírito de nacionalismo alemão [...]²³.

Aparentemente pode-se entender que a organização “Partidário do Hitlerismo” funcionou, por questão de um ou dois meses, como um embrião do núcleo nazista, efetivamente fundado em janeiro de 1933. Contudo, adjetivamos esse documento como “confuso”, pois não apresenta nenhuma referência à tradicional fundação do NSDAP/PR em 1933, recorrente na documentação. Esta referência tradicional só irá surgir em 1938, quando ocorre o segundo depoimento de Hoffman à polícia e então se reproduz em uma série de documentos.

Teria Hoffman romanceado um marco inaugural para o NSDAP/PR em janeiro de 1933 (ano da ascensão de Hitler na Alemanha)? Teria motivos para, em 1936, esconder o verdadeiro nome da organização? Poderíamos multiplicar as questões, ou mesmo finalizar na hipótese de um erro de compreensão do escrivão, o que era muito

²² Auto de declarações prestadas do Werner Hoffman. 27/06/1938. Fls. 18-19. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

²³ Ibid.

comum²⁴. Pensamos ser mais válido acreditar que Hoffman não queria falar em *Partido Nazista* no ano de 1936, uma vez que fora convocado para o depoimento devido à balbúrdia que o NSDAP fazia em Curitiba, através de desfiles da Juventude Hitlerista e da aparição de partidários uniformizados pelas ruas. Assim, era necessário não incomodar o país hospedeiro a fim de não chamar demasiadamente a atenção das autoridades e da população.

Enfim, a referência mais recorrente é a fundação em janeiro de 1933 e sua filiação, em abril do mesmo ano, à sede em São Paulo. A primeira diretoria foi organizada em 13 de abril e de acordo com declarações à DESPS-RJ (1939) “a N.S.D.A.P., tornou publico suas atividades, dentro do ideal alemão, em vinte de Abril de mil novecentos e trinta e três, data do aniversaria (sic) do ‘Führer’”²⁵.

Por meio de alguns depoimentos, constatamos que uma fotografia foi tirada no dia da festa de fundação do Círculo estadual, onde aparecem os primeiros militantes, alguns convidados, as lideranças e o chefe nacional do NSDAP/BR, Hans Hering von Cossel²⁶.

Quanto à sede do Círculo, Ricardo Kempfer afirmou em depoimento que a fundação do núcleo ocorreu no “parque Cruzeiro”, no Batel, sendo ali a primeira sede do NSDAP/PR. Mais tarde, “um apazível palacete sito no Alto Cabral” (como dizia o anúncio de aluguel)²⁷ com requintada fachada composta por colunas gregas, localizada

²⁴ O primeiro depoimento de Hoffman se dá em 1936, momento no qual o partido tinha liberdade de atuação em todo território nacional; Werner foi convocado para prestar declarações devido a uma investigação – independente de qualquer política repressora de Estado – empenhada pela Delegacia Auxiliar, predecessora da DOPS.

²⁵ *Auto de declarações prestadas por Werner Hoffman a DESPS/RJ*, 24/02/1939. In: *Semana Policial*, Curitiba, 1 mai. 1939. In: Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

²⁶ A fotografia não foi encontrada no Arquivo Público do Paraná.

²⁷ O DIA, 02/08/1932, p. 7.

na Av. Anita Garibaldi, passou a sediar o partido. A Gustloff-Haus²⁸, como era denominada, acolhia não só o NSDAP/PR, como também a Juventude Teuto-Brasileira. Para sua inauguração foi organizada uma festa que contou com a “presença oficial do partido NSDAP, frente de trabalho, Consul, Juventude teuto-brasileira, moças alemãs” (sic)²⁹. Acreditamos que a foto da *ilustração 1* – em seu contexto original sem legenda – refere-se à cerimônia inaugural da nova sede.

De acordo com o próprio Hoffman, após a montagem da organização, a primeira iniciativa do NSDAP foi a “escalada” para influenciar e – na melhor das hipóteses – tomar a liderança das sociedades e clubes teuto-brasileiros da capital do estado.

²⁸ O nome da casa, comum às sedes do NSDAP, era uma homenagem ao partidário Wilhelm Gustloff, transformado em mártir pelo Terceiro Reich, por ter sido supostamente assassinado por um judeu na Suíça em 1936.

²⁹ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Ilustração 1 – Gustloff-Haus, sede do NSDAP/PR



Fonte: Pront. 770, Top. 316, “Clement Banach”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

2.3 CLUBES E SOCIEDADES GERMÂNICAS: O “ASSALTO” NAZISTA E O CONFLITO COM OS NÃO-PARTIDÁRIOS

Como vimos no capítulo anterior, uma das finalidades do partido era formar uma grande comunidade de alemães residentes no exterior a partir de um conceito de germanismo, com face nacional-socialista. Também assinalamos a existência, no Paraná, de considerável número de sociedades e clubes teuto-brasileiros, fundados a partir da segunda metade do século XIX. Essas associações possuíam natureza diversa e agrupavam uma parte vultosa dos alemães habitantes no estado.

A partir de 1933, com a fundação do núcleo paranaense do NSDAP, podemos perceber um elemento, se não novo, mas visível de dissonância política no bojo dessas entidades; muitas delas, inclusive com um caráter apolítico, mergulharam no dilema da adesão ou não a uma doutrina política que chegara ao poder na pátria-mãe.

Para o caso de Porto Alegre, Silva mostrou que a luta por uma identidade genuinamente teuto-brasileira nas associações foi o cerne das discussões a respeito da adesão ou não ao nazismo. Segundo a autora, “se delineava claramente uma cisão na germanidade da capital entre ‘alemães do reino’ e teuto-brasileiros” (2006, p. 208). Os nazistas procuraram fomentar a aderência das agremiações a órgãos de gerência do *Deutschtum* no exterior, como a *Verband Deutscher Vereine*, gerando um conflito com o associativismo teuto de caráter brasileiro, que recusava o nazismo. Essa situação também é visível no Paraná.

Como veremos, membros da comunidade germânica de Curitiba (brasileiros de ascendência germânica e alemães do reino, com raízes mais profundas no Brasil), não aceitando “entregar” seus clubes de “presente” ao Partido Nazista, manifestaram-se tanto contra o Círculo estadual, como contra o Nacional-socialismo.

Além disso, a prática agressiva do NSDAP/PR também gerou um afastamento ou uma busca por neutralidade diante da ação do Círculo estadual entre as agremiações teutas. Como já foi apontado, Gertz assinalou que para os alemães do Rio Grande do Sul nem sempre a adesão ao nazismo significava uma aceitação da *tutela do NSDAP* local sobre suas vidas e entidades. Manifestações de repúdio aos partidários não traziam obrigatoriamente a reboque uma rejeição ao Nacional-socialismo. Nesse sentido, a fala de Alberto Bins, então prefeito de Porto Alegre, citada por Gertz (1987) é significativa:

Mas isso de ter simpatia ao de ser partidário do hitlerismo há uma grande diferença, mormente tendo também dado a conhecer inconvenientes em se trazer para o estrangeiro a opinião de determinado credo político. Por isso repito: sempre achei que a propaganda hitlerista fica bem na Alemanha, mas nunca no Brasil (1987, p. 83).

Sem dúvida o grande interesse dos nazistas em assumir o controle ou influenciar essas sociedades se insere no empenho de arregimentar adeptos, de forma quase que automática, para órbita nazista. Tal controle sobre as sociedades não significava uma filiação imediata dos sócios ao NSDAP, porém, seria o primeiro passo para a penetração da propaganda ideológica na comunidade alvo.

O início da ação nazista frente às sociedades e clubes germânicos de Curitiba aparece na documentação em uma data marcante: 20 de abril de 1933, dia do aniversário de Hitler. O partido teria celebrado nesta data a primeira festa, das muitas relatadas nos documentos, em comemoração a esse marco especial no calendário do III Reich. Hoffman apresenta este feito como o início da “batalha decisiva” para a conquista das sociedades.³⁰

Observando as expressões empregadas pelos partidários ao se referirem à incorporação dessas associações ao nazismo – como “golpe” ou “golpe de mestre”

³⁰ *Auto de declarações prestadas do Werner Hoffman*, 27/06/1938. Fls. 18-19. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

(*Husarenstück*)³¹, assim como “tomar de assalto” –, é possível notar a utilização de uma linguagem bélica; um palavreado que é indicativo da espécie de conduta que os nazistas adotaram frente à comunidade germânica.

A idéia de *Anchluss* nos clubes e sociedades, defendida pela literatura policial da época, é aqui aparente no linguajar dos próprios militantes, que entendem como um dever – assim como era para Hitler, por exemplo, a anexação da Áustria – a incorporação das sociedades, mesmo que fosse “de assalto”. Isso nos remete a uma questão levantada no capítulo anterior. Aquilo que poderíamos chamar de *naturalidade aparente* na visão dos nazistas, também é perceptível quando estudamos as investidas do NSDAP/PR sobre essas agremiações. Como um cálculo automático: “se o clube é germânico, logo deve ser nazista”.

O próprio Wilhelm von Bohle, número um da *Auslandsorganization*, teria dito nesse sentido que o “objetivo final” dos grupos regionais do NSDAP era a *Gleichschaltung* (unificação forçada). Para Müller, isso significava “assumir a direção das organizações da comunidade alemã que tinham reputação e dinheiro, e podiam servir para propagar as idéias nacional-socialistas” (MÜLLER, 1995, p. 91).

De acordo com Silva, o *Anschlusses* se dava através das entidades voltadas para os alemães no exterior, com sede no Reich. Tais organizações, com ajuda do NSDAP, buscavam “anexar as sociedades e demais instituições teuto-brasileiras de modo que estas se tornassem filiais das congêneres alemãs” (2006, p. 204-205). No caso do Paraná, veremos que a *Verband Deutscher Vereine Paraná* é o caso mais representativo desta situação.

³¹ De acordo com Hoffman, em 20 de abril de 1933 teria ocorrido o “primeiro ataque *hussarenstueck*” contra as sociedades germânicas de Curitiba. Essa afirmação, assim como boa parte de seu depoimento à DOPS, foi copiada ou “ensaiada” tomando como referência um relatório que Hoffman enviou para a Alemanha, apreendido pela 5ª Região Militar. *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Contudo, a imagem de uma ação truculenta e da necessidade de um *Anchluss* pode não passar de mero discurso quando se verifica a facilidade da penetração nazista em algumas sociedades. Não afirmamos, nesse sentido, que as relações foram isentas de conflitos. Apontamos, entretanto, para um ponto de vista intermediário; um jogo de forças, no qual muitas variáveis (como o apego a identidade teuto-brasileira, a composição social das sociedades, etc.) se aplicam para explicar determinados arranjos.

No segundo depoimento de Werner Hoffman à polícia (considerado agora como criminoso contra “brasileiridade”), o chefe do partido apontou os degraus da “escalada” frente às associações germânicas. Após a festa em comemoração ao aniversário do *Führer* “[...] começa a batalha decisiva (sic) para a tomada da sociedade dos ex-combatentes, depois foi tomado o Consulado, mais tarde o V.D.V. e em seguida tudo o que não estava firme”³².

Esta aparente vitória, na qual o nazismo seria o conquistador de mais de “25.000 mil almas”, é relativizada pelo próprio Hoffman, quando afirma que “houve [...] divergências nessas sociedades, quanto à aceitação destes ideais”³³. Igualmente, Mário Martins, em suas reportagens, apontava para conflitos e até mesmo cisões dentro do associativismo teuto, em vista da ação dos “partidários”. Vejamos alguns exemplos.

³² Auto de declarações prestadas do Werner Hoffman. 27/06/1938. Fls. 18-19. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

³³ Ibid.

2.3.1 SOCIEDADE DOS EX-COMBATENTES DA GRANDE GUERRA³⁴

A Sociedade dos Ex-combatentes da Grande Guerra (*Deutschen Reichkriegerbundes Kiffhäuserbund*), com sede nacional em São Paulo, possuía grupos espalhados pelo Brasil, que não correspondiam diretamente às divisões estaduais do país.

Em 1934, uma seção distrital de Ponta Grossa da então “Liga dos Camaradas de Guerra Alemães no Brasil” teria aderido à organização-matriz dos ex-combatentes, com sede na Alemanha (Ilustração 2).

Sob a chefia do mestre-cervejeiro Wilhelm Fischer, [Ponta Grossa] tornou-se titular da entidade para os Estados do Paraná e de Santa Catarina, ao todo 11 grupos, sendo 3 no Paraná (Ponta Grossa, Castro e Curitiba, contando com cerca de 200 camaradas (ABECK, 1980, p. 29).

Guilherme Albino Fischer, alemão nato, era membro do NSDAP/PR e, de acordo com a DOPS, residia em Curitiba.

O estatuto nacional da Sociedade dos Ex-combatentes revela o seu caráter político voltado para o cultivo da germanidade e o apoio ao Nacional-socialismo:

Os fins e as obras da camaradagem são de natureza patriótica em relação à Alemanha, social e de companheirismo:

a) avivar e fortalecer o amor e a fidelidade à pátria, ao povo alemão e a seu Führer, fortalecer em todos o pensamento militar, da convicção de ser alemão e da *Volkstum* alemã.

b) encher os camaradas com o espírito nacional socialista e combater energicamente os inimigos do Estado.

[...]

d) festejar convenientemente as datas comemorativas da pátria (MORAES, 1996, p. 118).

³⁴ Apesar de figurar entre as sociedades filiadas à V.D.V., optamos por analisar a *Kiffhäuserbund* separadamente, devido ao fato de não encontrarmos documentos que demonstrem o controle da V.D.V. sobre essa agremiação.

Ilustração 2 – Carteira de filiado da Deutscher Reichskriegerbund, Ponta Grossa

Deutscher
Reichskriegerbund
(Lyffhäuserbund) e. V.

Kameradschaft: *[Handwritten Signature]*

Mitgliedsbuch
mit Kameradschaftssatzung

Kamerad: *Carl Hackmeier*

Wohnung: *Ponta Grossa*

Geburtsort: *Kümmen* geb am: *1. 1. 1870*

Eintritt in den Deutschen Reichskriegerbund: *4. 1. 1917*

[Circular Stamp: KAMERADSCHE, Dienststempel, Ponta Grossa] den *1. 1. 1917*

[Signature]
Kameradschaftsführer

Fonte: Pront. 674, Top. 311, “Carlos Ruprecht”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Além da finalidade ideológica, essa instituição reunia-se periodicamente para prestar auxílio aos “camaradas necessitados, suas famílias e sobreviventes, especialmente veteranos”³⁵.

Voltando os olhos para o estatuto da *Associação dos Ex-Combatentes Alemães da Grande Guerra do Estado do Paraná*, “fundada” em 1938, temos a falsa impressão de que se trata de uma instituição completamente desvinculada da *Kiffhäuserbund* e totalmente isenta de característica política:

Art. 2º: A Associação terá por objetivo:

- a) – congregar mediante reuniões recreativas todos os ex-combatentes alemães da Grande Guerra, sem distinção de posição social, partido, confissão ou grau de instrução, afim de conservar a camaradagem e alimentar o amor á Patria, atravez da literatura e conferencias.
- b) – auxiliar companheiros de armas que, imerecidamente venham a ficar necessitados, aconselhando-os e socorrendo-os, constituindo esse designio a sua mais nobre finalidade.³⁶

Art. 3º: **É absolutamente proibida qualquer politica partidaria.**³⁷ (grifo nosso)

Todavia, as fontes indicam que este texto constitui-se em uma reformulação do estatuto original que vigorava na instituição antes de 1938, data que coincide com a Campanha de Nacionalização empreendida pelos governos estadual e federal. Além de encontrarmos fichas de filiação da *Kiffhäuserbund* junto aos demais documentos referentes à sociedade, em carta de 10 de janeiro de 1939, Otto Braum – secretário do Consulado de Curitiba – informava ao líder da associação que estaria realizando os procedimentos junto ao Ministério da Justiça, no Distrito Federal, para a legalização da

³⁵ Auto de declarações prestadas do Werner Hoffman. 27/06/1938. Fls. 18-19. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

³⁶ O auxílio aos camaradas necessitados se fazia através de um “fundo de socorro” arrecadado com as doações dos filiados. A mensalidade estabelecida para os membros era de 2\$000 (dois mil réis), sendo isentos os filiados em más condições financeiras. Os sócios também recebiam o jornal da *Kiffhäuserbund*, editado em São Paulo, distribuído mesmo após a proibição da sociedade. *Estatutos da Sociedade dos Ex-combatentes alemães da Grande Guerra, Estado do Paraná*. Fls. 2-3. Pront. 1352, Top. 349, “Guilherme Fischer”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

³⁷ Ibid.

mesma³⁸. Fischer ainda afirmou em depoimento que teve dificuldades para aprovar os estatutos pelas autoridades paranaenses, remetendo assim a questão para o Rio de Janeiro.

Somando-se às atividades recreativas e de auxílio aos veteranos, a *Kiffhäuserbund* promovia passeatas dos ex-combatentes em Ponta Grossa e Curitiba. Um interessante relato sobre tais cortejos pode ser encontrado em uma carta de Guilherme Willy Roettger – chefe nazista de Iraty – endereçada a certa *Frau Mull*, funcionária da A.O. na Alemanha. Roettger aponta que as próprias autoridades brasileiras participavam dos festejos nazistas, inclusive cedendo a banda militar do 13º Regimento de Infantaria (Ponta Grossa) para tocar hinos de guerra alemães durante a caminhada:

Um excepcional sucesso foi a recepção dos “Camaradas de Guerra” do “Kyffhaeuserbund”, na cidade de Ponta Grossa. Os “camaradas” vivem em tão, bom acordo com os militares, que o Comandante do Regimento, em todas as oportunidades, põe à disposição do grupo a banda militar. Assim, também, para a “Semana Alemã”, ele enviou toda a banda militar para Curitiba. A partida na estação ferroviária, foi única. A senhora poderá imaginar isso! Uma banda militar brasileira, de negros, mulatos e brancos, tudo misturado, marcham na frente de uma bandeira com a cruz swastica e mais ou menos 200 “camaradas de guerra” alemães, tocando somente marchas alemãs [...]. Em Curitiba o cortejo vai até o Palácio do Governo, e então, vêm-se os nossos antigos combatentes do front, em marcha de parada ante o alto comando e o “Landes-Gruppen-Leiter” da N.S.D.A.P., von Cossel. Depois de uma pequena oração do Presidente do Estado, o cortejo segue rumo à sede do partido o “Gustloff Haus”³⁹ (sic).

O caso da Sociedade dos Ex-combatentes no Paraná se insere na tentativa (comum na época) de adequação das agremiações teutas, no sentido de alcançar espaços

³⁸ Carta de Otto Braum a Guilherme Fischer. 10/01/1939. Fl. 6. Pront. 1352, Top. 349, “Guilherme Fischer”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

³⁹ Carta de Guilherme Willy Roettger a Frau Mull. 20/05/1937. Fls. 6. Pront. 1427, Top. 353, “Guilherme Willy Roettger”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

“legais” para a permanência de suas atividades, após a proibição em 1938. Nesse sentido, Fischer afirmou em depoimento

que foi chefe geral no Paraná e em Santa Catarina da Sociedade dos ex-Combatentes; que com a saída da lei de dezoito de abril, deixou de funcionar a **parte social** dessa sociedade continuando o declarante a cobrar as contas atrasadas, e a trabalhar pela legalização da sociedade junto ao Ministério da Justiça [...] (grifo nosso)⁴⁰

Na verdade, o que observamos na proposta do novo estatuto é que a **parte política** deixaria de existir na ação da sociedade. A utilização do termo “parte social” por Fischer pode ser entendida como uma fuga ante a resposta ao questionário da polícia, ou mesmo uma pausa no trabalho de ajuda aos veteranos necessitados devido à força da Campanha de Nacionalização.

Vale observar o citado Decreto-lei 383, de 18 de abril de 1938. Com relação às associações estrangeiras podemos ler:

Art. 2º. E'-lhes vedado especialmente: 1 - Organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de **carater político**, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas, de idéias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. A mesma proibição estende-se ao funcionamento de sucursais e filiais, ou de delegados, prepostos, representantes e agentes de sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos dessa natureza que tenham no estrangeiro a sua sede principal ou a sua direção. (grifo nosso)

Contudo, essa restrição tem sua exceção:

Art. 3º É lícito aos estrangeiros associarem-se para **fins culturais, beneficentes ou de assistência**, filiarem-se a clubes e quaisquer outros estabelecimentos com o mesmo objeto, bem assim reunirem-se para

⁴⁰ Auto de declarações prestadas por Guilherme Fischer. 13/12/1940. Fls. 18-19. Pront. 1352, Top. 349, “Guilherme Fischer”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

comemorar suas datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica. (grifo nosso)⁴¹

Dessa forma, a Sociedade dos Ex-combatentes retirou o elemento político dos seus estatutos, utilizando essa brecha legal do artigo 3º para tentar a aprovação por parte das autoridades.

Se pensarmos acerca de seu caráter, chama-nos a atenção uma interessante contradição nesta tentativa de legalização da Associação dos Ex-combatentes por parte dos *nazis*: os filiados têm “sangue” alemão e defenderam a Alemanha na maior guerra de todos os tempos até então, como desvincular tal fato da política? Ainda mais se levarmos em conta o contexto expansionista da nova Alemanha (em 1938, já havia anexado a Tchecoslováquia e a Áustria). Diferentemente de agremiações de cantores ou leitores, uma associação de ex-combatentes carrega a marca do político em sua natureza. Parafraseando Réne Rémond, “em *matéria* de guerra, o que não é político?” (REMOND, 2003, p. 443).

Portanto, certamente o governo barraria seu funcionamento e, por fim, em 1939, Fischer avaliava a dificuldade de atuação da sociedade frente às atividades policiais, assinalando que “as leis de nacionalização [estavam] sendo rigorosamente cumpridas”. As últimas referências documentais acerca da instituição apontam para uma ação conjunta das polícias paranaense e catarinense, ao lado da 5ª Região Militar de Curitiba, em 1941, no sentido de “resguardar neutralidade brasileira” diante do conflito Europeu. Nesse aspecto, a Sociedade dos Ex-combatentes Alemães, dada sua índole, entrou no rol das ameaças à “segurança interna do País”⁴².

⁴¹ BRASIL. Decreto-Lei n. 383 de 18 de abril de 1938. Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências.

⁴² *Ofício do Comandante da 5ª Região Militar ao Chefe de Polícia do Estado do Paraná*. 14/08/1941. Fl. 11. Pront. 1352, Top. 349, “Guilherme Fischer”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

2.3.2 VERBAND DEUTSCHER VEREINE (UNIÃO DAS SOCIEDADES ALEMÃS)

A União das Sociedades Alemãs do Paraná era filiada à União das Sociedades Alemãs no exterior, com sede em Berlin. Congregava vários clubes, sociedades e outras entidades germânicas e sofreu forte influência do NSDAP na década de 1930. Em Curitiba, o partido conseguiu colocar no mais alto posto da instituição Otto Braun, tradutor e secretário do Consulado da Alemanha, encarregado “de assuntos de interesses dos alemães, junto às autoridades brasileiras”.⁴³

Braun, natural de Potsdam, quando fichado pela DOPS, contava cinquenta e quatro anos de idade. Naturalizado brasileiro desde 1923, Otto trabalhava no Consulado alemão de Curitiba nas funções acima mencionadas, além de ser gerente do Centro Agrícola (instituição de cunho cooperativo fundada pelo Cônsul Aeldert, que coordenava colônias alemãs). Era o encarregado de receber as demandas dos alemães e dar o devido encaminhamento junto ao Consulado. Também foi presidente da Sociedade Deutscher Saegerbund, sócio da Sociedade Física Jahn e da Handwerker Unterstützungs-Verein.

Foi preso na casa de detenção de Curitiba em Janeiro de 1942 “por suspeita de estar exercendo atividades nazistas”. No mesmo ano, foi encaminhado para o Rio de Janeiro, onde ficou até 1944. Abeck afirma que, no pós-guerra, o “infatigável” Braun começou a trabalhar “discretamente”, com a “fundação, naquele ano [1946], da Livraria Braun” (1980, p. 42).

⁴³ Em depoimento, Braun alegou não ser filiado ao partido por ter cidadania brasileira através de naturalização. Contudo, esta afirmação se mostra no mínimo contraditória se observarmos o peso do trabalho desenvolvido por esse indivíduo em diversos setores do NSDAP/PR. *Auto de declarações prestadas por Otto Braun*. 14/07/1942. Fl. 12. Pront. 3024, Top. 452, “Otto Braun”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Impera certa incoerência no que diz respeito à filiação de Otto Braun ao NSDAP. Em depoimento, afirmou que não fazia parte do partido por ser brasileiro. Entretanto, outra referência aponta que antes de se naturalizar, Braun já era membro do NSDAP (provavelmente com filiação direta na Alemanha); apesar da naturalização, a organização do grupo paranaense não o excluiu da lista dos filiados, estando inclusive entre os nomes da primeira diretoria.⁴⁴

O embrião da V.D.V. surgiu em 1916, com a denominação **Comissão Alemã**; na época, servia “para a proteção de todos os interesses alemães durante a guerra” (ABECK, 1980, p. 26). Em 1928, a entidade obteve, além do novo nome, o status de coordenadora de agremiações germânicas, sendo que “sua tarefa consistia na representação das entidades teuto-brasileiras da cidade de Curitiba, perante as autoridades brasileiras e alemãs” (1980, p. 26).

A liderança da V.D.V. sobre as sociedades germânicas foi habilmente utilizada pelos nazistas como meio de disseminação da propaganda nacional-socialista. Constituíam-se, dessa forma, em um importante instrumento de aglutinação dos alemães em festas e reuniões freqüentadas ou lideradas pelo Partido Nazista em Curitiba. Entre as orientações do NSDAP/PR relativas à organização de festejos podemos encontrar: “Não é necessário que nas festas seja indicado sempre a organização do N.S.D.A.P. O principal fator é que esta tenha sempre a direção em tudo, mesmo que escondida”.⁴⁵

Não obstante, não se estabelece como regra geral em todo o Brasil e durante toda a década de 1930, a utilização desta instituição tradicionalmente representativa do *Deutschtum* como ferramenta de propaganda do Partido Nazista. Gertz aponta que em Porto Alegre, por volta de 1933, a dificuldade dos nazistas de adentrar na V.D.V. local

⁴⁴ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁴⁵ Ibid.

levou-os à negação da mesma, como lugar de representação dos interesses da comunidade alemã. Como represália a não adesão, os partidários enviaram relatórios para a Alemanha, acusando de antinazistas os indivíduos mais proeminentes da instituição (1987, p. 82). Em São Paulo, por outro lado, sob a liderança de Hans Hering von Cossel, na mesma data, todas as sociedades filiadas à *Verband Deutscher Vereine São Paulo* assinaram carta de cumprimento se solidarizando ao Führer (1987, p. 82).

Destacam-se dentre as atividades da *V.D.V. Paraná* as festas do Auxílio de Inverno, a *Winterhilfe* (Ilustração 3). Nessas celebrações – que aconteciam inclusive nos núcleos do interior – a V.D.V., juntamente com o Consulado e o NSDAP, arrecadavam importâncias, com o intuito de remeter à Alemanha para os necessitados no inverno⁴⁶. Com autorização do *Landsgruppe* em São Paulo, metade do dinheiro arrecadado nas festas do Auxílio de Inverno no Paraná ficava para a ajuda da própria colônia alemã local.

Também encontramos entre os trabalhos da V.D.V., o recebimento e a circulação de livros vindos diretamente da V.D.V./Berlim, atendendo aos pedidos do próprio NSDAP.

Para o intuito deste trabalho, ou seja, a análise da atuação nazista nas sociedades teutas, destacam-se como parte da *Verband Deutscher Vereine* de Curitiba a “*Handwerker Unterstützungs-Verein*” (Sociedade Beneficente Operária), a “*Teuto-brasilianischer Turn-Verein*” (Sociedade Teuto-Brasileira de Ginástica) e a “*Verein Deutscher Saengerbung*” (União dos Cantores Alemães)⁴⁷; atualmente, essas

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Abeck aponta vinte e três entidades ligadas à V.D.V. Paraná: Sociedade Beneficente Operária (*Handwerker Unterstützungs – Verein*); Sociedade Beneficente Cabral; União *Kyffhaeuser* de Ex. Combatentes Alemães; Associação de Cantores *Saengerbund*; Clube de Ginástica Teuto-Brasileiro; Sociedade de Cantores *Einigkeit*; Escola Alemã/Colégio Progresso; Escola Masculina Alemã Bom Jesus; Sociedade de Tiro ao Alvo; União de Professores; Colônia Hortícola (*Gartenbausiedlung* Vila Guaira); Sociedade Teatral; Sociedade de Cantores Teutônia; Associação Beneficente; Clube de Vôo a Vela Ursinus; Comunidade Evangélica; Comunidade Católica Alemã; União São José; Sociedade Teuto-

Ilustração 3: selo da Deutsche Winterhilfe Paraná



Circundando o símbolo composto pelo pinheiro e pela suástica está a frase *Gemeinnutz geht vor Eigennutz* (O benefício comum vem antes do benefício privado). Fonte: Pront. 770, Top. 316, “Clement Banach”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

sociedades são mais conhecidas pelo nome que receberam após a Campanha de Nacionalização das instituições estrangeiras, iniciada no Paraná no ano de 1937; respectivamente: Sociedade Rio Branco, Sociedade Duque de Caxias e Clube Concórdia.⁴⁸

Na Sociedade Beneficente Operária, uma das primeiras ações dos nazistas foi a celebração da festa do primeiro de maio, em 1934. De acordo com a documentação, a sociedade possuía duas diretorias, uma com seis e outra com trinta membros. Após o pedido de cessão do salão da sociedade por parte dos nazistas, a pequena diretoria aprovou automaticamente; contudo, a diretoria composta por trinta membros convocou uma assembléia geral para discutir questão; “depois de uma grande propaganda, a assembléia geral, sofrendo influência direta do Partido Nazista [...] aprovou o ato da diretoria que havia deliberado ceder a sala para a referida reunião”⁴⁹.

De acordo com Gertz (1998) e Silva (2006) esse tipo de triunfo dos *nazis* explica-se por uma estratégia corriqueira do NSDAP no sul do Brasil: os partidários procuravam freqüentar as assembléias das associações teuto-brasileiras com o fito de garantir votação suficiente para aprovar as necessidades cotidianas do partido (como a utilização dos salões de festas), assim como para a incorporação destas “a centrais localizadas na Alemanha, com o que (...) se submeteriam ao controle de fora e perderiam sua independência” (GERTZ, 1998, p. 51). Assim, no caso da *Handwerker*, sua filiação à V.D.V. alemã significava sua submissão aos interesses do partido, fato que, segundo as fontes é possível conjecturar.

⁴⁸ A eleição das três sociedades pertencentes à V.D.V. também levou em conta a disponibilidade de documentação no Arquivo Público do Paraná.

⁴⁹ *Auto de declarações prestadas por Werner Hoffman a DESPS/RJ*. 24/02/1939. In: *Semana Policial*, Curitiba, 1 mai. 1939. In: Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

A interferência dos nazistas levou a ala oposicionista na diretoria da *Handwerker* a cindir a sociedade, surgindo assim a “*Teuto-Brasilianischer Unterstützungs-Verein Curitiba*” (AULICH, 1953, p. 73).

Essa luta interna pode ser observada no pedido que Hoffman remete à V.D.V./Berlim: o líder do NSDAP/PR explica que, com muita peleja, conseguiram a adesão ao nazismo de Germano Roessle – presidente da *Handwerker* – e solicita que a V.D.V. presenteie-o com um livro vindo diretamente da Alemanha⁵⁰. A bajulação proposta por Hoffman mede o interesse dos nazistas sobre a agremiação; seu número de filiados girava em torno de 3.500.

Encontramos também referências de que, em 1938, a *Handwerker* modificou seus estatutos para permanecer em funcionamento, sendo sua diretoria subordinada a uma junta de nacionalização e seu nome modificado. Porém, a partir de 1942, sucederam-se ataques e pilhagens de populares, até ser solicitado o prédio da sede para o Exército. Somente em 1949, a sociedade recuperou o imóvel (ABECK, 1980, p. 50).

A Sociedade Teuto-Brasileira de Ginástica (mais tarde, Sociedade de Cultura Física Jahn e depois Sociedade Duque de Caxias) foi fundada em 7 de dezembro de 1890. Em 1938, teve seus estatutos abasileirados para manter-se ativa; como consta em seus regulamentos, o feito se deu “numa exata compreensão das grandes necessidades da PATRIA BRASILEIRA”.⁵¹

A sociedade resistiu à penetração nazista pelo esforço de João Meister Sobrinho, Presidente de honra, “comandante do Corpo de Bombeiros, [...] que durante sua gestão [se empenhou] em rude luta contra os elementos nazistas, ali radicados” (MARTINS, s/d, p. 106). Através da coação, os nazistas teriam conseguido a expulsão de dois sócios

⁵⁰ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁵¹ *Estatutos da Sociedade de Cultura Física Jahn*. 15/12/1938. Fl. 6. Pront. 2178, Top. 239, “Sociedade Cultural Física Jahn”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

beneméritos, que se juntaram aos dissidentes da *Handwerker* na *-Brasilianischer Unterstützungs-Verein Curitiba*. Meister Sobrinho é figura de destaque na memória da comunidade alemã de Curitiba como consolidador e “benemérito comandante por longos anos” do Corpo de Bombeiros da cidade (AULICH, 1953, p. 73).

Apesar da resistência, entre os documentos do próprio NSDAP/PR, dos quais possuímos apenas um resumo elaborado pela 5ª Região Militar de Curitiba, podemos encontrar vestígios da penetração nazista na Sociedade Teuto-Brasileira de Ginástica. As fontes trazem a informação de que a organização recebia professores (instrutores de ginástica), por intermédio do Partido Nazista, diretamente do Ministério de Cultura e Propaganda do Reich.

A Sociedade Deutscher Saengerbund, hoje um dos clubes germânicos mais conhecidos da capital paranaense, foi fundada em junho de 1884 pela fusão de duas sociedades: Germânia e Concórdia. Possuía algo em torno de 650 membros, em 1937. Desenvolvia suas atividades na área cultural, incentivando seus membros a prática da música e da leitura.

Nesta sociedade, os nazistas tiveram dificuldades para consolidar sua influência. Hans Bennevit, número dois na hierarquia do NSDAP/PR, chegou a se candidatar para a presidência, mas sua chapa foi derrotada em uma das eleições. O controle nazista dava-se, como já foi apontado, mais pela liderança da V.D.V. – que fazia convocações para donativos e festas, subordinando-as ao NSDAP – do que pela ação pessoal dos partidários.

Este espaço intermediário, elaborado pelo jogo de forças dentro das sociedades de caráter germânico, nos impede de concordar com simplificações que colocam o NSDAP como absoluto sobre as mesmas. A reação estava presente e muitas vezes de

forma enérgica. Em protesto contra a ação do partido, a colônia alemã de Curitiba, apresentando-se composta por “teuto-brasileiros e alemães”, lamentava:

Não temos absolutamente nada que vêr com a N/S/D/A/P. Isto, parece, negam-se a reconhecer. E para os tais senhores é manifesta propensão para discórdia, **se não lhes fazemos, com o coração em saltos o presente de fada dos nossos ‘Handwerker’, ‘Saengerbund’, ‘Teuto’ e tudo mais que temos (sic)”** (grifo nosso)⁵².

2.4 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO NSDAP/PR

Até 1934, o núcleo paranaense do Partido Nazista pertencia ao Círculo composto por São Paulo e Paraná, não possuindo assim independência administrativa, provavelmente por ter um grupo extremamente pequeno de partidários. Neste período, a chefia cabia a Karl Spanaus, que posteriormente tornou-se vice-líder nacional (DIETRICH, 2001, p. 302). Contudo, a partir desse ano (1934), a organização no Paraná passou a ter autonomia compondo um *Kreis* independente, mas ainda subordinado a São Paulo, que se tornou sede do Partido Nazista no Brasil.

Os números e as datas de filiação são consideráveis para medirmos os resultados do NSDAP/PR:

Tabela 3 – Filiados ao Círculo paranaense do NSDAP (por data de filiação)

ANO	Nº
ATÉ 1930	0
1931	1
1932	5

⁵² *Aus dem deutschem Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP*. 1936. Fls. 26-32. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

1933	21
1934	52
1935	1
1936	64
1937	30
1938	9
1939	0
1940	0
1941	0
SR	2
TOTAL	185

SR = sem referência de data de filiação ou endereço

Fonte: MORAES, Luiz Edmundo. *Ein volk, Ein Reich, Ein Führer: A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. 1996. 222 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

A partir desses números, podemos verificar que a formalização do núcleo paranaense trouxe resultados consideráveis para o campo “oficial” do partido (militantes com registro). No triênio 1934/35/36, temos 117 filiados, o que corresponde a 63% do total de filiados para a década de 1930.

Ainda observando a tabela acima, verifica-se que os anos 1933-34 e 1936-37 correspondem aos *booms* de filiações no Círculo estadual. Apesar de não termos contato com documentos de indiquem as datas de filiação de *todos* os militantes, para que fosse possível compreender, através do cotejamento com suas falas, o porquê desta concentração numérica, ainda podemos presumir: o primeiro momento corresponde à chegada ao poder do NSDAP na Alemanha e, o segundo, à visualização dos primeiros resultados positivos da política econômica de Hitler.

No que concerne à hierarquia, segundo o líder do *Kreis* em depoimento, o partido estadual estava subordinado a São Paulo, sob a pessoa de Karl Spanaus

(segundo homem, em nível nacional) para as questões administrativas, enquanto que as diretrizes políticas emanavam diretamente de Hans Hering von Cossel. A vigilância e mesmo a presença de von Cossel sobre o NSDAP/PR é constante na década de 1930. Cossel participou pessoalmente da fundação do núcleo e alguns documentos apontam que fez viagens regulares ao Paraná, o que também ocorria com lideranças a ele subordinadas.

Dessa forma, em 1937, Hoffman avisava ao líder da colônia Terra Nova a respeito da visita que receberia de São Paulo:

Encontrando-se neste momento, com o fito de fazer estudos no Paraná, os partidários Korb, Roebke e Hopf, todos auxiliares da direção do grupo do país em São Paulo, os quais pretendem fazer uma pequena viagem circular pelo Estado, passando também por essa localidade de vosso núcleo. Os partidários também estão em condições de realizarem palestras em pequenos círculos.⁵³

Tal qual a macro-organização do NSDAP, os Círculos trabalhavam com uma espécie de sistema departamental. No Paraná, indivíduos eram designados para funções específicas – como propaganda, juventude, mulheres, etc. – contudo, a sobreposição de cargos é comum, principalmente se contarmos os cargos ocupados no Consulado da Alemanha de Curitiba.

Além da chefia incontestada, Hoffman ocupava, no Consulado Alemão uma função (pelo menos na formalidade) pouco especificada nos documentos; da mesma forma, a Alfred Andersen competia o cargo de vice-cônsul em Paranaguá e ao mesmo tempo o de chefe da propaganda do partido – a despeito de aparecer em parte das fontes como “propaganda do Consulado”.

Por abordarmos a questão dos líderes nazistas, cabe aqui uma rápida menção: foi possível verificar a colocação de alguns partidários em altos cargos de importantes

⁵³ *Circular do NSDAP n° 37/69 – Ho./J. 31/12/1937. Fl. 9. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.*

empresas na capital e no interior. Algumas dessas firmas tinham suas matrizes na Alemanha, mas boa parte pertencia aos próprios nazistas.

Para ficarmos no exemplo de uma empresa brasileira, Alberto Blum era tesoureiro do partido e gerente da Companhia Telefônica Paranaense, assim como Hans Benewitz (vice-líder do NSDAP/PR), que fora diretor da mesma empresa.

Outro aspecto da organização nazista no Paraná é a presença das células paralelas ao aparelho formal, citadas no capítulo anterior: *Deutsch Arbeitsfront* (D.A.F. - Frente Alemã do Trabalho), a *Deutschebrasilianisch Jungendring* (Juventude Teuto - Brasileira) e a *Nationalsocialistische Frauenschaft* (Associação das Mulheres Nacional Socialistas)⁵⁴.

No que concerne à D.A.F., alguns documentos mostraram que muitos alemães, por terem nacionalidade brasileira, viram na organização uma forma de ingresso indireto ao partido, uma vez que não podiam entrar para a lista de filiados. Em São Paulo a atuação da D.A.F. apresenta similitudes. Um documento citado por Dietrich registra:

A.F. (Arbeitsfront) ou Frente de Trabalho: a missão da 'A.F' era reunir aqueles que não queriam entrar logo para o partido, e prepará-los para levar a propaganda nazi para os lugares de trabalho (DIETRICH, 2001, p. 73).

A partir do ingresso, os teuto-brasileiros poderiam participar das festas e reuniões semanais do NSDAP. Contudo, não podemos nos esquecer de que, por ser a DAF um órgão corporativista atuante no III Reich e com influência nas empresas

⁵⁴ Apenas um documento menciona a Organização dos Professores Alemães integrando as células do NSDAP no Paraná. *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, "Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen", DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

alemãs, certamente alguns indivíduos ingressavam na instituição apenas para conseguir ou manter condições empregatícias.

Nas fotografias apreendidas pela DOPS/PR, alguns membros da D.A.F. figuram fardados ao lado dos filiados. É o caso de Max Alfredo Beyer, cuja esposa, Wanda Beyer, era chefe da *Nationalsocialistische Frauenschaft*. Esta última instituição aparece na documentação com as denominações “Associação de Senhoras e Moças Alemãs”; e separadamente, “Liga das Senhoras Alemãs” e “União das Moças Alemãs”⁵⁵; por falta de conhecimento a polícia política até menciona “Partido Nazista Feminino”.

Esta associação tinha a finalidade de dar amparo às mulheres em dificuldades materiais. Como exemplo, temos o pedido que Wanda Beyer envia ao NSDAP para que este intermedeie, junto à Associação de Senhoras Alemãs em Berlin, a causa de uma senhora que foi abandonada pelo marido⁵⁶. Nesse sentido a *Nationalsocialistische Frauenschaft* se assemelha à *Freuenhilfe* (Associação de Auxílio às Mulheres), registrada por Dietrich em São Paulo.

A Juventude Teuto-Brasileira – que em fardas, promovia freqüentes desfiles nas ruas de Curitiba – nasceu paralelamente ao partido no Paraná, no ano de 1933, fundada por Werner Hoffman. Organizava acampamentos, exercícios de campo e excursões com jovens menores de dezoito anos. Ao atingir tal idade, alguns moços, por interposição do NSDAP/PR tentavam ingressar nas forças armadas alemãs. Grande parte dos chefes nazistas do estado tinha seus filhos matriculados na instituição, o que posteriormente serviu para a polícia como critério acusatório sobre esses indivíduos. O abuso da imagem da *Deutschebrasilianisch Jugendring* por parte dos nazistas gerou

⁵⁵ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná..

⁵⁶ Ibid.

manifestações de repúdio e chacota dentro da comunidade alemã de Curitiba, como veremos (Ilustrações 4 e 5).

Sem receio de colocar nossas assertivas à disposição de futuros embates interpretativos, academicamente bem vindos e enriquecedores – uma vez que, como já afirmamos, os “vazios” documentais servem-nos como motivação – ofereceremos um quadro mínimo das lideranças e dos “departamentos” referentes ao NSDAP/PR (Organograma 2). Cremos que a divulgação de novas fontes e a liberação da documentação militar é condição *sine qua non* para uma revisão e um aprofundamento do tema, uma vez que nossas perguntas se restringem à documentação da polícia política paranaense.

A já aludida dificuldade de acesso a “documentos primários” nos limita a traçar o quadro abaixo sem mais minúcias, principalmente no que diz respeito às lideranças para o interior do Estado.

Organograma 2 – Organização do NSDAP/PR

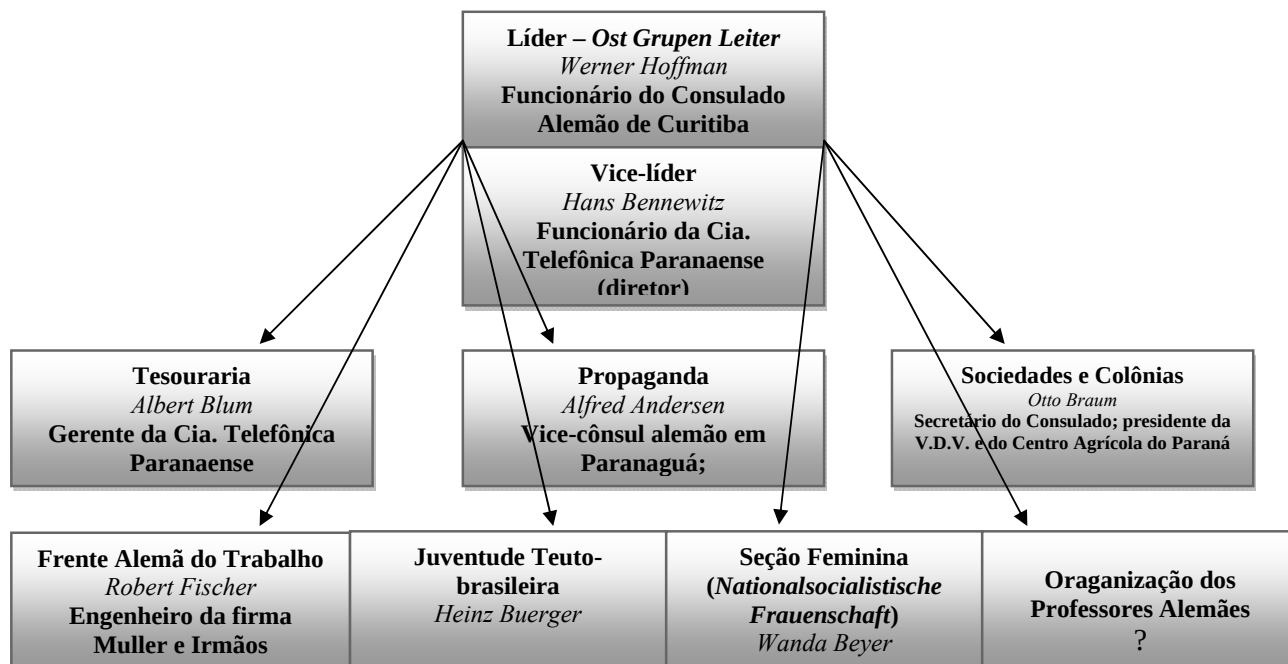


Ilustração 4: Juventude Teuto-Brasileira – Paraná



Fonte: Pront. 770, Top. 316, “Clement Banach”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Ilustração 5 – Apresentação da Juventude Teuto-Brasileira na Sociedade Handwerker.



Fonte: Pront. 770, Top. 316, “Clement Banach”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Ainda assim, mesmo que incipiente, nossa análise acerca da organização desemboca numa *visão geral* da atuação do NSDAP no Paraná. Tal visão vem de encontro com o mito da grande organização tentacular, capaz de cooptar as “25.000 mil almas” alemãs do estado, mito esse divulgado pelo líder do partido e apropriado pela literatura jornalístico-policial da época. Sem dúvida, o número de 185 filiados – algumas fontes apontam para 192⁵⁷ – não reflete a cifra de simpatizantes à ideologia nazista dentro da comunidade germânica do Paraná. Nesse sentido, um estudo aprofundado da adesão *não formal* ao nazismo no estado é um rico filão para pesquisadores do tema.

Ao contrário, nossa proposição acerca desta organização defende que a forma de atuação nazista (além de outras questões como *status* e a *geração*) serviu como um “espantalho” para boa parte dos alemães no Paraná, não necessariamente para o Nacional-socialismo, mas para o Círculo estadual.

Temos em mente, portanto, que a rede organizacional, com seus traços mais visíveis indicados acima, poderia de certa forma alcançar presencialmente grande parte dos alemães no Paraná. De tal modo, é provável que poucos alemães de áreas urbanas de Curitiba, Ponta Grossa, Londrina ou Castro não tenham ouvido falar na ação dos “partidários”, e mesmo nas colônias diretamente controladas pelo Consulado Alemão. Porém, o trabalho esteve longe de ter fôlego suficiente, no sentido de cooptar para a *órbita oficial* parte considerável dos alemães no estado.

Como veremos mais adiante, nas fontes a rejeição é mais visível que a aceitação. Os próprios nazistas reconhecem que o conflito entre partidários e não-partidários (não necessariamente “anti-nazistas”, termo generalizante que aparece na fala dos militantes)

⁵⁷ Ibid.

é uma das marcas dessa ação política no Paraná. Em carta a Karl Spanaus, Hoffman afirmava:

[...] aqui no Paraná sempre há estes atritos – brigas, desavenças entre nazistas e anti-nazistas – que se originaram em vista da ação necessária para a manutenção da idéia alemã. Este problema não se conhece nos outros Estados.⁵⁸

Sem dúvida constitui-se um exagero acreditar que em outros estados o conflito não acontecia. René Gertz mostrou a luta em Santa Catarina entre partidários e jornais, teuto-brasileiros, como o *Urwaldsbote* de Blumenau. Arthur Koehler, diretor do periódico, se mostrava otimista com o Nacional-socialismo antes da tomada do poder na Alemanha e antes do início da ação dos *nazis* em sua cidade. Após 1933, Koehler se posicionou como opositor aos “partidários” e ainda se recusou a veicular qualquer mensagem dos nazistas em seu jornal (1987, p. 81). Diga-se de passagem, o NSDAP/PR estabeleceu como obrigação para todos os militantes do estado o recebimento de apenas um periódico, o *Deutscher Morgen* de São Paulo, advertindo aqueles que continuaram recebendo o *Urwaldsbote*⁵⁹.

A situação conflituosa também pode ser demonstrada pelos números. Se considerarmos a cifra mediana de 100.000 alemães⁶⁰ residentes no Paraná (incluindo natos e descendentes) para o ano de 1934 (AULICH, 1953, p. 12), desconsiderando as elevações da segunda metade da década, podemos constatar que os teutos filiados ao partido correspondem a 0,18% do total de indivíduos de origem germânica no estado. Mesmo utilizando as estimativas mais baixas para a população, esse número chegaria somente a 0,7%.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ O geólogo Reinhardt Maack estima a cifra de 126.000 alemães residentes no Paraná na década de 1930. (GERTZ, 1987, p. 19).

Levando em conta que estes 100.000 alemães estavam distribuídos entre a capital e o interior (determinados documentos apontam para mais de 40 colônias germânicas no estado), esses números mostram igualmente que a situação do partido entre as populações alemãs do interior do estado não se mostrou favorável.

Comparando a ação partidária na capital e na periferia, e analisando o perfil dos militantes podemos encontrar caminhos para entender o caráter essencialmente urbano e “metropolitano” do NSDAP/PR.

2.5 O NAZISMO NO INTERIOR DO ESTADO

*“Curitiba deve merecer a atenção, pois é o ponto mais importante”.*⁶¹

Iniciamos este tópico com esta epígrafe para ilustrar nossa afirmação anterior acerca da importância que Curitiba representava aos interesses do NSDAP/PR. A concentração de indivíduos de origem germânica na cidade⁶² e a posição de destaque desta em relação às demais localidades do estado podem ser fatores que explicam a intensificação do trabalho partidário na capital paranaense.

Não obstante, as comunidades alemãs do interior não foram relegadas ao esquecimento pelo partido. Em depoimento, Hoffman aponta que Curitiba era “*seção diretora para as nove filiais para o estado do Paraná*” (grifo nosso)⁶³. É arriscado precisar com ampla certeza, pela documentação policial, quais eram essas supostas nove

⁶¹ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁶² Estima-se que a presença alemã em Curitiba era de aproximadamente 40 mil pessoas, em 1935. Ver Milarchi (1986, p. 13).

⁶³ *Auto de declarações prestadas do Werner Hoffman*. 27/06/1938. Fls. 18-19. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

filiais. Todavia, através de um cotejamento de documentos da repressão, jornais e bibliografia, podemos apresentar uma aproximação, que nos dá conta de esclarecer os pontos mais importantes para os nazistas no interior do estado.

Trabalhando com documentos do Tribunal de Segurança Nacional, Moraes pôde levantar a distribuição por cidades dos filiados no Paraná:

Tabela 4 – Distribuição dos filiados ao NSDAP/PR (por localidade)

Número de militantes	Cidade/Local	Total Absoluto	Total relativo
Até 5	Irati – Foz do Iguaçu – Hortelândia – Jacarezinho – Palmeira – Paranaguá – Rolândia – Taruman – Terra nova – Thomazina	22	11.9 %
Entre 6 e 15	Cachoeirinha – Cruz Machado – Rio Negro	32	17.3 %
Entre 16 e 30	Castro 21 Ponta Grossa 16	37	20,0 %
Entre 30 e 50	-		
Mais de 50	Capital – 94	94	50,8 %
TOTAL		185	

Sem referencia – 0.

Fonte: MORAES, Luiz Edmundo. *Ein volk, Ein Reich, Ein Führer; A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro: 1996.

Considerando como “filial”⁶⁴ do partido, as localidades que possuíam lideranças direcionadas pelo mesmo e/ou que recebiam a denominação de “grupo local”, foi possível concluir que, das cidades citadas por Moraes, *Ponta Grossa, Castro, Cruz Machado, Rio Negro, Londrina, Irati, Rolândia e Paranaguá* se encaixam no padrão.

⁶⁴ Provavelmente, a palavra “filial” significava, na hierarquia do partido, os *Stützpunkte* (pontos de apoio).

Na não mencionada União da Vitória, contígua a Porto União, Santa Catarina, também funcionava um grupo local conjunto com sua vizinha.

Devido ao imbróglio entre NSDAP e Consulado da Alemanha, em algumas localidades os chamados “homens de confiança do Consulado” faziam um trabalho que podemos classificar como partidário/consular. Cabe destacar – como veremos adiante – que o Consulado em Curitiba, na década de 1930, além de atender os interesses materiais e jurídicos dos “súditos”, fazia um trabalho de divulgação do nazismo no interior do estado, com a distribuição de materiais impressos, emissões radiofônicas e através dos *Vertrauensmänner*⁶⁵. Esses indivíduos, não eram em geral filiados ao partido, mas representavam os interesses do mesmo – utilizando a máscara do Consulado – em locais onde não existia um grupo local do NSDAP.

Esse emaranhado entre Consulado e partido torna difícil, até certo ponto, distinguir o trabalho de um e de outro. Alguns teutos do interior pareciam desconhecer esse aspecto: ao mesmo tempo em que alguns escrevem ao consulado pedindo providências, para localidades onde o nazismo não obteve êxito, outros solicitam uma ação para impedir a interferência dos “partidários” nos assuntos da comunidade⁶⁶. Como afirma Marionilde Brephol, cabia aos dois, Consulado e Partido, o trabalho propagandístico “arregimentando adeptos, interferindo em suas associações [dos alemães], fiscalizando e punindo, ainda que indiretamente, os que lhes faziam oposição” (2002, p. 5).

⁶⁵ “Homens de confiança”. Termo no original, utilizado pelo secretário do Consulado em diversos documentos. *Carta do Consulado da Alemanha em Curitiba a Emil Mohrhoff*. 19/04/1939. Fl. 5. Pront. 1050, Top. 331, “Emil Mohrhoff”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná. É importante fazer aqui uma desambiguação quanto ao termo: os agentes secretos da *Abwehr* espalhados pelo mundo também recebiam esse título. Contudo, não existem razões para acreditar que estes indivíduos estivessem envolvidos em ações de alta espionagem; aqui, o título refere-se aos representantes consulares, não-oficiais, no interior do estado. Sobre as redes de espionagem alemãs no Brasil, ver Hilton (1977).

⁶⁶ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Os *Vertrauensmänner* também aparecem no contexto pós-1938, momento em que o partido foi proibido de atuar em território nacional. Como exemplo da ação desses indivíduos, podemos citar o caso de Rolândia. Há indícios de que nesta localidade o Partido Nazista tenha implantado um ponto de apoio, apesar da contrariedade da empresa colonizadora da região⁶⁷. Verificamos que além do Consulado, membros do NSDAP – mesmo após a ilegalidade – mantinham contatos com o *Vertrauensmann* do local.

No início do conflito mundial, o Pastor Zischler, foi preso “por ter infringido a lei de neutralidade” do Brasil, distribuindo fichas de alistamento militar para os alemães de Rolândia⁶⁸; posto em liberdade condicional no mesmo ano, foi preso novamente em 1942. Hans Zischler passou a trabalhar na igreja evangélico-luterana de Rolândia a partir de 1936 e logo se tornou agente consular na região; de acordo com alguns relatos de contemporâneos, o pastor “usava uniformes nazistas” e chegou a erguer a bandeira com a suástica sobre o prédio da igreja (FISCHER, 2005, 163).

Gostaríamos de abrir um parêntese para recordar que em Rolândia a companhia inglesa colonizadora da região, *Paraná Plantation*, por intermédio da “Sociedade para Estudos Econômicos Além Mar” (*Gesellschaft für Wirtschaftliche Studien in Übersee*) e a Companhia para Colonização no Exterior (*Gesellschaft für Siedlung im Ausland*), recebeu grande número de alemães no entre guerras, dentre os quais um significativo número de judeus alemães fugitivos do nazismo. Contudo, não só a perseguição dos nazistas aos judeus povoou a cidade de indivíduos de origem germânica. Intelectuais, políticos e religiosos provenientes da Alemanha, de variadas origens étnicas, também procuraram refúgio na “terra de Roland”, assim como colonos vindos de Santa Catarina

⁶⁷ Gudrun Fischer (2005), ao entrevistar mulheres judias imigradas para Rolândia, afirma que a *Paraná Plantation* se recusou a transformar Rolândia em uma célula nazista, como exigia o governo alemão.

⁶⁸ *Auto de apreensão*. 29/10/1939. Fl. 9. Pront. 1473, Top. 356, “Hans Zischler”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

e do Rio Grande do Sul. Em depoimento colhido por Hermann Oberdiek (1997), um imigrante menciona que em Rolândia chegaram cerca de trezentas e vinte famílias alemãs, das quais apenas oitenta eram judias.

Levando em conta essas informações e tendo em mente que efetivamente existiam partidários do nazismo na cidade – afirmativa que hoje dificilmente seria refutada⁶⁹ – imediatamente nos sentimos aguilhoados a questionar a respeito da convivência entre *nazis* e os judeus alemães na mesma localidade. Não é obviamente o desígnio deste trabalho responder a questão. Entretanto, nos causa incômodo deixar de mencionar o problema, haja vista o grande número de especulações pouco fundamentadas – às vezes até acadêmicas.

A assertiva recheada com o menor nível de rigor científico, talvez seja aquela que apreende Rolândia como um “paraíso harmônico”, no qual nazistas e judeus conviviam, enquanto o mundo se espatifava na guerra total. Ora, a análise distraída de alguns depoimentos pode levar a essa conclusão.

É fato que o Partido Nazista no Brasil praticava um anti-semitismo mais teórico que prático, como mostrou Ana Maria Dietrich em sua tese de doutorado (2007). De acordo com a autora, houve um processo de *tropicalização do nazismo*, no qual o anti-semitismo se dirigia mais contra os “judeus de fora”, sendo assim, insignificantes as atitudes concretas contra comunidades judaicas no Brasil.

Não obstante, observando cuidadosamente documentos referentes à cidade de Rolândia na DOPS/PR e a escassa bibliografia sobre o tema, salta aos olhos uma comunidade alemã cindida, permeada pela dissonância no aspecto político, a despeito da situação de “igualdade” ocasional (o fato de serem imigrantes) reinante entre os dois grupos. Assim, podemos afirmar que os mesmos conflitos cotidianos (independente da

⁶⁹ Ver Fischer (2005, p. 163).

proporção) que ocorriam nas comunidades germânicas em cidades como Curitiba e Ponta Grossa, também estavam presentes em Rolândia.

Um dos membros do NSDAP em Rolândia era o próprio fundador da colônia, Osvald Nixdorf. Curiosamente, o líder do ponto de apoio da cidade era August Nixdorf, chefe certificado pelo próprio von Cossel, que não possuía nenhum parentesco com Osvald. Os documentos indicam que Osvald deixou o partido em 1936, apesar de ter declarado que permaneceu nacional-socialista após o fato. Em 1942, as confusões em torno do sobrenome complicaram sua situação perante as autoridades. Além de permanecer três meses na prisão, perdeu os contratos que tinha com o governo do estado para gerenciar a “granja Roland”.

Em Foz do Iguaçu a situação era semelhante à encontrada em Rolândia no que se refere à direção político-partidária. Contudo, em Foz não foi possível localizar nenhuma liderança autenticada pelo próprio partido. O único dirigente era Emil Mohrhoff, responsável pelos interesses dos “súditos do Reich” na área brasileira da tríplice fronteira. Mohrhoff não era militante filiado, mas em depoimento se dizia adepto do Nacional-socialismo, fato confirmado pela documentação constante em seu dossiê⁷⁰.

Em relação às cidades nas quais o NSDAP efetivamente organizou um núcleo, a dificuldade de acesso à documentação específica do partido e a “pilhagem” nos arquivos policiais nos limitam a apontar quatro exemplos: Terra Nova (Castro), União da Vitória, Irati e Paranaguá.

Na colônia agrícola de “Terra Nova – Garcez – Maracanã”, como era conhecida, município de Castro, além de apurarmos uma ação efetiva do NSDAP, verificamos a gerência de uma empresa semi-oficial do III Reich. Trata-se da Companhia para

⁷⁰ *Auto de declarações prestadas por Emil Mohrhoff*. 11/07/1942. Fl. 19. Pront. 1050, Top. 331, “Emil Mohrhoff”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Colonização no Exterior (*Gesellschaft für Siedlung im Ausland*), com sede em Berlim. Utilizava no Brasil o nome "Companhia Paranaense de Colonização". Constituía-se como uma "Sociedade civil por quotas de responsabilidade limitada"; a participação maior em capital era da GSA⁷¹.

O líder da referida colônia era Erich Finmann, também responsável pela colônia “Treze Tilhas”, em Santa Catarina, comandada pela mesma empresa. Em circular secreta ao NSDAP/PR (maio de 1939), Finmann alertava:

Os colonos alemães devem sempre ser gratos ao Führer Hitler. No Paraná, como nos outros estados do sul, o programa do NSDAP deve ser desenvolvido, afim de neutralizar os desejos dos norte-americanos. Heil Hitler⁷²

Finmann geria toda atividade da colônia, desde o envio de cartas dos colonos à Alemanha até a compra de utensílios, remetendo ao NSDAP e ao Consulado as informações relacionadas aos alemães. Citemos o caso de Rudolf Mayer, colono com invalidez física, diga-se de passagem, que requereu do Consulado seu direito a uma pensão. O líder do NSDAP deu parecer negativo, afirmando que Mayer era “elemento questionador”, que só ingressou no partido para receber a pensão (teria ele outra forma de receber o auxílio?). Por fim, o Consulado autorizou o pagamento de apenas meia pensão.

Além disso, a aceitação de algum imigrante na colônia era vinculada à filiação do chefe da família ao partido. Dessa forma, incorporando o papel de autoridade do III Reich perante os colonos, o NSDAP, através de Finmann, incorporava números para a organização entre pessoas que deveriam acreditar estarem contribuindo com sua nação, trabalhando com afinco em Terra Nova (MAGALHÃES, 2002).

⁷¹ *Certidão de escritura da Companhia Paranaense de Colonização LTDA*. 13/10/1937. Fls. 37-39. Pront. 1082, Top. 334, “Erich Finmann”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁷² *Circular secreta da Gesellschaft für Siedlung im Ausland ao NSDAP/PR*. 05/1939. Fl. 21. Pront. 1082, Top. 334, “Erich Finmann”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Vale a pena registrar, que tanto Terra Nova, quanto outras colônias do interior recebiam recursos do Ministério do Exterior através da intermediação do partido e do Consulado. Além disso, sob a gerência de Otto Braun, o Centro Agrícola Paraná (organização cooperativista sediada do Consulado Alemão de Curitiba), que sofria interferência do NSDAP, gerenciava mais de cinquenta colônias filiais no estado (cerca de dois mil associados).

Essa situação, atestada pela documentação policial, também estava presente nas constatações da imprensa da época:

Como é bem de ver-se, o Centro Agrícola era uma força respeitável e urgia que se fosse aproveitado no sentido político.

Desde então, com mentores nazistas, os colonos que não pactuassem com o credo de Hitler passaram a ser preteridos em suas petições, com que se forçava o crescimento do número de adeptos do nacional-socialismo no Paraná (MARTINS, s/d, p. 131).

Outra situação que nos chama a atenção no interior é a das cidades fronteiriças de União da Vitória e Porto União (SC). Os nazistas de União da Vitória não possuíam um núcleo próprio, filiando-se ao núcleo da cidade vizinha de Porto União. Portanto, em tese pertenciam ao NSDAP/SC, com sede em Blumenau. Contudo, foi possível verificar que o líder do grupo, “Chefe Klein”⁷³, recebia ordens do NSDAP/PR, podendo ser a cidade considerada uma das filiais do partido no Paraná.

Em 1938, Eugênio Klein rumou para a Alemanha e ao, que tudo indica, deixou o núcleo sob os cuidados de seu irmão Henrique Klein. Brasileiro, natural de São Paulo, Henrique rumou com seus pais para a Alemanha ainda criança, conseguindo posteriormente o título de cidadão alemão em Wüttemberg. Foi combatente da Primeira Guerra Mundial, condecorado por duas vezes lutando nos fronts Russo e Francês. Foi preso em 1942 e posto em liberdade em 1943, por ordem de Manoel Ribas.

⁷³ Eugênio Klein, chefe nazista em Porto União.

Posteriormente, Klein foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional a três anos de prisão, em novembro de 1943, apenas por porte ilegal de arma e não por “professar a ideologia nazista”, como conta na primeira acusação⁷⁴. Em 1945, Klein se enquadrava em uma lista de anistia para prisioneiros políticos⁷⁵. O núcleo dirigido por Klein figura em uma foto, constante no seu dossiê da DOPS/PR (Ilustração 6).

Em Irati, outro núcleo nazista com grande destaque na documentação policial, o chefe local era o marceneiro Guilherme Willy Roetger. De acordo com seu depoimento, recebeu de Werner Hoffman, em 1937, o convite para liderar um núcleo nazista em Irati, que funcionou aproximadamente por um ano, devido à política de repressão das autoridades estaduais. Juntamente com os documentos referentes às atividades nazistas em Irati localizamos uma fotografia onde figuram alguns líderes, membros do NSDAP/PR, além de outros indivíduos utilizando a farda do partido (Ilustração 7).

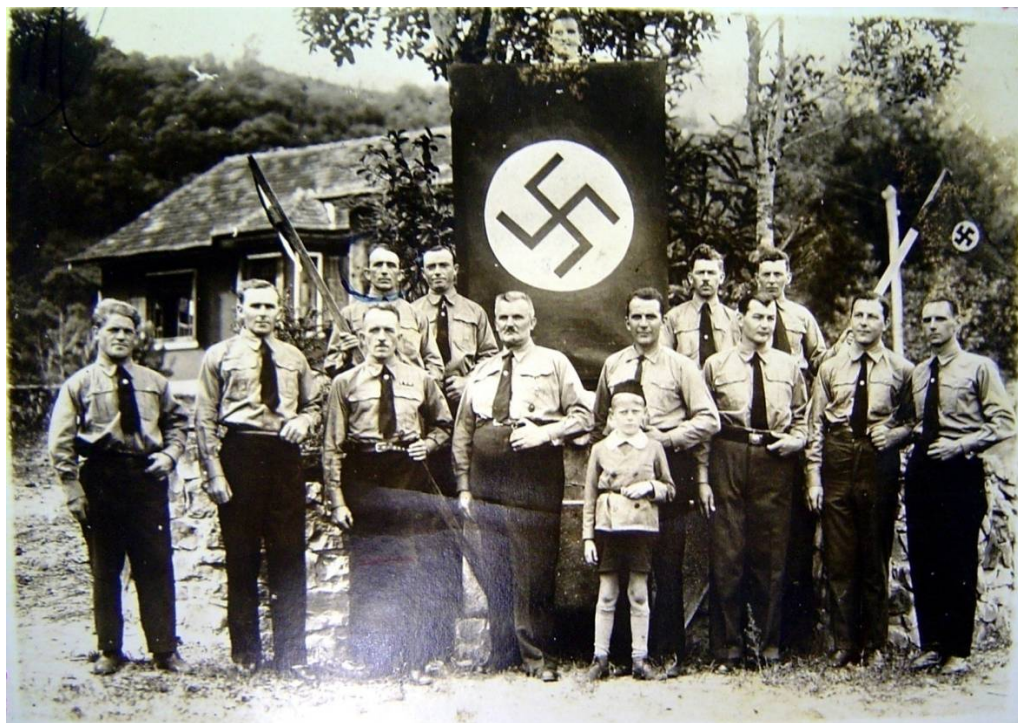
A cidade de Paranaguá também sediava um grupo que se autodenominava “grupo independente do litoral”. Seu líder era Alfred Andersen (Ilustração 8), também responsável pela propaganda nazista no plano estadual; Andersen chegou a fazer uma viagem à Berlin com o fito de assistir “cursos especiais para chefes de porto e seções no estrangeiro”⁷⁶ (sic); ocupou também a função de vice-cônsul em Paranaguá. Não foi possível precisar o período no qual Andersen exerceu esta última função, contudo temos a informação de que, no início da década de 1940, o cargo já estava sendo ocupado por Julio Brand.

⁷⁴ *Processo 1463*, “Henrique Klein”, TSN-RJ, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

⁷⁵ *Decreto-lei 7.474* – de 18 de abril de 1945. Fl. 4. Pront. 1538, Top. 360, “Henrique Klein”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁷⁶ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Ilustração 6: Grupo nazista de União da Vitória/Porto União



Fonte: Pront. 1538, Top. 360, “Henrique Klein”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Ilustração 7: Circulo paranaense do NSDAP



Fonte: Pront. 1428, Top. 168, “Nazismo - informes da delegacia e fotografia”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Ilustração 8 – Festejos na chácara de Julio Brand, Paranaguá (Alfred Andersen à frente do mastro).



Fonte: Pront. 2248, Top. 403, “Julio Brand”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Brand, naturalizado brasileiro, também foi figura importante no Consulado em Paranaguá. Além da função de Cônsul, era representante da Companhia Hamburguesa de Navegação. Entre os feitos de Brand reprimidos pela polícia – mais relacionados com sua empolgação pessoal do que com qualquer atividade partidária planejada – cabe destaque o trabalho de propaganda durante o conflito mundial. Brand recebia em seu escritório irradiações da Alemanha noticiando a respeito da guerra, confeccionava boletins e distribuía aos alemães da cidade. A repressão policial foi imediata, quando Brand soltou fogos e promoveu um jantar em comemoração à rendição da Holanda. De fato, as comemorações relacionadas às vitórias nazistas durante a guerra aparecem em vários documentos chamando a atenção dos policias e da imprensa⁷⁷.

As fontes também nos permitiram verificar que Alfred Andersen controlava, a partir de Paranaguá, todo o trabalho do partido na região litorânea. A propaganda circulava através de material enviado pelo NSDAP de Curitiba e pelo rádio. Tem especial atenção nos documentos a Escola Alemã de Paranaguá, controlada pelos nazistas, sendo tema de diversas correspondências do NSDAP⁷⁸.

É visível o interesse do partido sobre a cidade de Paranaguá, devido entre outros motivos à sua localização portuária e importância estratégico-comercial. Andersen tentou até utilizar o porto para receber vasos de guerra alemães com intuito propagandístico⁷⁹.

⁷⁷ Ver Pront. 2248, Top. 403, “Julio Brand”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁷⁸ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁷⁹ Ibid.

2.6 PERFIL DOS MILITANTES DO NSDAP/PR

No capítulo anterior abordamos a questão do perfil dos indivíduos que ingressaram na seção brasileira do NSDAP. Foi possível demonstrar que o partido se estruturava em uma base social fundamentalmente urbana, cujos integrantes pertenciam a uma classe média/alta, valendo-se em sua maioria de atividades dos setores secundário e terciário.

Para uma análise destes aspectos no que diz respeito ao NSDAP/PR, foi possível retirar uma “amostra” dos mais de 180 filiados, levando em consideração os nomes, sobre os quais a documentação policial mais se debruça⁸⁰. Não existe aqui, no entanto, a pretensão de estabelecer um ponto final neste quesito, mas sim elucidar, com longas pinceladas, qual era o perfil social dos nazistas do *Kreis* paranaense e o que explica, em grande medida, a filiação destes indivíduos ao partido.

Adiantamos que o “tipo padrão” do militante nazista paranaense pouco difere do que já foi apresentado para todo o país. Entretanto, pudemos dar atenção a alguns aspectos não abordados pelos autores que trataram do tema no âmbito nacional.

No Paraná, o partido “tomou forma”, no sentido social, entre os anos 1933-1937, período em que se observa o maior número de filiações. Isso posto, voltando os olhos para as nacionalidades e datas de nascimento dos militantes podemos lançar luz sobre a questão geracional, já trabalhada no capítulo anterior.

Dos nazistas filiados ao NSDAP/PR que obtivemos informações, a esmagadora maioria (81,3%) era composta por alemães natos – *Reichsdeutsch*; 6,9% nasceram na Alemanha e se naturalizaram brasileiros; igualmente, 6,9% eram brasileiros de

⁸⁰ Foram analisados cinquenta nomes, a maioria de alemães natos, recorrentemente considerados pela documentação como membros do partido; para suprir as limitações das fontes policiais buscamos o cotejamento com a literatura jornalística da época e um processo do Tribunal de Segurança Nacional. A média aritmética simples relativa à ausência de informações nos documentos da DOPS/PR gira em torno de 29,7%.

descendência germânica; por fim, 4,6% compunham o grupo de brasileiros naturalizados alemães.

Dentro desta baixa porcentagem de brasileiros no NSADP/PR, devemos elucidar que, nas declarações formais à polícia, esses indivíduos negaram acima de tudo pertencer ao partido. Tal fato pode ser explicado observando que quase a totalidade dos depoimentos foi colhida em 1942, após o rompimento das relações entre Brasil e Alemanha; no final da década de 1930, com a Campanha de Nacionalização, o NSDAP/BR – e de outros países da América Latina – passaram a tomar um cuidado especial com os chamados *Volksdeutsch*. Deste modo, uma comunicação enviada ao Círculo paranaense por Karl Spanaus elucidava:

Por motivos que já lhe são conhecidos, retiramos provisoriamente do nosso arquivo, todo o fichário dos alemães que nasceram aqui [Brasil]. Todos os alemães que se naturalizaram, continuam a constar do arquivo (sic).⁸¹

O documento acima, mesmo sem apontar a data⁸², é indicativo da existência de um conflito entre nacionalismo que se inicia quando o governo Vargas – com forte apoio dos governos estaduais no sul – impõe uma política de abasileiramento da população dita “não assimilada”.

Por outro lado, a negativa quanto ao pertencimento partidário pode também estar ligada, em alguns casos, à própria estratégia do partido. Os organismos paralelos como a Juventude Teuto-brasileira e a Frente Alemã do Trabalho (D.A.F.) serviam como válvula de escape para o ingresso dos *Volksdeutsch* nas atividades do NSDAP, uma vez que era proibida a participação de brasileiros nas fileiras oficiais.⁸³

⁸¹ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁸² Acreditamos que se refere ao ano de 1938. Ver Seitenfus (2003).

⁸³ No Paraná, não pudemos encontrar fortes indícios de que a DAF arregimentava grande número de alemães para a causa nazista.

Quanto ao período de nascimento, observa-se que quase a metade dos aderentes (45,9%) nasceu na década de 1900; em segundo lugar, 21,6% nasceram na década de 1890 e em terceiro, 13,5% nasceram na década de 1880. Somando os três dados, concluímos que algo em torno de 81% dos militantes participaram diretamente ou sentiram os efeitos da Grande Guerra (1914 – 1918). Corroborando essa afirmação, verificamos que 68,2% dos filiados entraram no Brasil na década de 1920, década do *boom* da imigração germânica no Paraná, motivada principalmente pelas agruras do conflito mundial.

Dentre as razões que levaram esses indivíduos da chamada *war generation* à adesão formal ao Nacional-socialismo em terras estrangeiras, podemos destacar a questão da manutenção do *Deutschtum*⁸⁴ – entendido como a preservação da pureza racial, da língua e identidade cultural alemãs – e do sentimento de “nacionalismo ferido” (RÉMOND, 1988, p. 94), haja vista que presenciaram – às vezes em armas – os horrores da guerra.

Com a ascensão do nazismo, o *Deutschtum*, após sofrer os percalços da derrota alemã na I Guerra Mundial recebeu um revigoramento. Dessa forma, muitos imigrantes e descendentes aderiram ao nazismo, entendendo-o como o símbolo do “renascer” da pátria-mãe destruída pela catástrofe bélica⁸⁵.

De modo freqüente na documentação, os nazistas interrogados explicam o ingresso no partido com um tom nacionalista. Ao ser perguntado, em folha manuscrita,

⁸⁴ Germanismo é a tradução comumente utilizada pela historiografia. Contudo, na documentação é possível encontrar “germanidade”, “alemanismo” e “alemanidade”.

⁸⁵ De acordo com Gertz (1991), havia aqueles que entendiam o nazismo como uma manifestação do *Deutschtum* (principalmente em seus aspectos étnico-culturais) e outros que destacavam no nazismo os aspectos políticos. Estes últimos, muitas vezes, pretendiam subjugar as instituições germânicas sob o pretexto de serem representantes do “novo espírito alemão”.

se ainda era nazista e porque, Kurt Boiger afirmou: “É difícil de responder por que a gente é alemão”⁸⁶. Na mesma interrogação, Herbert Hebmüller respondeu:

[...] cheguei em 1929 ao Brasil e sempre trabalhei pacificamente em meu ofício. Quando soube que a Alemanha está (sic) sendo dirigida pela N.S.D.A.P. achei meu dever como alemão de aderir ao partido⁸⁷;

Outro membro enfatizou que entrou para o partido por “ser convicto de que a Alemanha precisava sair da caos (sic) e da miséria em que se achava”⁸⁸.

Tais falas demonstram o peso do nacionalismo, anterior ao nazismo, incidindo na decisão dos alemães. Muito mais, evidenciam o nacionalismo lesado, injustiçado, que insiste em ver “a abolição dos erros cometidos pelo Tratado de Versailhes (sic), em baixo dos quais o povo alemão sofreu muito”⁸⁹, nas palavras de um militante.

Além do mais, o afastamento – muitas vezes compulsório – da *Vater Land* não se mostrou fácil, nas próprias condições materiais. Talvez com exceção do grande empresário ou industrial, são visíveis, com relação aos partidários no Paraná, altos índices de migração interna em busca de melhores empregos, ou mesmo como resultado de acomodações dentro de uma mesma empresa.

Deste modo, temos que 55% dos nazistas vieram de outros estados e/ou países e 15% migraram dentro do próprio estado; portanto, 70% dos alemães adeptos enfrentaram esse tipo de percalço.

Em outras palavras, esses alemães se depararam com uma considerável dificuldade de fixação no exterior. Num sentido psicológico, podemos entender que

⁸⁶ Resposta manuscrita aos quesitos formulados pela DOPS/PR. 29/08/1944. Fls. 12-13. Pront. 2303, Top. 407, “Kurt Boiger”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁸⁷ Resposta manuscrita aos quesitos formulados pela DOPS/PR. 08/03/1944. Fls. 10-14. Pront. 1554, Top. 361, “Herbert Hebmüller”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁸⁸ Auto de declarações prestadas por Ricardo Kempfer. 06/07/1942. Fls. 4-5. Pront. 3266, Top. 467, “Ricardo Kempfer”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁸⁹ Resposta manuscrita aos quesitos formulados pela DOPS/PR. 08/03/1944. Fls. 10-14. Pront. 1554, Top. 361, “Herbert Hebmüller”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

como forma de defesa desta situação de “desamparo social”, esses alemães podem ter enxergado no NSDAP e nas suas instituições um local de segurança. Tal qual um “oásis”, o trabalho do partido juntamente com o Consulado pode ter surtido este efeito arregimentador.

Com relação à dicotomia interior/capital, temos que 65% dos filiados possuíam residência fixa na capital e 27% no interior; 6,8% residiram no interior e migraram para a capital, ou vice-versa⁹⁰. Dos interioranos, 8,6% residiam em áreas urbanas, os demais se instalaram nas colônias agrícolas. Portanto, 73,6% dos militantes residiam em áreas urbanas e a maioria em Curitiba.

Estes dados estão diretamente associados à questão profissional. Para este ponto, 36,5% dos militantes declararam trabalhar na área de comércio (nesse aspecto fica difícil distinguir entre donos de casas comerciais ou representantes delas); em seguida, três categorias com a mesma cifra, 9,7%: empresários e industriais, funcionários consulares e lavradores ou marceneiros; 7,3% para técnicos eletricitas; finalmente, agrupamos profissões que apresentaram baixas cifras em uma categoria com 26,8% (bancários, dentistas, domésticas, engenheiros, estudantes, contadores, gerentes de empresa colonizadora, mecânicos, pastores, professores e relojoeiros).

Agrupando esses dados em outras duas categorias podemos observar que 70,7% dos militantes possuíam profissões características de classe média e alta, as quais requerem instrução pelo menos em nível técnico; por outro lado, apenas, 31,7% exerciam profissões características de classe média baixa e estão localizados em sua maioria no interior do estado.

Estes resultados quanto ao aspecto profissional dos partidários também estão presentes na caracterização geral do nazismo no Brasil. Autores como Moraes, Perazzo

⁹⁰ Os dados extraídos do trabalho de Moraes, anteriormente apresentados, referem-se à resultados de pesquisas elaboradas nos documentos do Tribunal de Segurança Nacional. O confronto com os dados retirados dos documentos da DOPS/PR mostra pequena discrepância.

e Gertz já chamaram a atenção dos historiadores há algum tempo para o fato de que os alemães identificados como defensores cômicos da causa nazista não pertenciam a grupos colonizadores rurais.

Dessa forma, se o foco da atividade nazista no Brasil se concentrou nos grandes centros, seria um equívoco não incluir o Paraná na lista das localidades que apresentam tal propriedade – mesmo que em menor intensidade. Assim como em São Paulo e Rio de Janeiro, a maioria dos ingressos no partido pertencia a um grupo urbano: pequenos ou mesmo grandes proprietários, técnicos e/ou funcionários qualificados que “mantinham ligações diretas com empresas e consulados alemães, dependendo deles para sua permanência e sustentação econômica [...]” (PERAZZO, 1999, p. 65).

Estabelecemos, destarte, uma categoria de classificação que leva em conta o local de trabalho. Os resultados giram em torno da idéia de *contato constante com a Alemanha*: indivíduos que imigraram com o fito de trabalhar em empresas alemãs, ou trabalharam em firmas dirigidas por alemães, ou em entidades consulares, ou mesmo responsáveis por associações de caráter germânico com ligação na *Vaterland*⁹¹. Para este conjunto temos a singular marca 84,8% dos filiados; enquanto 15,1% imigraram por conta própria ou trabalham em locais que não se encaixam neste perfil. Tal conjunto de *locais de trabalho* demonstra que a conexão com a Alemanha é fator elucidativo para entendermos a adesão às fileiras do Nacional-socialismo.

Temos assim o perfil dos militantes nazistas no Paraná com essas cinco categorias. Em sua maioria, os filiados eram alemães natos, provenientes da *war generation*; possuíam residência fixa na capital e cerca de ¼ no interior; apresentavam

⁹¹ Citemos algumas destas instituições: Banco Alemão Transatlântico; Química Bayer; Cia. Hamburguesa de Navegação; Companhia Hamburguesa de Navegação; Escola Alemã de São Mateus; Colégio Alemão de Curitiba (Colégio Progresso); *Gesellschaft für Siedlung im Ausland*; Igreja Luterana; Impressora Paranaense Ltda.; Livraria Alemã; Müller e Irmãos; Oficina de Arte Mobiliária; Mina de carvão *Köhle*; Sociedade Alemã de Estudos Terrestres; Tigges e Cia.; Varta do Brasil; Westphalen, Back e Cia. (Hamburgo).

profissões características de classe média e alta, nas quais estava presente forte vínculo com a Alemanha.

Abre-se aqui um parêntese. Observando tais assertivas acreditamos que os referenciais externos são mais válidos para explicar a adesão desses indivíduos ao NSDAP, do que qualquer aspecto cultural ou político local. Afirmamos isto, uma vez que se levarmos em conta a forte presença principalmente de integralistas, mas também de fascistas italianos no Paraná da década de 1930, alguém pode ser tentado a fazer uma associação entre a adesão de indivíduos ao nazismo e a cultura política paranaense, tradicionalmente entendida como conservadora e mesmo autoritária. Não podemos falar sobre as outras vertentes fascistas, mas com relação ao nazismo, é muito provável que tal característica estadual pouco (ou nada) tenha influenciado no **ingresso formal ao partido**.

Gostaríamos, ainda, de dar destaque para a questão da base de sustentação financeira do NSDAP/PR. Os documentos mostram que os militantes “comuns” pagavam um “donativo” de 5\$000 mensalmente. Não obstante, observamos que um pequeno grupo – cujos membros situam-se em grande parte na classe alta – sustentava as atividades do partido através de pesadas contribuições mensais. Citemos dois exemplos.

A respeito de Bennewitz, vice-líder do NSDAP/PR, Kurt Maeckelburg coloca: “Hans Bennewitz, diretor da companhia telefônica do Paraná também é elemento nazista [...] e por ser senhor de fortuna sempre auxiliou aquela propaganda nas suas festas, com grandes auxílios”⁹².

Max Schrappe, proprietário da maior empresa gráfica do Paraná na época, a Impressora Paranaense Ltda., também figura neste grupo. A impressora era empresa de

⁹² *Auto de declarações prestadas por Kurt Maeckelburg*, 20/12/1938. Fls. 19-20. Pront. 2305, Top: 407, “Kurt Maeckelburg”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

longa tradição em Curitiba, fundada em 1888 pelo industrial Ildephonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. Sócio da firma a partir de 1912 e único proprietário após 1922, Schrappe também foi tesoureiro do Partido Nazista na pós-fundação e prestava serviços de impressão para o Consulado⁹³. Nos documentos encontramos um pedido do NSDAP

ao Sr. Max Scharappe para que este subscreva um donativo mensal de 200\$000 a 300\$000 pelo prazo de 2 anos, como fazem os Pg. Cônsul Mueller, Schmid, Wawretzko, Bennewitz, Hoffman, Garbers⁹⁴.

Concluimos, assim, que o ponto de sustentação do partido encontrava-se neste seleto grupo de empresários que financiava suas atividades com somas superiores às dos demais membros.

Na lista de colaboradores acima, podemos encontrar também funcionários consulares, o que adverte para uma estreita relação entre o Consulado da Alemanha em Curitiba e o NSDAP. Vejamos com mais detalhes a ação conjunta das duas entidades.

2.7 A PROXIMIDADE COM O CONSULADO

Nos princípios nazistas a respeito da estrutura estatal – o *Führerstaat* – não existe razão para qualquer distinção entre Partido e Estado (SILVA, 2000, p. 134). Sendo assim, as representações consulares, “naturalmente”, deveriam cooperar com as atividades dos grupos partidários além-Reich, além de fazer seu trabalho normal de assistência aos concidadãos no exterior.

⁹³ A Impressora Paranaense – que figurava nas listas negras norte-americanas e inglesas – teve dificuldades para continuar o trabalho no pós-guerra devido à truculência da DOPS em conceder certidões limpas. Além do fato de ser uma empresa cujo dono era alemão, é possível que este tipo de acontecimento tenha relações com disputas político-econômicas locais. Ver Pront. 2709, Top. 431, “Max Schrappe”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁹⁴ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Temos reforçado, neste trabalho, que essa naturalidade se mostrou aparente em muitos aspectos. Assim como em outras questões, o caso da relação do Consulado Alemão de Curitiba com o Partido Nazista indica uma situação conflituosa.

Ora, se voltarmos novamente os olhos para os depoimentos de Werner Hoffman, fica patente a dificuldade que o partido enfrentou diante desse órgão consular, pois juntamente com as sociedades, clubes e associações, Hoffman coloca que o consulado também teve que ser **“tomado de assalto”**⁹⁵.

Os documentos inseridos no dossiê “Consulado Alemão” da DOPS/PR, pouca coisa nos indicam a respeito dos embates entre partido e consulado, uma vez que se referem ao contexto do desmanche dessa repartição. De tal modo, os textos não despejam muita atenção à atuação do Consulado antes de 1938. Ainda assim, baseando-se em outras fontes, tentaremos demonstrar o sucesso do NSDAP em utilizar o consulado como aliado na tarefa a que se propunha e os embates iniciais que tornaram possível tal feito.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha ficou praticamente todo o período sem emissário consular em Curitiba e, entre 1920 e 1927, apenas encarregados de negócios representaram a Alemanha. Citam-se Wilhelm Schack e Hans Garbers, como indivíduos que estiveram no cargo. Somente em fins da década de 1920, a República de Weimar enviou um cônsul com carreira diplomática. Trata-se de Ludwig Aeldert, que permaneceu no cargo após a ascensão do nazismo, sendo substituído em meados da década de 1930⁹⁶.

No contexto da primeira metade da década de 1930, a presença do cônsul Aeldert representava um entrave na relação “natural” entre o partido e o consulado. Os

⁹⁵ *Auto de declarações prestadas do Werner Hoffman*. 27/06/1938. Fls. 18-19. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná

⁹⁶ Ver Milarchi (1986, p. 13).

nazistas limitavam-se a uma atuação autônoma, sem, contudo, usufruir da representação oficial dos alemães no exterior como base de apoio.

O próprio Hoffman nos indica a circunstância, afirmando que “com a retirada do cônsul Aeldert melhorou muito a situação e então organizou-se (sic) a Hitler Jugend [...] fundou-se a Frente do Trabalho, a Liga das Senhoras etc.”⁹⁷

Deste modo, é possível depreender que, na visão de Hoffman, a limitação para a ampliação das atividades do partido e a organização das células paralelas era crédito do trabalho de Aeldert; Martins também coloca que: “em Curitiba, havia o consul Aeldert, o qual por não querer permitir a oficialização do N.S.D.A.P. no Paraná foi daqui removido” (s/d, p. 126); Por volta de 1936, o já referido protesto da colônia alemã de Curitiba contra a NSDAP informava: “até mesmo conseguiram [os partidários do NSDAP], por intermédio de um fidalgo parente, fazer cair um próprio consul do Reich!”⁹⁸

Cabe também recordar, que os números citados na Tabela 3 demonstram que o “boom” do partido se deu no início da segunda metade da década de 1930, momento em que o Ludwig Aeldert não estava mais na função.

O relato mais revelador a respeito dessa questão é de Ricardo Kempfer. Um dos dentistas mais conceituados de Curitiba no período, Kempfer foi membro do partido, inclusive participando da fundação do Círculo. Apesar disso, seu depoimento diverge dos demais pela clareza da explanação a respeito de seu pensamento como imigrante alemão e a sua concepção sobre política.

Resumidamente, Kempfer acreditava que entrar para o partido naquele momento era uma “obrigação” dos alemães, dada a situação caótica em que se encontrava sua

⁹⁷ *Auto de declarações prestadas do Werner Hoffman*. 27/06/1938. Fls. 18-19. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

⁹⁸ *Aus dem deutschem Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP*. 1936. Fls. 26-32. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

pátria. Ingressar para o NSDAP era uma forma de reconhecimento do trabalho dos Nacional-socialistas. Uma vez dentro, e observando o *modus operandi* dos militantes, sua posição a respeito do nazismo tornou-se diametralmente antagônica. Como opositor, Kempfer não receou expor dados sobre a trajetória do partido no Paraná e a truculência de seu líder para com os alemães. No seu depoimento podemos ler:

[...] nesse tempo [primeiros anos da década de 1930] ainda o partido não tinha ligação nenhuma com o Consulado, e, muito ao contrário, Werner Hoffmann e Otto Benevitz [Hans Benewitz], organizadores e chefes nazistas no Paraná, viviam em luta com o então Consul Aeldert, o qual era contra a maneira bruta com que desejavam, os nazistas, se implantar aqui, pois os nazistas procuravam, até, oprimir ou influenciar o consulado, para ficarem mandando dentro da colônia alemã do Estado (sic) [...] ⁹⁹.

Kempfer ainda aponta para uma bipolarização entre os alemães de Curitiba acerca da pessoa de Ludwig Aeldert. Afirma que sofreu represálias do NSDAP quando participou de uma

demonstração de simpatia que os **brasileiros natos e de descendência alemã e os alemães que não simpatizaram com o Partido**, tinham feito, no Teatro Guairá, a favor do Consul da Alemanha, Sr. Luis Aeldert, com o qual e com cuja família mantemos, desde o ano de 1931, uma profunda e cordial amizade (grifo nosso) (sic). ¹⁰⁰

Enfim, a “tomada do consulado”, significou a troca do cônsul geral do III Reich em Curitiba. Em seu lugar foi designado Walter Zimmermann ¹⁰¹, que permaneceu no cargo até o início de 1942, quando o Consulado foi fechado pelo governo brasileiro e

⁹⁹ *Auto de declarações prestadas por Ricardo Kempfer*. 06/07/1942. Fls. 4-5. Pront. 3266, Top. 467, “Ricardo Kempfer”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁰⁰ Ibid.

¹⁰¹ Encontramos esparsas referências a respeito de outro cônsul de nome Muller, que provavelmente trabalhou pouco tempo, entre a saída de Aeldert e a chegada de Zimmerman.

seus funcionários seguiram viagem para a Alemanha. A partir de então, os alemães utilizaram os serviços do Consulado Espanhol.

Com o novo cônsul, o trabalho conjunto e a quase submissão da instituição consular ao partido tornam-se evidentes. Em alguns casos, o NSDAP parece dominar mais informações sobre a comunidade germânica do que o próprio órgão oficial do governo alemão¹⁰².

Quando em 1939, o partidário de Terra Nova, Rudolf Mayer, escreve carta ao consulado pedindo para que sua pensão mensal continue e de forma integral, Zimmerman não decide por si só. Remete a questão imediatamente a Werner Hoffman, que dá parecer negativo, desqualificando Mayer como “elemento questionador”:

O mencionado é um conservador e gosta de bancar o importante e tem por princípio de estar sempre em oposição. Em Setembro de 1936 propôs-se para entrar no Partido Nacional Socialista dos Operários Alemães (NSDAP) e está com o nº 3.733.592, com a data de 1º de Agosto de 1936. Na minha opinião ele somente entrou para o partido para garantir a remessa de sua renda, pois sobre algum trabalho ativo em prol do partido nada consta¹⁰³.

Mayer queixava-se que sua pensão atrasava e, quando vinha, era percebida pela metade:

[...] nunca tive ocasião de ficar satisfeito, desde que estou no Brasil, com referencia a minha renda, visto como em cinco anos e meio que estou aqui, ainda nem um ano sequer recebo-a pontualmente. Alguns meses seguidos ela vem pontualmente, de repente, sem aviso algum, a mesma é suspensa, esta incerteza é capaz de arruinar os nervos mais resistentes. O que mais me exaspera, é o fato de eu como partidário e como inválido, constantemente encontrão dificuldades para receber minha renda, enquanto de outro lado, o

¹⁰² Nos documentos apreendidos pela 5ª Região Militar, podemos encontrar o Consulado pedindo uma série de informações ao partido: número de “emigrantes existentes no Paraná, onde eles se acham a qual sua conduta em relação ao nazismo. É considerado emigrante todo aquele que deixou a Alemanha por ser contrário ao nazismo e especialmente estes que são devido à questão racial”. *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁰³ *Carta de Werner Hoffman ao Consulado da Alemanha em Curitiba*. 08/02/1939. Fl. 30. Pront. 3024, Top. 452, “Otto Braun”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Governo, para o peiores elementos da colonia põem a disposição divisas (sic).¹⁰⁴

Günther Wrawetzko, secretário do Consulado, em carta à seção de divisas do Reich confirma a posição de Hoffman: “pede ao consulado remeter sómente a metade da renda ao snr. Rudolf Mayer. O Consulado tambem há muito tem conhecimento que o snr. Mayer é elemento questionador (sic)”. O extrato da conta corrente do Consulado de Curitiba demonstra que, entre agosto de 1939 e janeiro de 1942, Rudolf Mayer recebeu apenas 199\$300, em 27 de agosto de 1940¹⁰⁵.

Pouco se pode ler nos documentos a respeito do trabalho do “Cônsul Zimmermann”, exceto quando se iniciam os procedimentos para a extradição do Consulado. Contudo, a figura de Hoffman aparece, de forma recorrente, atrelada às atividades do órgão. Não àquelas que dizem respeito ao seu pseudo-emprego de caixa, mas ao gerenciamento das questões ligadas à comunidade alemã. Deste modo, referindo-se ao líder nazista antes de seu retorno à Alemanha, alguns depoentes utilizam expressões como “*quando Hoffman ainda se achava no consulado*”. Ora, a sede do partido era a Gustloff-Haus, não o consulado, porém, este aparece invariavelmente como ponto de referência para o NSDAP/PR.

Otto Braun, um dos secretários do consulado e responsável por uma gama de atividades referentes aos teutos no estado, resume a situação do período pós-Aeldert:

“[...] no Consulado Alemão desta Capital eram atendidos, também, os interesses políticos da Alemanha, isto é, do Partido Nazista. [...] todos os elementos do Consulado se interessavam, com entusiasmo, pela causa da Alemanha, pelo Partido Nazista e pelo führer Adolfo (sic) Hitler”.

¹⁰⁴ Carta de Rudolf Mayer ao Consulado da Alemanha em Curitiba. 02/02/1939. Fl. 29. Pront. 1538, Top. 360, “Erich Finmann”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁰⁵ Demonstrativo de Conta Corrente do Consulado Alemão de Curitiba, jun. 1939 – jun. 1942, Banco Alemão Transatlântico. Fls. 22-30. Pront. 353. Top. 41, “Consulado Alemão”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Concluindo, gostaríamos de apontar que, não apenas no que se reportam às atividades nazistas no Paraná, a ação conjunta do consulado e do partido está presente na seção brasileira do NSDAP de uma forma geral; Seitenfus é enfático quando escreve:

No caso do Brasil, a disputa entre o NSDAP e a *Wilhelmstrasse* é sobretudo acadêmica, pois existe uma justaposição marcante entre as atividades da seção brasileira do NSDAP e as dos representantes consulares e diplomáticos (SEITENFUS, 2003, p. 37).

Como corolário, uma das atividades que mais aproximava o partido do consulado era a propaganda. Isso foi possível, devido ao fato de que, até 1942, os consulados gozaram de certa liberdade e imunidade de ação entre seus cidadãos. Assim, o termo “material de propaganda do consulado” soava menos suspeito do que “material de propaganda nazista”. Na prática, as atividades dos dois órgãos se coordenavam como veremos a seguir.

2.8 A PROPAGANDA NAZISTA

No Paraná, uma variedade de artifícios de propaganda foi utilizada entre os teutos, tanto na capital, quanto no interior. Podemos dividir essas estratégias entre **propaganda escrita, rádio e cinema**, e uma terceira categoria que chamaremos de “**presencial**”.

A chefia deste departamento cabia a Alfred Andersen, que também ocupou a função de vice-cônsul em Paranaguá, como já foi apontado. Grande parte das atividades propagandísticas se desenvolvia a partir do Consulado Alemão. Por isso, muitas vezes os documentos apresentam Andersen como chefe de propaganda do Consulado.

Certamente os órgãos consulares alemães deram grande atenção à propaganda do *Deutschtum* décadas antes da ascensão do nazismo¹⁰⁶. Porém, quando este alcançou o poder, a mescla entre germanismo e propaganda política passou a fazer parte da pauta dessas instituições, de uma forma geral.

Assim, entendemos que não existe razão para distinguir entre propaganda do consulado e do partido. Os órgãos se entrelaçavam nas atividades de recebimento e circulação dos materiais impressos, na atração de “homens panfleto” (lideranças nacionais que freqüentemente palestravam sobre o nazismo e a “Nova Alemanha”) e na divulgação pelo rádio.

Com relação à propaganda escrita, foi possível examinar que grande quantidade de material vinha da própria Alemanha, muitas vezes através de correspondência diplomática, o que barateava o custo do transporte. Assim, o NSDAP/PR recebia materiais tanto do Rio de Janeiro, via embaixada, como de São Paulo, via NSDAP/BR. Contudo, também encontramos vestígios de que a Imprensa Paranaense Ltda., de Max Scharappe, produzia material de propaganda para o consulado.

Os panfletos e folhetos que encontramos tratam de dois motes em geral: propagandas centradas nos discursos de Hitler e contrapropaganda frente aos ingleses, franceses e norte-americanos, no período da guerra (Ilustração 9). É possível encontrar menção da distribuição de panfletos nas quatro línguas: alemão, inglês, francês e português.

¹⁰⁶ Sobretudo a partir da queda de Bismarck, no fim do século XIX, a Alemanha passou a valorizar o emigrado como possibilidade de mercado consumidor cativo da crescente indústria alemã. Essa política, inserida na *Weltpolitik* alemã, será “compreendida” pelos círculos políticos norte-americanos, ingleses e brasileiros como uma possibilidade de anexação territorial alemã no Brasil meridional. Ver Gertz (1991) e Vogt (2002).

Ilustração 9: Material de contrapropaganda em português, produzido em Hamburgo; encontrado pela polícia em Foz do Iguaçu.



Fonte: Pront. 1050, Top. 331, "Emil Mohrhoff", DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Alguns documentos são enfáticos no que diz respeito à necessidade de não deixar “as colônias mais afastadas” sem material de propaganda. A liderança em São Paulo chega a comunicar Curitiba solicitando “que os grupos nas cidades têm que fazer o possível para remeter para o interior livros, revistas e jornaes, pois os colonos não tem recursos para adquirir este material tão importante (sic)”¹⁰⁷.

Com relação ao trabalho da imprensa teuto-brasileira, não encontramos nenhum jornal de cunho nacional-socialista produzido no Paraná. Apenas verificamos que alguns partidários recebiam o jornal paulista *Deutscher Morgen*, cujo redator era o próprio chefe nacional do NSDAP, Hans Hering von Cossel. O *Deutsche Morgen*, como já nos referimos, em determinado momento passou a ser o único periódico permitido para os filiados no Paraná¹⁰⁸. Por outro lado, comprovamos também a existência de um jornal germânico de oposição, produzido em Curitiba. Trata-se do jornal católico *Der Kompass*, que assim como o curitibano Diário da Tarde (obviamente, sob outro ponto de vista) desferia duros golpes à ação dos partidários.

Certamente outros periódicos editados fora do país poderiam ter circulado no estado. Temos o caso concreto de outro jornal católico, este confeccionado na Holanda, o *Der Deutsche Weg*, que inclusive publicou o protesto dos teuto-brasileiros de Curitiba contra o NSDAP/PR, supra referido.

Ainda no que tange à propaganda escrita, também constatamos que os nazistas despejavam esforços para introduzir artigos (em geral, de contrapropaganda) em jornais citadinos. Acerca disto, Hoffman agradece ao partidário Herold, de Ponta Grossa, por este

¹⁰⁷ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁰⁸ *Ibid.*

ter conseguido a publicidade no ‘Diário dos Campos’ sobre o comunismo e nacionalismo. [Pedindo] que se aproveite de pessoa bem relacionada falando bem o vernáculo, para colocar mais artigos (sic)”¹⁰⁹.

Em 1938, o NSDAP/PR empreendeu grande esforço para divulgar um artigo de Marcos Konder, líder da Federação 25 de Julho¹¹⁰ em Santa Catarina. O texto criticava com veemência a campanha abrasileirante de Vargas sobre escolas, clubes e associações germânicas. Konder foi processado pelo governo federal e Otto Braum, secretário do consulado de Curitiba, entrou no processo a reboque, por se envolver na tentativa de publicação do referido artigo.

Na documentação, é evidente que a euforia relativa à distribuição da propaganda era alternada com atitudes de cautela e seleção, no intuito de evitar um conflito aberto com as autoridades brasileiras. Principalmente após dezembro de 1937, qualquer manifestação germânica poderia ser entendida como antibrasileira e isto acarretaria uma completa dissolução das organizações que fossem flagradas propagandeando. Portanto, manter o “silêncio em meio à propaganda” parece ter sido a condição imposta pela situação, para que fosse mantida a divulgação do nazismo.

Assim, para as regiões do interior do Paraná, as lideranças em São Paulo recomendavam “observar qualidades das remessas, inutilizando o que não servir”. Quando o *Kölnische Zeitung* publicou um artigo que abordava a população brasileira com o título “Senegaleses e Negros”, Hoffman solicitou “ao chefe da imprensa em

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Associação cultural composta por *Volksdeutsch*, criada em 1936, como uma espécie da válvula de escape para o problema dos teuto-brasileiros que queriam participar das organizações nazistas. No contexto da campanha de nacionalização, a Federação 25 de Julho foi protagonista de incidentes diplomáticos entre Brasil e Alemanha (SEITENFUS, 2003, p. 37).

Berlim providências para evitar esses artigos, pois, os Brasileiros podiam se ofender por serem chamados de ‘Senegaleses’”¹¹¹.

Da mesma forma, existia um cuidado com relação aos materiais censurados na Alemanha. O NSDAP/PR recomendou que o livro do pastor Siegfried Heine “*Als deutscher Pfarrer und Schulleiter in Südbrasilien*” (Minha atuação como pastor alemão e dirigente escolar no sul do Brasil)¹¹², proibido na Alemanha em 1937, fosse recolhido de todas as livrarias que comercializavam livros de interesse nazista¹¹³.

Também foi possível averiguar entre a documentação policial, que o cinema e o rádio eram outras formas de propaganda empregadas pelos nazistas. Em março de 1942, a polícia prendeu um dos membros do NSDAP conhecedor da cinematografia, Herbert Hebmuller, que declarou trabalhar no partido como

auxiliar de operador cinematográfico, por ocasiões em que foram exibidos nesta capital, sob o patrocínio do referido partido, funções cinematográficas de propaganda da cultura alemã¹¹⁴.

Os filmes eram recebidos diretamente da Alemanha ou por intermédio da companhia “Estradas de Ferro Alemãs”, oficialmente uma empresa subordinada ao Departamento de Turismo Alemão, voltada para fomento da atividade turística, com escritórios no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na verdade, de acordo com Perazzo, a “Estradas de Ferro Alemãs”, além de distribuir material de propaganda nazista, servia

¹¹¹ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹¹² Certamente, a censura não foi imputada devido à total discordância dos nazistas a respeito do conteúdo do livro. Trata-se de uma obra que critica abertamente os brasileiros, com forte tom racista, o que poderia gerar conflitos diplomáticos entre as duas nações (GERTZ, 1991, p. 47).

¹¹³ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹¹⁴ *Auto de declarações prestadas pro Herbert Hebmuller*. 11/07/1942. Fl. 7. Pront. 1554, Top. 361, “Herbert Hebmuller”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

como foco de espionagem do Reich, principalmente no Rio de Janeiro (PERAZZO, 1999, p. 96).

O uso de filmes, como explicava o vice-líder Benewitz, era um dos métodos mais eficazes e menos “repelentes” de propaganda: “Apresentações de films culturaes são o melhor meio de propaganda, não precisando assim os chefes do partido evidenciar-se como tais perante a colônia alemã” (sic)¹¹⁵.

De acordo com Souza (2002), nas escolas alemãs de Curitiba também eram exibidos filmes acerca na “Nova Alemanha” e do Nacional-socialismo. Os filmes eram patrocinados pelo III Reich e produzidos pela Liga Nacional dos Professores Teuto-Brasileiros (*Landesverband Deutsch-Brasilianischer Lehrer – LDL*).

A “seção de rádio”, como era chamada, tinha como diretor o técnico mecânico Charles Toedter, que fora empregado na Companhia Força e Luz do Paraná até a Campanha de Nacionalização. Apesar do “silêncio” de seu dossiê na DOPS/PR, verificamos através de algumas correspondências do partido que Charles era responsável por esse ramo da propaganda.

Toedter distribuía discos para gramofone e apresentava o programa “a hora alemã” na rádio PRB-2 Rádio Clube Paranaense. Seu programa foi cortado em 1938 e sua participação no ar, restrita. Em correspondência a São Paulo, Toedter afirmava que conseguiu “passar música alemã 1 vez por semana gratuitamente” e acrescentava: “Vamos ver se futuramente poderemos recomeçar com a hora alemã, pois, a estação do radio tem todo o interesse, pois, deixa de receber os nossos subsídios”.¹¹⁶

Os tais subsídios vinham do Ministério da Propaganda do Reich, como expõe uma carta do tesoureiro do NSDAP, de 17 de janeiro de 1938: “500 marcos dados pelo

¹¹⁵ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹¹⁶ *Ibid.*

Ministério de Propaganda [...] para o rádio de Curitiba”¹¹⁷. Contudo acreditamos que a maior parte da propaganda via rádio recebida pelos teutos, vinha de além-mar, através da recepção das emissoras alemãs. Após 1938 e com mais ênfase depois de janeiro de 1942, a polícia apreendeu rádios receptores na casa de grande parte dos militantes, alguns deles assumindo que possuíam o aparelho para ouvir transmissões oriundas da Alemanha¹¹⁸.

No método de propaganda que denominamos “presencial”, enquadrámos o trabalho de líderes nacionais em viagens de propaganda no Paraná. Tais viagens eram entendidas pela liderança como verdadeiros “tônicos” da doutrinação, principalmente se voltadas para as colônias do interior, afastadas da agitação política da capital.

Em dezembro de 1937, Hoffman avisava aos chefes de Ponta Grossa, Castro, Terra Nova, Paranaguá e Rio Negro-Mafra a respeito de uma viagem de dois auxiliares dos líderes nacionais. Tais indivíduos vinham “com fito de realizar estudos no Paraná (*Zu Studienzwecken in Paraná*), pretendendo fazer uma pequena viagem circular pelo estado”¹¹⁹.

A insistência da liderança local em utilizar esses “homens-panfleto” vindos de São Paulo, ou mesmo da Alemanha, parece ter desagradado até os chefes nacionais do NSDAP. Em correspondência a Karl Spanauss, Hoffman justifica a necessidade da utilização deste método de propaganda com o excerto mais citado pelos documentos da DOPS/PR:

Curitiba deve merecer a atenção, pois é o ponto mais importante. É o Paraná que faz divisa entre o norte do país, que tem população luso-brasileira, e o sul, onde predomina o elemento teuto. Justamente por esse motivo aqui no Paraná sempre há estes atritos – brigas, desavenças entre nazistas e anti-

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ *Auto de declarações prestadas por Julio Brand*. 1940. Fls. 25-26. Pront. 2248, Top. 403, “Julio Brand”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹¹⁹ *Circular do NSDAP n° 37/69 – Ho./J.* 31/12/1937. Fl. 9. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

nazistas – que se originaram em vista da ação necessária para a manutenção da idéia alemã. Este problema não se conhece nos outros Estados. É o Paraná o ‘front’ perigoso que precisa ser reforçado, assim como nos campos de batalha são reforçados os pontos que vão sofrer os ataques principais¹²⁰.

Em suas declarações, o líder do NSDAP/PR explicou, a respeito do trecho acima, que

seu objetivo [era pedir] ao senhor Spanau que enviasse sempre ao Paraná um elemento da Alemanha para entre seus concidadãos fazer conferências sobre o estado novo da Alemanha afim de que não apagassem nos colonos aqui domiciliados a ideia, a cultura e a mentalidade alemã (sic)¹²¹.

O pedido acima é referente à vinda de um orador, certo Dr. Ott. Em resposta ao Paraná, a liderança nacional exortava não ser “possível demorar muito tempo no Paraná **pois o front esta em perigo em toda parte e não pode ser salvo por oradores e sim pelo trabalho sitematico (sic) dos diversos grupos**” (grifo nosso)¹²².

Também encontramos evidências da visita de um representante do estado alemão de Schaumbourg Lippe, chamado pelos nazistas de “príncipe”. O “príncipe Schaumburg Lippe” participou de festas do Handwerker e sua esposa teria recebido “instruções para fazer valer sua influência junto às mulheres nazistas”. Tal “viagem de propaganda” – como é chamada pelos nazistas – deveria ser discreta: “considerada como se fosse uma viagem toda particular que o mesmo está fazendo com sua esposa”¹²³.

Podemos incluir nesta categoria de propaganda a ação nazista nas escolas alemãs do Paraná. A documentação aponta que os partidários não tiveram facilidade para

¹²⁰ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹²¹ *Auto de declarações prestadas do Werner Hoffman*. 27/06/1938. Fls. 18-19. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹²² *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹²³ *Ibid.*

inserir professores de orientação nacional-socialista em escolas do interior e da capital. É possível encontrar Hoffman tentando “encaixar” professores pró-NSDAP no Colégio Progresso (ex-Colégio Alemão de Curitiba) “onde faltam professores nazistas que ajudem a tarefa árdua dos nazistas em Curitiba”¹²⁴.

Como exemplo acerca do interior do estado, tarefa árdua também tinha o partido nas escolas de Londrina e Nova Danzig (Cambé). As correspondências que chegavam ao consulado e ao NSDAP (algumas diretas a São Paulo) sobre o trabalho nas escolas teutas da região se contrapõem. Enquanto grupos pedem a interferência consular para retirar a influência nazista, outros se queixam da falta de controle do partido sobre as escolas.

Poderíamos mencionar outros exemplos, mas foge ao nosso objetivo adentrar demasiadamente na questão das escolas germânicas, uma vez que buscamos aqui mapear os canais gerais de propagação do nazismo entre os teutos do Paraná. Cada um desses tópicos – jornais, impressos, emissoras de rádio, etc. – são merecedores de trabalhos específicos que, reiteramos, só sairão das pranchetas se a documentação referente for disponibilizada à comunidade acadêmica.

Formamos, portanto, um panorama das atividades de propaganda do NSDAP no Paraná. Analisaremos a partir de agora, o *feedback* da empreitada nazista entre os teutos em Curitiba. De outra forma, tentaremos mostrar a interferência dos nazistas no cotidiano de uma comunidade germânica, bem como elucidar os fundamentos da reação da mesma contra os hitleristas.

¹²⁴ Ibid.

2.9 OS CISMAS INTERNOS: A AÇÃO DOS PARTIDÁRIOS E A CRÍTICA DA COMUNIDADE ALEMÃ

“A noite de 1 de maio não foi uma noite de [germanismo], mas de um partido alemão”¹²⁵

Quando Ricardo Kempfer – o já citado dentista curitibano, dono do mais bem equipado consultório cirúrgico-odontológico da cidade na década de 1930 – encontrou-se pela primeira vez com Werner Hoffman, aquele foi interpelado se “era Alemão”. Com a resposta afirmativa, o futuro chefe nazista do *Kreis*-Paraná prosseguiu: “Então o Senhor vai, *naturalmente*, entrar para o nosso Partido”¹²⁶ (grifo nosso). Kempfer pensou e acabou aceitando o convite para participar da festa de fundação do Partido Nazista.

Na comemoração, que contou com a participação do *Landsleiter* Hans Hering von Cossel, Kempfer decidiu ingressar no novo núcleo de Curitiba como “membro provisório”. Uma foto foi tirada do grupo fundador, ainda na sede do Batel, e o dentista figurou entre os *nazis*. Provavelmente alguns indivíduos na foto se arrependeram do feito. A imagem serviu de referência para a “caça” de vários alemães, alguns sobre os quais o carro-chefe das acusações que lhes imputava a polícia política paranaense era o fato de figurarem “em fotografia de maiores hitleristas desta Capital e do estado”¹²⁷.

Homem letrado, Kempfer escreveu uma carta expondo sua vida política e social ao Secretário do Interior e Justiça, Fernando Flores. Conseguiu a liberdade depois de cinco meses de cadeia. Sua esposa teve que vender o consultório para pagar as dívidas acumuladas pela ausência do mantenedor. Consultório que, aliás, localizava-se, a partir de 1941, não mais em Curitiba, mas em Londrina. O dentista procurou refúgio longe das

¹²⁵ *Aus dem deutschem Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP*. 1936. Fls. 26-32. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹²⁶ *Auto de declarações prestadas por Ricardo Kempfer*. 06/07/1942. Fls. 4-5. Pront. 3266, Top. 467, “Ricardo Kempfer”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹²⁷ *Folha de anotações e antecedentes de Ernst Minjon*. Fl. 1. Pront. 1094, Top. 334, “Ernst Minjon”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

possíveis tensões políticas na capital, em virtude de ser um “partidário” desapontado.

Em seu auto de declarações explica:

Aquela organização política a que havia dado apoio em virtude de ser um convicto de que a Alemanha precisava sair do caos e da miséria em que se achava, não poderia prevalecer sem colidir com os demais povos, pois, estava se implantando de forma muito violenta e pondo em prática princípios que teriam de provocar reações [...] não concordava com a forma de luta aberta contra todos os judeus, sem distinção, e no avanço às fortunas particulares. [Senti] por diversas vezes revolta ante as imposições de Werner e Benvitz, imposições, essas, que iam até as coisas mesquinhas [...] não se podia fazer crítica alguma à política alemã e você já recebia como revida a imposição: “Cale a boca, pois você não é chefe” (sic).¹²⁸

Imprimimos destaque para esta pequena história de Ricardo Kempfer com o propósito de ilustrar nosso entendimento acerca da receptividade à ação dos partidários entre os teutos. Hoffman e os *Parteigenossen* acreditavam e agiam como se possuíssem, além do manto do nazismo e do III Reich (a “Nova Alemanha”), o estandarte da representatividade dos *Auslandsdeutscher*. Por isso tornava-se “**natural**” que Kempfer ingressasse no “**nosso** Partido”, como pretendiam.

Essa postura está longe de ser exclusiva dos nazistas no Paraná. Gertz registra que para Santa Catarina e Rio Grande do sul

o motivo principal para o surgimento da oposição aos nazistas era que estes julgavam que, quando o nazismo assumiu o poder na Alemanha, tinha chegado sua hora de assumir a liderança sobre todos os teutos no Brasil. E isto significava sobretudo a liderança das escolas e das sociedades culturais e recreativas e o direito exclusivo nas promoções de qualquer espécie. (GERTZ, 1987, p. 86).

O caráter truculento e impositivo é a base comportamental dos partidários para a tentativa de estabelecer domínio sobre a comunidade germânica. Os boicotes, tramóias, pressões sociais, políticas e econômicas sobre os alemães inserem-se na regra desse

¹²⁸ *Auto de declarações prestadas por Ricardo Kempfer*. 06/07/1942. Fls. 4-5. Pront. 3266, Top. 467, “Ricardo Kempfer”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

jogo que, de acordo com a mentalidade dos partidários, já estaria ganho antes do apito inicial. Sentiam-se como *estabelecidos* (e em certo sentido o eram, uma vez que monopolizavam a política do país de origem) por um constructo étnico-político (arianos nazistas) e tentaram impor sua liderança através dessa pseudo-autoridade pré-afixada.

Não havia necessidade de pleitos; a mediação política do NSDAP no Brasil não visava convencer alguém a alguma livre escolha. Antes, tencionava persuadir os indivíduos para que se integrassem ou definitivamente se excluíssem da *Volksgemeinschaft*. Uma vez excluído e estereotipado, dentro da convicção preconcebida e classificatória do nazismo, o não-adepto (*outsider*, na visão dos partidários) estaria passível de sofrer represálias por parte dos “ínsitos” (ELIAS, 2000).

Alguns episódios, como o ocorrido com o Pastor Wilhelm Fugmann, talvez sejam casos-limite e não restritos à prática nazista no Paraná. Fugmann tentou se desligar do NSDAP, sofrendo ameaças de Hoffman no sentido de ser levado aos “tribunais” de Hitler. Contudo, trata-se de um assunto “interno” e comum. A vigilância sobre os próprios partidários e lideranças é patente na leitura dos documentos¹²⁹.

Contudo, entre os alemães em geral, os não-adeptos fazem parte do grupo que mais sentiu a crise gerada pela ação dos nacional-socialistas. É possível, portanto, verificar uma cisão provocada por essa ação dentro da comunidade germânica.

Antes de observarmos a posição do grupo antinazista, gostaríamos de apontar a existência, *grosso modo*, de três posições diferentes entre os teutos a respeito do binômio NSDAP/PR/Nacional-socialismo.

Aqueles que se colocaram a favor do nazismo e da ação dos nazistas no Paraná formam o primeiro grupo. Estes, de uma forma geral, ingressaram na organização e participaram ativamente de seus encontros e demais atividades. Colaboraram com a

¹²⁹ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

causa do partido local através de suas posses e/ou capacidades (desde o grande empresário até o assistente de cinematografia). Representam esse grupo indivíduos como o já citado Kurt Maria Boiger, pintor até com certo renome em Curitiba (mais conhecido hoje no Paraná por especialistas em artes), que por ter conhecimentos sobre atividades físicas trabalhou como instrutor de ginástica no NSDAP.

Em seus depoimentos, os integrantes desse grupo – salvo exceções – não negaram a participação no núcleo local, nem a crença no Nacional-socialismo como encarnação da “Nova Alemanha”. Como já foi observado, seu perfil, *grosso modo*, era caracterizadamente da média/alta burguesia local e de uma classe média, que se fixava no estado por intermédio de empresas próprias, ou cujas sedes eram alemãs e mantinham constante ligação com a pátria além-mar.

O segundo grupo é composto por alemães que acreditaram no nazismo como resgatador da Alemanha e/ou perpetuador do germanismo, mas que de antemão repudiavam a “novidade exportada” ou contraíram profunda desconfiança e às vezes repúdio em relação ao Partido Nazista local. “Contraíram”, pois o que observamos é que no processo de instalação e consolidação da máquina partidária no estado, alguns se posicionaram dessa forma mesmo tendo no início ingressado nas fileiras do NSDAP/PR¹³⁰. É provável que parte dos membros desse grupo, em específico aqueles indivíduos ligados ativamente com a preservação do *Deutschtum*, permaneceriam no NSDAP, se a pregação dos partidários se centrasse apenas no germanismo (GERTZ, 1987, p. 105).

O último grupo posicionava-se tanto contra o nazismo, quanto contra o trabalho dos partidários no estado.¹³¹ Tais indivíduos sentiam-se constantemente ameaçados pela

¹³⁰ *Auto de declarações prestadas por Ricardo Kempfer*, 06/07/1942. Fls. 4-5. Pront. 3266, Top. 467, “Ricardo Kempfer”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹³¹ Não nos referimos aqui a algum grupo formal com essa postura. Apesar disso, cabe elucidar que detectamos a presença de uma organização declaradamente antinazista funcionando no Paraná. O grupo

“ferocidade” dos nacional-socialistas, ficando muitas vezes a mercê destes em algumas circunstâncias. Sem representatividade consular que pudesse fazer frente às atitudes do partido, esses indivíduos buscavam através de diversos meio (mídia teuto-católica, instituições e figuras representativas do teuto-brasilianismo, etc) denunciar as dificuldades enfrentadas no cotidiano da comunidade.

Esse último grupo era composto, eu sua maioria, por teuto-brasileiros ou alemães natos de, pelo menos, uma geração anterior aos partidários. Pergunta-se: o que levou esses indivíduos, socialmente caracterizados, a uma recusa explícita ao nazismo? Seria a pura e simples posição política? Seria apenas o caráter da ação dos nazis, conhecidamente agressivo e estigmatizante, que os afastava da doutrina?

Cremos ser possível analisar os elementos das interrogativas acima com explicações que buscam, minimamente, fechar as lacunas. Antes, vejamos alguns casos concretos, que demonstram os embates entre o NSDAP e os não-partidários.

Observemos o comerciante Arthur Hoffman revelar suas opiniões tanto sobre o nazismo, quanto sobre o partido local; preso pela polícia, em outubro de 1942, por freqüentar uma “alfaiataria suspeita” e posto em liberdade quinze dias depois por ausência de provas, Hoffman afirmou de punho próprio:

Este homem [Hitler] surgiu depois da grande guerra de 1914-18, com a idea fixa de querer reconquistar as terras perdidas nas derrota desta guerra. Devido também a pretensão de levar o povo a um paraíso com as suas ideas nacional socialistas, prometendo o direito de igualdade a todas as classes sociaes, conseguindo com essas ideias iludir e depois dominar e terrorisar todo o povo Alemão. Hitler é um homem de pouca instrução e cultura, por este motivo são condenados todos os seus atos (sic). [...] O partido nacional socialista foi criado por Hitler e sua camarilha, com terror e fogo, dominando depois todo o povo Alemão a custa de chicote e a camarilha proclamou Hitler como seu chefe. Hitler uma vez conseguindo o poder, começou a escravisar o seu povo com todas ideas de sua baixa instrução, a custa de trabalho forçados (sic).¹³²

denominado “Alemães Livres do Brasil” possuía um delegado para Santa Catarina e Paraná, residente em Castro, que acabou preso pela DOPS, em 1942, classificado como nazista.

¹³² *Resposta manuscrita aos quesitos formulados pela DOPS/PR. 03/11/1942. Fls. 16-17. Pront. 492, Top. 301, “Arthur Hoffmann”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.*

Sobre o trabalho dos partidários, Hoffman coloca:

Foi um atentado atrevido de elementos nazistas que emigraram, depois de Hitler no poder ao Brasil. Estes elementos tentaram tomar a liderança nas sociedades, **fundadas por elementos enraizados já à mais de 50 anos atras.** [...] Tanto maior e eficaz foi a reação, não só por parte dos socios e autoridades, como também da minha pessoa, para combater **estes elementos atrevidos e indesejaveis** (sic) (grifo nosso) [...].¹³³

Como atesta Marionilde Brephol, a conduta do Partido Nazista local com relação aos não-nazistas (bem como para com os nazistas anti-partidários) era caracterizada por uma rotulação excludente. Esses indivíduos, não inseridos na *Volkgeheimeinschaft*, eram constantemente carimbados através dos clássicos estereótipos de “judeu”, “bolchevista”, “anti-nazista”, “romano-judaico” etc (2002, p. 15). Para os alvos desse pré-conceito, que enxugava uma gama de pensamentos e posições políticas em dois ou três títulos as vezes sobrepostos, as ameaças e boicotes poderiam levar à conseqüências graves, através de denúncias infundadas ao Reich ou aos juízes do partido.

Episódio curioso, demonstrativo do que o medo da delação pode levar um indivíduo a fazer, aconteceu com Horst Udo Knopff, desertor da Marinha Mercante Alemã.

Horst trabalhava especificamente para a companhia *Deutsch Afrika Linie* de Hamburgo. Foi designado como foguista para trabalhar no vapor *Windhuk*. Em 1941, o vapor alemão viu-se na necessidade de atracar em Santos, devido às contingências da guerra mundial. Na ocasião, Horst Knopff aproveitou para fugir rumando à Rolândia, sabendo da existência de uma colônia de agricultores alemães. Após muitas dificuldades de se fixar e com um duplo temor (da polícia por não ter documentos e dos nazistas, por

¹³³ Ibid.

ser desertor), Horst percorreu a cavalo um trajeto que vai de Rolândia até Cascavel, com o fito de alcançar Foz do Iguaçu. Para tanto, pernitoou várias vezes de favor pelas propriedades ao longo da estrada ou simplesmente em meio à mata virgem.

A “epopéia” culminou em abril de 1942, em Cascavel. Knopff foi preso pela polícia estadual e, posteriormente, detido em um presídio do Rio de Janeiro. Um agravante: estava de posse de um mapa da tríplice fronteira, fato que acirrou as desconfianças da polícia. Sua trajetória posterior é desconhecida.

Às vezes, as ameaças poderiam assumir contornos violentos, como demonstra uma carta dos partidários a um dos “outsiders”: “Camarada Berek [...] eis uma foto que prevê como será sua fuga e a de tua mulher para a Russia. Isto se deixarmos. Judeu Comunista”. No corpo da correspondência foi anexada uma fotografia intimidadora (Ilustração 10)¹³⁴.

Ameaças desta natureza podem não ter passado de blefes, apesar de encontrarmos duas referências sobre certo pastor Wilms que, denunciado por Hoffman, teria acabado em um campo de concentração da Alemanha¹³⁵.

A propósito, abrindo parêntese, verificamos na documentação um acalorado debate entre o NSDAP/PR e as autoridades religiosas estaduais, tanto católicas como Luteranas. Por não ser o intuito deste trabalho, ofereceremos apenas dois exemplos. Por volta de 1936, um pastor luterano de Curitiba em correspondência aos nazistas dizia:

Comunico-lhe que os pastores de Curitiba, de nossas igrejas, não desejam nem permitem tomar parte na guerra cultural alemã. Nossa opinião é que isto sómente traria distúrbios aqui no estrangeiro e prejudicarão o bom andamento do trabalho em favor da Alemanha (sic).¹³⁶

¹³⁴ Fl. 45. Pront. 1428, Top. 168, “Nazismo - informes da delegacia e fotografia”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹³⁵ *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹³⁶ Acreditamos que esta carta, sem data, aponta para a um momento próximo ao ano de 1936. Isto se justifica por outro trecho documento, no qual o Cônsul alemão refere-se às autoridades diplomáticas

Ilustração 10: Fotografia anexa à carta enviada por um nazista.



Fonte: Pront. 1428, Top. 168, “Nazismo - informes da delegacia e fotografia”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

alemães no Rio de Janeiro como “Legação”. Ora, as Legações dos dois países foram elevadas à condição de embaixadas em 1936. *Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba*. 5ª RM, 2ª Seção. Fls. 101-113. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Igualmente, o chefe da Conferência Pastoral de Santa Catarina e Paraná, em carta ao Consulado de Curitiba, explicava: “Nossa Igreja que continua a ser sustentada pela Alemanha, não deseja tomar parte do *Kulturkampf*. O nosso dever é outro”.¹³⁷

De forma mais clara, estão as fortes evidências de pressões econômicas contra indivíduos e empresas que contrariavam a ação do partido. Devido ao poder de delação junto às entidades de gerência de comércio e indústria, o NSDAP poderia inserir qualquer indivíduo ou empresa da comunidade germânica em alguma “lista negra”. Se levarmos isso em conta, nos anos da guerra, algumas empresas podem ter ficado em uma situação embaraçosa: apoiar os partidários e possivelmente ingressar nas listas negras inglesas e norte-americanas, ou contrariá-los e correr o risco de receber sanções das autoridades alemãs.

Entretanto, acreditamos que este caso seja agudo em grandes empresas exportadoras e se caso o NSDAP/PR continuasse ativo durante a Segunda Guerra. No caso do Paraná, como exemplo, a Impressora Paranaense, que servia o consulado antes da guerra, teve profundas dificuldades para voltar às atividades no pós-1945 por estar inserida na lista negra norte-americana. Provavelmente, se seu dono tivesse se negado a ingressar e trabalhar para o partido teria perdido somente a empreitada¹³⁸.

Não poderíamos deixar de mencionar o caso de uma empresa brasileira, na qual as intrigas e pressões do NSDAP/PR também podem ser verificadas. Em primeiro de janeiro de 1940, um brasileiro de descendência germânica, funcionário da Cia. Telefônica Paranaense apresentou denúncia de que estaria sendo perseguido dentro da referida empresa por ser brasileiro nato; ainda afirmava ter sido demitido sem justa causa. A denúncia pode ter vindo por diversas motivações, contudo é de se notar que

¹³⁷ Ibid.

¹³⁸ Ver Pront. 2709, Top. 431, “Max Schrappe”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

alguns líderes nazistas do Paraná chegaram a gerenciar altos setores da empresa, como Hans Benewitz, Albert Blum e Ernst Minjon.

Além disso, graves acusações contra a atividade dos nazistas na Companhia Telefônica foram feitas por parte da polícia estadual: caixões com material de “propaganda alemã” encontrados no prédio da empresa; ligações policiais interrompidas; má vontade e inverdades no atendimento às solicitações das autoridades etc. Assim, em 1942, percebemos uma espécie de “intervenção” estatal na empresa, retirando os nazistas e alguns indivíduos de origem alemã e mantendo um norte-americano na direção geral.

A despeito das atitudes do NSDAP, colocando-se como legítimo representante das comunidades germânicas no estado e tentando impor truculentamente essa lógica (fato que certamente gerou repúdio com relação aos *nazis*), na prática, as posições dos grupos envolvidos neste jogo era outra. Aqui começaremos a aclarar a questão levantada acima: por que um delimitado grupo de alemães e teuto-brasileiros recusou abertamente o nazismo?

Para ilustrar essa questão analisaremos o “desabafo” público da Colônia Alemã de Curitiba, publicado no jornal católico *Der Deutsche Weg*, impresso na Holanda, sob o título “*Aus dem deutschen Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP*”¹³⁹.

O estopim para tal reação foi a intromissão dos nazistas na festa do dia do trabalho da colônia alemã de Curitiba, realizada na Sociedade Beneficente Handwerker. O longo texto explica com detalhes os métodos nazistas de pressão e a posição da Colônia frente a estes. No documento, verifica-se nitidamente alemães e teuto-

¹³⁹ “Do espaço da cultura alemã – protesto dos teuto-brasileiros contra o partido nazista”. Tradução livre do autor.

brasileiros apresentarem-se como representantes do germanismo, não obstante, absolutamente opostos ao Nacional-socialismo.

Erguemos nosso protesto (sic) vibrante e ardoroso, **teuto-brasileiros e alemães que somos, os quais conhecem e cumprem seriamente suas obrigações para com a pátria ou o país que os hospeda, o Brasil [...]**. A nova pátria brasileira honra o trabalho e os operários do mesmo modo que a velha pátria de além-mar. Quem [sente] necessidade de, neste dia, celebrar uma festa política de partido, tenha a bondade de dirigir-se a seus partidários, mas não a nós (grifo nosso).¹⁴⁰

Na ocasião, cuja data não foi possível precisar¹⁴¹, Hoffman organizou duas centenas de jovens fardados que penetraram no salão de festas da Sociedade Handwerker com cornetas e punhais embainhados. O desfile significava a formatura de uma turma da Juventude Teuto-brasileira que, a reboque, utilizou a festa do trabalho.

Após a aparição dos “guris pardos” – expressão irônica pela qual o aludido protesto se refere à Juventude – Hoffman fez um discurso, em que o tom propagandístico indignou os autores do documento:

Senhor Hoffman, o senhor afirmou que 90 ou 99% do povo alemão estão ao lado de Adolf Hitler (seu órgão vocal não é de muito alcance, para que se pudesse entender direito o número indicado). Onde é que o senhor tem essa ciência? O senhor concluiu talvez do resultado da última “eleição” na Alemanha?¹⁴² Mas, senhor Hoffman, o senhor não sabe que lá se usa do mesmo sistema de policiamento e mexerico, que é o seu aqui?¹⁴³

O protesto também explica que ao invés de conseguirem a inserção dos alemães de Curitiba na *Volksgeheimenschaft*, os nazistas provocaram a “desunião”. O documento

¹⁴⁰ *Aus dem deutschem Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP*. 1936. Fls. 26-32. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁴¹ Acreditamos referir-se ao ano de 1936, mesmo ano da veiculação do protesto aqui analisado.

¹⁴² Trata-se do terceiro referendo promovido pela Alemanha nazista, em março de 1936, para ratificar a ocupação e militarização da Renânia, zona desmilitarizada entre a França e a Alemanha, criada pelo Tratado de Versalhes.

¹⁴³ *Aus dem deutschem Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP*. 1936. Fls. 26-32. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

chega até aludir acerca de um utópico tempo de paz e de conflitos “mesquinhos”, os quais não eram suficientes para cindir a colônia.

Diante dos métodos de pressão utilizados pelos partidários, a comunidade germânica descrevia sua situação sempre comparando com a restrição da liberdade imposta pelos *nazis* na Alemanha:

O grupo local daqui da N/S/D/A/P soube organizar uma tal espionagem e mexerico e escarafunchamento dos sentimentos na colônia alemã, que a liberdade de opinião deixou de existir aqui tão bem como na Alemanha, (embora ela ainda tenha toda garantia constitucional no Brasil). É verdade, que aqui não estão à disposição os campos de concentração para prender os “herejes” que descrêem do nacional-socialismo. Mas, mesmo assim **existem ainda bastantes outros meios de pressão, econômicos e políticos**, para estabelecer também na colônia alemã de Curitiba o silêncio sepulcral da Alemanha (sic) (grifo nosso).¹⁴⁴

Comumente encontramos neste documento os alemães se manifestando como “fundadores” das “coisas” germânicas no estado, rejeitando a “novidade” nazista que os tentava sobrepujar: “[nós criamos] essas coisas muito antes da época de Adolf Hitler”.¹⁴⁵

Isto nos remete a avaliar a rejeição ao nazismo dentro de uma temporalidade maior que a conjuntura da década de 1930. Existe aqui uma clara referência à defesa secular do germanismo, não obstante, aliado à cultura “teuto-brasileira” (SEYFERTH, 2004); estes elementos são colocados muito acima do mero movimento político que governava a Alemanha e que era visto como um invasor:

Desde há mais de cem anos o suor e o sangue alemão ajudou a fecundar este sólo. Braços alemães se meteram a domar a beleza selvagem dos matagais brasileiros. Técnicos alemães ajudaram no levantamento da indústria do Brasil. Mães alemãs, em míseros ranchos, em vendinhas e casa de professores fizeram surgir uma nova geração teuto-brasileira. Cremos que nossos pais e nossas mães, com empêno de toda a energia do caráter e trabalho alemão, com seus cantos, fábulas e contos, com sua educação para a [assiduidade], para a lealdade, para a civilidade, grangeram

¹⁴⁴ Ibid.
¹⁴⁵ Ibid.

por nós, seus filhos e filhas teuto-brasileiros, os direitos de termos por pátria o Brasil. [...] Note bem, snr. chefe do grupo local, em tudo isso empenhava-se o [germanismo], não o nacional socialismo (sic).¹⁴⁶

O cultivo dos valores germanistas, aliado à fixação no solo brasileiro, constituía a base do pensamento deste grupo que, ao contrário dos “partidários”, tinha poucas perspectivas de voltar para “casa”: “nós estamos empenhados em construir **grandes valores alemães na formação futura da nossa bela nova pátria brasileira**” (grifo nosso).¹⁴⁷

Esse conflito quase que geracional não foi exclusividade do caso paranaense, muito menos do caso brasileiro. Jünger Müller apresenta o seguinte panorama, trabalhando com a questão do NSDAP no México:

No México, a AO não conseguiu seu objetivo sem problemas, pois surgiu um conflito de **gerações, de classes e de poder**. Os representantes estabelecidos da comunidade alemã, empresários exitosos, de classe alta, mais ou menos duas décadas mais velhos que os *nazis*, criticavam a juventude dos militantes, seu baixo status social e os poucos anos de residência no país, coisas que, no seu modo de ver, os desclassificava para assumir a liderança da comunidade (grifo nosso) (1995, p. 90).

Voltemos ao Paraná, para tentar iluminar um pouco mais essa questão.

Em 1953, o “Grupo Étnico Germânico do Paraná” publicou uma obra comemorativa ao primeiro centenário da emancipação política do estado. Cabe mencionar que alguns indivíduos diretamente ligados a esse trabalho intitulado “O Paraná e os Alemães” figuraram nos dossiês da DOPS/PR como defensores do nazismo. Acerca destes, contudo, os documentos se mostram vagos, não apresentando nenhuma prova concreta de atividades nazistas, ao contrário, alguns faziam ferrenha oposição ao NSDAP/PR dentro dos clubes e sociedades germânicas.

¹⁴⁶ Ibid.

¹⁴⁷ Ibid.

Isto posto, o que nos chama a atenção neste livro bilíngüe é a completa ausência, se não de menções a fatos ocorridos entre 1933 e 1942, mas da atuação do Nacional-socialismo entre os teutos do Paraná neste mesmo período. Por se tratar de uma obra que visava mapear a trajetória das comunidades de imigrantes germânicos no Paraná até a década de 1950, causa certa estranheza a omissão, à primeira vista. Certamente, o pesar do conflito mundial e o pouco tempo transcorrido desde o fim do mesmo interferiram na opção do autor, que nem ao mesmo acenou “negativamente”.

Por outro lado, avaliando a brusca tentativa inserção do NSDAP nos meios germânicos, pensamos que esta comunidade étnica “sobrevivente” (das pressões dos partidários e da polícia política) tinha consideráveis razões para omitir os “assaltos” aos seus clubes, as invasões às suas festas, os boicotes econômicos etc. Nesse sentido, o nazismo pode ter se tornado, na visão de alguns, uma mancha no “curso da história” da comunidade paranaense. Isso pode explicar o fato de a conjuntura política dos anos 1930 ter passado praticamente despercebida na obra comemorativa.¹⁴⁸

Em 1980, para comemorar os cento e cinquenta anos da imigração alemã no Paraná, a Casa Romário Martins publicou um boletim informativo, sob autoria de Helmuth Abeck, intitulado “A colaboração germânica no Paraná nos últimos 50 anos (1929 – 1979)”. Certamente, esta obra tinha como um de seus objetivos “passar a limpo” a história do nazismo no Paraná. Para o autor, esse passado (tão presente devido à dificuldade dos alemães em superar as “consequências, em sua maioria de ordem psicológica”) parece necessitar constantemente de uma explicação e, entre elas, Abeck formula: “parece-nos, mesmo, tratar-se de um traço básico da índole do alemão, querer sempre ultrapassar os limites, exagerar, tanto no bom como no mau sentido (1980, p. 36).

¹⁴⁸ Hobsbawm (1997) interpretou questões semelhantes utilizando o conceito de “mecanismo de silêncio seletivo”: algumas comunidades, para o bem geral e a manutenção de certa normalidade, mantém-se em silêncio através de um acordo implícito entre seus membros.

De tal modo, o autor se esforça para deixar claro repetidas vezes durante o texto, que o Nacional-socialismo foi trazido por “*novos imigrantes*, impregnados pelas *novas idéias* políticas que lá haviam tomado pé” e que “muitos membros da etnia, radicados aqui já há muito, ou mesmo muitos já nascidos no Brasil, amiúde eram introduzidos a aceitar essas novas idéias, muito embora de maioria, os mais prudentes, se opunham às mesmas. Alguns, contudo, parece que haviam esquecido encontrarem-se num país anfitrião” (grifo nosso) (1980, p. 24). O texto continua:

De nada valeram as admoestações de teuto-brasileiros **domiciliados aqui de longa data e com experiência de vida mais profunda**. Houve excesso de entusiasmo pelas idéias recém-importadas. Viam-se com demasiada freqüência, bandeiras com a cruz gamada em toda sorte de festejos, e grupos de jovens, imitando modelos alemães, como a ‘Juventude Hitlerista’ ou a ‘União de Moças Alemãs’, promoviam passeatas, acampamentos e semelhantes, sem se importarem grandemente com a sensibilidade dos brasileiros de outras origens (grifo nosso) (1980, p. 37).

Acreditamos, enfim, que a ausência da *era nazi* na primeira obra supracitada, assim como a recusa dos teuto-brasileiros e alemães (fixados há muito no país) em aceitar o nazismo, se explica, entre outras questões, pela relação estabelecidos/outsiders. Entretanto, esta relação se dá na disposição inversa dos papéis acreditados pelos *nazis*. Uma comunidade cerrada em si há décadas via com estranheza a chegada brusca de jovens vindos de fora e com uma idéia exótica ao ambiente que lhes era conhecido e monopolizado. Independente da nacionalidade, fator que não os diferenciava, os partidários foram vistos como *os de fora*, intrusos propondo uma novidade ameaçadora. Nesse sentido, questões como status e “antigüidade”, também são chaves explicativas para entendermos a repulsa ao Nacional-socialismo entre teuto-brasileiros e alemães (ELIAS, 2000), assim como as atitudes agressivas dos militantes ou o simples posicionamento político.

Voltemos ao documento dos teuto-brasileiros contra o NSDAP. É válido notar que, frequentemente, o desabafo dos alemães tomava contornos irônicos e provocativos:

Suas fanfarras, sr. Hofmann, só nos estorvam, mesmo se não forem (sic) tão destoantes como as cometas de seus fedelhos calças-pardas. Fique, por favor, com seus discursos aí dentro da “N/S/D/A/P Curitiba”.¹⁴⁹

Diante de tais provocações, não tardaria a réplica dos *nazis*, que veio por intermédio do periódico oficial do partido no Brasil, o *Deutsche Morgen*. Primeiro, a desqualificação do jornal onde se veiculou o protesto: segundo o jornal paulista, tudo não passava de uma união “do catolicismo politiquero” com o “bolchevismo”, clichês clássicos¹⁵⁰. Em segundo lugar, a desqualificação do escritor, que pela informação dos nazistas não é teuto-brasileiro como se intitula, “pelo contrário, trata-se de vociferações de alguém que pelas leis do país, por má sorte, ainda goza do favor de ‘alemão nato’, se é que [podemos] empregar tal termo”¹⁵¹.

Essas demonstrações nos fazem conjecturar um cotidiano constantemente atribulado pelos embates provocados pelo partido, principalmente para o que podemos chamar de *comunidade alemã urbana e etnicamente ativa*. De outra forma, aqueles indivíduos não adeptos, que tiveram que conviver com os nazistas dentro dos círculos germânicos sentiram no seu dia a dia o pesar da truculência.

Também é razoável admitir, pensando a questão dentro da relação estabelecidos/*outsiders*, que interesses de ordem puramente econômica tenham influenciado alguns alemães no sentido de lutar contra o domínio dos partidários. De

¹⁴⁹ *Aus dem deutschem Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP*. 1936. Fls. 26-32. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁵⁰ De forma análoga, na Argentina o jornal oposicionista *Argentinisches Tageblatt* foi taxado de “judeu comunista” e acusado de receber subornos de Londres. Os boicotes econômicos do NSDAP trouxeram grandes dificuldades financeiras para o periódico teuto-argentino; por pressão dos *nazis*, até o título de doutorado em Heidelberg do editor do jornal foi retirado (NEWTON, 1995. p. 96).

¹⁵¹ *Resposta do NSDAP/PR ao protesto da colônia alemã de Curitiba. Deutsche Morgen*. s/n/t. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

indivíduos bem sucedidos, poderiam passar à bancarrota através de boicotes e pressões econômicas. Contudo, esse aspecto fica pouco nítido nos documentos de natureza policial.

Se, como avaliamos, o protesto dos teuto-brasileiros de Curitiba refere-se ao ano de 1936, esses embates acalorados entre o NSDAP e os anti-partidários (e/ou antinazistas) prosseguiram até o ano de 1938, momento em que os partidos estrangeiros foram proibidos pelo Decreto-lei n. 383, de 18 de abril. Portanto, de 1933 a 1938, as autoridades estaduais e nacionais prevaricaram quanto ao funcionamento do NSDAP/PR¹⁵² (Cf. Capítulo III).

No entanto, o mesmo movimento que, em 1938, começou a obstruir as lideranças mais ativas do NSDAP/PR, trouxe consigo a perseguição xenófoba das autoridades brasileiras. A Campanha de Nacionalização, a partir da decretação do Estado Novo, promoveu o início de uma aversão às manifestações germanistas, como condição *sine qua non* para a construção de um projeto de brasilidade empreendido pelo governo Vargas.

Mais tarde, com a definição do posicionamento brasileiro no conflito mundial, em 1942, os alemães tornaram-se, na prática, inimigos em solo nacional; nazismo e germanismo eram termos que, para as autoridades repressoras, não se distinguiam em glossário algum. Este tema é um dos alvos do próximo capítulo, que trata do desmanche da organização nazista no Paraná e, de forma tangencial, observa a repressão da polícia política sobre os alemães.

¹⁵² A *prevaricação* é no sentido de não fiscalizar partidos não registrados na justiça eleitoral, contudo, atuantes no plano nacional.

CAPÍTULO III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ: O ESTADO NOVO E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Entre os documentos presentes nos dossiês pessoais dos acusados de nazismo pela polícia política paranaense, encontra-se o seguinte bilhete:

Você sabe o que é N.S.D.A.P.? Há interesse ou trabalho das autoridades em impedir uma infiltração nacionalista germânica, ou mesmo, como fazem os russos com o seu comunismo, uma infiltração hitlerista, com o fim de radicar esse sistema político em nosso país-acabando com a liberal-democracia?
Você sabe si há dessas organizações no Paraná, e pode esse assunto interessar às autoridades política-sociais?
Quem é Werner Hoffman e quaes suas atribuições entre os germanos?
Que se faz de atividade dentro da Companhia Telefonica? (sic).¹⁵³

No verso, algumas palavras manuscritas em alemão e português: “*Nacional Socialistische Deutsche Arbeiter Partei, Deutsche Brasilianische Jungenbring, União da Juventude Teuto-brasileira, Werner Hoffman*”.

Tais anotações, redigidas em um pequeno pedaço de papel (que nos recorda as antigas embalagens de secos e molhados), parecer-nos-iam desconexas caso as respostas destas indagações não se nos revelassem.

A réplica data de 1936 e se dirige ao Delegado Auxiliar, provavelmente vinda de algum investigador que não se identifica:

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Excia. que N.S.D.A.P. significa Nacional Socialistische Deutsche Arbeiter Partei (Partido Nacional Socialista dos Operarios Alemães) e que a séde desta agremiação fica no Alto Cabral num barracão construído nos terrenos da fabrica Lucinda e trata de propaganda hitlerista. O dirigente desta sociedade é o estrangeiro Werner Hoffman, que trabalha no Consulado Alemão, sem ter uma função definida. Este mesmo Hoffman, por informação colhidas chegou a proibir que se falasse o idioma nacional na Sociedade denominada União da Juventude Teuto-Brasileira (Deutsch-brasilianische Jungenring), com séde no Campo

¹⁵³ *Solicitação de informações acerca do NSDAP (bilhete informal)*. s/d. Fl. 25. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

do Paraná. Sociedade esta protegida pelos hitleristas e que se dedicam a instruções físicas e militares, fazendo passeiatas fardados, com tambores e corneta. Ha algum tempo atraz esta ultima agremiação, parece-me, tinha a denominação de Hitler Jugend (mocidade hitlerista) (sic).¹⁵⁴

A comunicação apresentada acima documenta a primeira menção da polícia paranaense ao Partido Nacional Socialista. A data é sugestiva. Não por coincidência, cremos, que é no mesmo conturbado ano de 1936 que o NSDAP/PR se faz aparecer por meio de um entrevero na festa do dia do trabalho, evento já mencionado no capítulo anterior.

A leitura deste documento nos leva a perceber que a delegacia – ainda sem seu nome mais popular, DOPS – estava diante de uma nova empreitada, tateante, buscando informações gerais sobre uma possível “nova ameaça”. Os padrões de ação subversiva que se tem em mente para comparação é o dos *“russos com o seu comunismo”*.

No entanto, entre o nascimento do núcleo nazista de Curitiba, em 1933, e o ano de 1938, a polícia paranaense pouco se preocupou com as ações do NSDAP, além da observação superficial, exemplificada por este documento. Tal situação mais se inscreve no campo da política internacional getulista, do que em questões regionais.

Seitenfus (2003) mostrou que entre 1934-1937, as relações comerciais entre Brasil e Alemanha se intensificaram mediante uma série de acordos comerciais para a venda de “produtos coloniais” e a compra de industrializados.

Contudo, as afinidades não pararam por aí. No mesmo período, iniciou-se uma discussão entre os dois países acerca de uma possível introdução da indústria de base no Brasil através de capital alemão. Ao mesmo tempo, Vargas interessou-se – mesmo que discretamente – pelo combate ao comunismo do eixo Berlin-Tóquio. Sem dúvida,

¹⁵⁴ *Informe ao Delegado Auxiliar*. 23/06/1936. Fl. 24. Pront. 3704, Top. 492, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

hesitou em compactuar às claras com os alemães nesse intuito¹⁵⁵, mas os eventos em torno do caso “Erna Krueger” (Olga Benário) e a coordenação entre as polícias dos dois países atestam os contatos entre os dois governos.

Por outro lado, Vargas mantinha rédeas curtas em relação aos seus políticos mais “germanófilos”. Uma aproximação descarada poderia gerar a ira do “Grande Irmão do Norte” e o Brasil fatalmente perderia seu poder de barganha no meio das duas potências.

Assim, enquanto vigorou essa política dupla, a polícia não interveio nas organizações nazistas, permitindo que pululassem em diversas regiões do país. Suas aparições públicas, por mais chocantes que fossem para os luso-brasileiros não foram reprimidas. Ressalta-se também que autoridades governamentais – como mostra boa parte dos trabalhos sobre o NSDAP/BR – participavam de festividades nazistas como desfiles e inaugurações. Como vimos, no Paraná não foi diferente.

O golpe do Estado Novo e a Campanha de Nacionalização subsequente mudariam esse quadro. Partiremos deste marco e chegaremos até o ano de 1942, após a o rompimento das relações entre Brasil e Alemanha, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

¹⁵⁵ Em novembro de 1937, um memorando do chefe da divisão política IX do Ministério do Exterior apontava que – com relação à união do Brasil ao pacto anti-Comintern alemão-japonês-italiano – “*O novo governo brasileiro já declarou expressamente que é contrário à adesão. Nossa Embaixada no Rio de Janeiro informou recentemente que não devemos trabalhar pela adesão do Brasil ao Pacto Anti-Comintern*”. Memorando do chefe da divisão política IX do Ministério do Exterior – 30 de novembro de 1937. *DGFP, 1918 – 1945*. Série D, Volume V (O III REICH..., 1968. p. 9).

3.1 O PANO DE FUNDO: O GOLPE DO ESTADO NOVO, A SEGUNDA GUERRA E AS RELAÇÕES BRASIL/ALEMANHA.

O início do conflito europeu, em setembro de 1939, apesar de ser importante no que diz respeito a este tema, não constitui o marco inicial das transformações relativas à repressão ao NSDAP no Brasil. Aproximadamente dois anos antes do início da guerra na Europa, uma mudança nos rumos internos da política brasileira levou o Estado a iniciar uma fase de observação/repressão sobre o nazismo e sobre os indivíduos de origem teuta.

Em fins de 1937, quando Getúlio Vargas, contando com o apoio dos integralistas e auxiliado por setores do exército cancelou as eleições presidenciais, proclamou uma nova constituição e inaugurou um Estado nos moldes dos Estados corporativos europeus, uma nova perspectiva de nacionalidade brasileira amalgamava-se. Vargas tentou construir um conceito de nacionalidade homogênea, excluindo, portanto, qualquer espécie de “quisto” racial engravado no território brasileiro.

Dado este quadro, constata-se que uma rota de colisão estava traçada: de um lado uma comunidade germânica que há mais de um século migrara para o Brasil organizando-se de forma a manter seus costumes, sua língua, sua crença etc¹⁵⁶, de outro um projeto nacionalista xenófobo – poderíamos dizer, à moda dos anos 1930 – que tentava criar uma sonhada nacionalidade excluindo, para tanto, os chamados “alienígenas”.

Na Alemanha, durante os anos 1930, Hitler conseguiu em pouco tempo números assustadores relacionados à economia: o país se recuperou das conseqüências da Primeira Guerra e da cambaleante República de Weimar sob o título de *Dritte Reich*.

¹⁵⁶ Isso não significa que boa parte dos alemães não tenha passado por um processo de aculturação. Ver Gertz (1991).

Contudo, não só a economia foi içada pelo nazismo, também a moral e o nacionalismo afloraram-se diante da conjuntura empolgante da nação.

Os alemães que viviam no Brasil, também sentiram este reflorescer do nacionalismo. *Grosso modo*, pode-se afirmar que uma minoria ingressou na seção brasileira do Partido Nacional Socialista, outros apenas simpatizaram com a causa nazista e, por fim, a maioria cantava com afinco “*Deutschland, Deutschland über alles*”, mas jamais se colocara atrás de uma suástica. O imbróglio “*germanismo/nazismo*”, manifestações que invariavelmente se entrelaçavam neste contexto, causou uma série de conflitos e mal entendidos relacionados aos alemães quando se iniciou a repressão ao nazismo.

No Brasil, as medidas anti-alemãs adotadas inicialmente no Estado Novo, a partir de dezembro de 1937, eram de caráter estadual. Assim, Vargas conseguiu rebater as duras críticas que constantemente eram enviadas pela Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro ao Itamaraty. Essas críticas questionavam os “maus tratos” dos governos do sul com relação ao “elemento germânico”.

Contudo, poucos meses depois, orquestrada diretamente pelo governo federal, teve início uma forte campanha nacionalizadora, visando “transpor duas obstâncias principais: os regionalismos políticos e os núcleos estrangeiros nas zonas de colonização” (SOUZA, 2002, p. 69). Em 18 de abril de 1938, entrou em vigor o Decreto-lei 383, que proibia a ação de qualquer grupo ou partido político estrangeiro.

A questão fica complexa se lembrarmos que para a diplomacia alemã, proibir o *Nazional Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei* (NSDAP) no Brasil era como “proibir a Alemanha”. Reiteradas vezes Karl Ritter, o inábil embaixador alemão no Rio tentou convencer o Ministro das Relações Exteriores do Brasil que *o partido era a Alemanha*. Estava traçado um conflito diplomático.

Ritter tinha razão na frase acima citada, contudo, não no sentido que atribuía. Frequentemente, quando a Polícia Política do Estado Novo (DOPS ou as delegacias estaduais – DEOPS) buscava cumprir o decreto 383 se deparava com uma questão: o que é nazismo e o que é germanismo? Na dúvida avançavam sem ressalvas sobre os dois, como sendo uma coisa só: uma manifestação “alienígena”. Pessoas com sobrenomes como Schneider ou Müller deveriam ficar atentas, pois cedo ou tarde seriam taxadas de “quinta-coluna”. Os estados do sul eram os alvos de maior vigilância, em virtude do grande número de alemães e de teuto-brasileiros.

O que depreendemos disso é que uma primeira fase caracterizada pela vigilância e pela “leve” repressão sobre os alemães no Brasil se inaugurou com Estado Novo. Assim, entre dezembro de 1937 e janeiro de 1942, constata-se uma perseguição no sentido mais xenófobo. O nazismo (ideologia), abraçado por uma minoria, era visto como uma manifestação de estrangeirismo e por isso deveria ser reprimido. Não se constituía ainda um inimigo de guerra ou inimigo ideológico. Paralelamente, o nazismo enquanto partido político também foi caçado, juntamente com a AIB, uma vez que todos os partidos foram extintos em dezembro de 1937.

Este quadro pode ter se alterado ligeiramente com o início da guerra na Europa, devido a posição neutra do Brasil e a crescente influência norte americana na política externa brasileira. Contudo, de forma genérica, podemos caracterizar esse primeiro “olhar” do Estado com relação aos alemães sob o prisma do nacionalismo estadonovista e da centralização apartidária do Estado Novo.

Alguns eventos desta primeira fase merecem destaque, pois interferiram diretamente nas atitudes internas do Estado para com os alemães. Em primeiro lugar, o desentendimento diplomático entre Brasil e Alemanha no ano de 1938; em segundo, o

início da guerra na Europa e, por fim, o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha.

Em 1938, enquanto Vargas promulgava uma série de medidas repressivas com relação aos alemães, se desenrolou um acalorado debate entre Karl Ritter e Oswaldo Aranha (ministro das relações exteriores – considerado “americanófilo” convicto). Por um lado, as atitudes hostis tomadas pelo governo do Brasil no que se refere aos teutos e, por outro, a petulância do embaixador alemão, dificultaram as conversações. A crise se acirrou quando eclodiu a Intentona Integralista em maio, momento em que Vargas acusou “implicitamente” os alemães de uma participação no atentado¹⁵⁷. A partir de então, as conversações entre os dois países tornaram-se cada vez menos diplomáticas.

Em um encontro pessoal – 21 de maio –, Aranha e Ritter trocaram ofensas e, como uma bola de neve, o entrevero terminou por se estatelar em setembro de 1938, com a retirada dos respectivos embaixadores e o fim temporário das relações diplomáticas. Iniciara-se um processo de afastamento do Brasil em relação à Alemanha e uma concomitante aproximação com os Estados Unidos. Mais tarde as embaixadas ganharam suas cabeças de volta, contudo as relações nunca mais foram as mesmas, exceto no aspecto econômico.

O início da guerra significou para os alemães aqui radicados uma maior vigilância por parte do Estado e também da população. Embora o Brasil tenha mantido a neutralidade no conflito, essa postura representava na verdade uma neutralidade pró-americana, principalmente através da forte influência de Oswaldo Aranha nos meandros diplomáticos. As negociações sobre acordos de cooperação econômica e militar empenhadas por Brasil e Estados Unidos, entre 1939 e 1940, demonstram exatamente essa influência. A idéia, muito presente entre 1936-1938, de esta mesma cooperação ser

¹⁵⁷ Com a eclosão da Intentona, Vargas conseguiu demonstrar definitivamente para os Estados Unidos que o fantasma da ameaça fascista no Estado Novo estava exorcizado e que agora é o fascismo que estava ameaçando o governo brasileiro com um atentado ao chefe da nação.

feita com o III Reich perde sustentação, na medida em que cresce a possibilidade desses acordos se realizarem com o Tio Sam.

Diga-se de passagem, em 1939, decretos-lei continuaram a ser promulgados com medidas nacionalizadoras que atingiram não só os alemães natos, mas também os chamados *Volksdeutsch*.

No sul do Brasil, o início da guerra na Europa acordou um velho fantasma. O já mencionado mito do “perigo alemão”, que desde o século XIX ocupava o imaginário tanto da população como dos governantes (sem falar nos Estados Unidos) reapareceu naquele momento, mais do que nunca, como uma possibilidade “concreta”. Os alemães estariam tramando a anexação do sul do Brasil (região de colonização teuta) para a *Grossdeutschland* e o pivô desta ação seria a comunidade germânica aqui radicada. Sob esse ponto de vista, todo alemão se enquadrava como um possível quinta-coluna trabalhando para o Reich. A vigilância se ampliou e muitos alemães começaram a preferir o “olho do furação” do que ficar no Brasil.¹⁵⁸

As vitórias relâmpago de Hitler, no ano de 1940, repercutiram em todo o mundo. Getúlio Vargas, impressionado, proferiu discursos exaltados sobre *novos tempos que estariam por vir*. A diplomacia alemã vivenciou um momento de empolgação com Vargas encontrando-se várias vezes em secreto com o embaixador Prüfer. Washington, percebendo que o vulto do fascismo ainda rodeava o presidente brasileiro, decidiu dar uma solução para as negociações de cooperação entre os dois países. Deste modo, buscava-se afastar de uma vez por todas o III Reich do Brasil e trazer Getúlio Vargas definitivamente para os caminhos do pan-americanismo.

Nos estados do sul, ampliaram-se as medidas repressivas das autoridades policias e militares sobre as atividades nazistas. Vigilância, denúncias, prisões,

¹⁵⁸ É o caso da Família Toedter que saiu de Curitiba, em 1942, devido às perseguições rumo a Frankfurt (TOEDTER, 2001).

deportações começam a se tornar eventos comuns. Casas e estabelecimentos comerciais foram invadidos pela polícia e mesmo apedrejados por populares. Segundo Seitenfus (2003), os governos dos estados do sul, extremamente nacionalistas, estavam querendo chamar a atenção das autoridades federais para a ameaça nazista, uma vez que Vargas, devido aos seus contatos pessoais com Prüfer, estava minimizando o Perigo Alemão no sul. O filho de um dos membros do NSDAP/PR que saíra de Curitiba rumo ao Rio de Janeiro afirmou: “*Até dava a impressão de que, quanto mais nos afastássemos do sul, menos se temia os ‘Quinta Colunas’*” (TOEDTER, 2001, p. 24).¹⁵⁹

Em setembro de 1940, após tortuosas negociações, o Brasil conseguiu um acordo econômico para o financiamento de uma usina siderúrgica em Volta Redonda. A indústria viria, portanto, com capital *made in USA*. A chamada política da “eqüidistância pragmática” (MOURA, 1980) de Vargas começara a colher seus frutos, de fato, para o lado que soube segurar o pêndulo.

Nesse momento, a primeira agressão sobre um território pertencente ao Novo Mundo alteraria a configuração das posições e o Brasil não poderia mais “flertar” com o eixo. Os eventos ocorridos no Havaí, em dezembro de 1941, precipitaram o que muitos consideravam inevitável.

Na conferência do Rio de Janeiro (15 à 28 de janeiro de 1942), ficou como sugestão para as nações americanas o rompimento das relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha. O Brasil imediatamente acatou. A partir de então, medidas contra as *atividades subversivas* em escala continental também foram adotadas. Abriu-se um leque de acordos entre Brasil e Estados Unidos: estratégicos e militares, econômicos e acordos de luta contra o Eixo.

¹⁵⁹ Ibid., p. 24.

A partir de então temos o que a historiadora Ana Maria Dietrich (2001) denominou “a caça às suásticas”. Passando para a categoria de inimigo de guerra, o nazismo foi alvo de forte repressão por parte das autoridades político-sociais e militares. Todo alemão era visto, sob o ponto de vista da “lógica da suspeição”, como um nazista subversivo. Por todo o país, membros do NSDAP foram presos e muitos alemães, nazistas ou não, foram colocados sob vigilância. Pessoas sem qualquer ligação com o nazismo foram presas e interrogadas apenas por terem um “Fischer” no sobrenome. O aparato repressivo da polícia política se colocou a serviço da captura dos “quintas-colunas”.

Nesta segunda fase, portanto, não foi a política interna que legitimou a ação repressiva, mas sim o rompimento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a Alemanha. O Brasil pagou um preço alto por tal atitude. Logo, em fevereiro de 1942, o eixo iniciou uma série de ataques à marinha mercante brasileira. A crise se acirrou quando, em 15 de agosto, o submarino alemão U-507 pôs a pique o *Baependi*, navio brasileiro de passageiros. Um saldo de 269 mortos. A morte de civis, sem prévia declaração de guerra causou indignação nos círculos políticos e na população.

Após os ataques aos navios, os setores democráticos do governo Vargas ganharam cada vez mais espaço. Em março de 1942, foi adotado o *estado de emergência* e um Decreto-lei que estabelecia a *Indenização por Atos de Agressão*. Não só o Eixo seria responsabilizado pelos danos, mas os bens e os direitos dos “eixistas” poderiam responder pelas agressões. Em julho, Germanófilos “de carreira” foram demitidos dos seus cargos (Filinto Müller e Francisco Campos são os mais expressivos) em virtude de enteveros com relação a uma passeata anti-totalitária promovida pela UNE. Este episódio diagnosticava que os setores autoritários do governo mostravam cada vez mais sinais de desgaste, ao mesmo tempo em os intentos de Oswaldo Aranha

pareciam desabrochar repentinamente. O Brasil estava se preparando para a guerra. Em 22 de agosto Vargas decretou *estado de beligerância* com a Alemanha e a Itália. Em 31 do mesmo mês, foi declarado *estado de guerra*. Mais tarde o Brasil se prepararia para envio de 25.300 combatentes ao teatro de operação do Mediterrâneo.

Assim, a partir de janeiro de 1942, a atitude repressiva do Estado com relação aos alemães tomou ainda mais vulto, direcionando sua ação à captura de espões e “indivíduos nocivos à integridade da nação”. Membros e líderes dos grupos estaduais do Partido Nazista, já desarticulados pelos decretos de 1938, foram presos, alguns em campos de trabalho e outros poucos deportados. Dos “cidadãos do eixo”, foram confiscados todos os tipos de bens que a polícia julgou necessário: máquinas fotográficas, aparelhos de rádio, armamentos de toda espécie, livros, revistas, etc. Além disso, os chamados “eixistas” só se locomoviam dentro do país através de salvo-condutos. Na lógica policial, o inimigo de guerra estava dentro do país e, portanto era necessário, vigiá-lo incessantemente.

Com o término do conflito, muitos alemães foram libertados e grande parte teve seus bens devolvidos. Dessa forma, nos aproximamos da análise de Ana Maria Dietrich, que afirma que a repressão sistemática ao nazismo no Brasil se encontra restrita aos anos 1942 – 1945, com uma concentração das ações no ano de 1942.

Podemos depreender desta análise que fatores relacionados à política interna, legitimavam, em um primeiro momento, a repressão aos alemães. Dentre eles devemos destacar o golpe do Estado Novo e a tentativa de construção de um projeto de nacionalidade que tinha por pressuposto excluir os elementos “estranhos” ou não-homogeneizados.

A paulatina migração do governo Vargas – sob influência dos setores democráticos, que tinham como porta-voz o ministro Oswaldo Aranha – para a órbita

dos Estados Unidos e o conseqüente posicionamento do país frente ao conflito mundial, nos servem de parâmetro para compreender a postura agressiva do governo brasileiro frente ao Partido Nazista no segundo momento.

Com a eclosão do conflito na Europa e, mais ainda, o prolongamento das hostilidades até a América, em 1941, as justificativas para a ação policial/militar frente aos germânicos entraram para a categoria da “segurança nacional” e/ou “continental”. A luta não mais se fazia contra o “alienígena” ou seu partido estrangeiro (apesar deste último ser constantemente resgatado no discurso policial), mas contra um inimigo de guerra radicado em solo brasileiro. Portanto, de uma forma geral, fatores de ordem externa influenciaram na decisão pela postura repressora adotada contra os alemães a partir de 1942¹⁶⁰.

3.2 O PARANÁ E A REPRESSÃO AO NSDAP

Antes de iniciarmos diretamente nas questões relativas a este tema, gostaríamos de esclarecer que este trabalho não tem a pretensão de entrar em um profícuo campo, que é o do estudo das instituições político-repressoras no Brasil. Sem dúvida, o leitor perceberá que tangenciamos a questão para tentar entender como ocorreu o desmonte da organização do NSDAP/PR. Contudo, este último é o nosso fim. O estudo da repressão aqui apresentado não se faz exaustivo, pois apenas pretende entender como terminou a “aventura nazista” no estado do Paraná. Certamente, estudos que caracterizem as linhas

¹⁶⁰ Cabe destacar que tais fases não se constituem estanques. Da análise das fontes contata-se que o discurso étnico, por exemplo, permanece no linguajar policial mesmo a partir de 1942. As figuras do perigo alemão (étnico) e do inimigo de guerra se confundem, invariavelmente.

de ação e pensamento da DOPS/PR e da 5ª RM ainda se fazem necessários. A esse respeito, lançamos aqui apenas algumas pistas da conduta dessas instituições no Paraná.

Em 1936, quando o dirigível Hindenburg sobrevoou Curitiba, o interventor federal Manoel Ribas congratulou os tripulantes e passageiros “da altiva Alemanha, cujos filhos laboriosos e honestos, aqui radicados, constroem connosco (sic) a grandeza sempre crescente do Paraná”¹⁶¹. No mesmo ano, Ribas participou da inauguração do prédio escolar da *Deutsche Schule* e certamente não se chocou ao ver o salão nobre, onde seu retrato figurava entre os de Getúlio Vargas e Adolf Hitler (SOUZA, 2002, p. 115).

Parece contraditório que o mesmo homem aqui visto enaltecendo os teutos, será no mínimo conivente com *caça às bruxas*, instalada no estado, em 1942. Não obstante, tendo em mente o contexto das relações internacionais explicitado acima e conhecendo a suma obediência do interventor Manoel Ribas às diretrizes do governo Vargas, fica fácil entender a mudança de posição do governo estadual.

Logo de início, gostaríamos de destacar que os documentos da DOPS/PR mostram que a política repressora do governo Manoel Ribas contra os nazistas não apresenta uma coerência, pelo menos se levarmos em conta os motivos sustentados pelos órgãos repressores. Ao mesmo tempo em que indivíduos “comuns” passavam meses na casa de detenção tentando explicar o motivo pífio de sua reclusão (como marcar a vaca com a suástica), outros, por vezes dignos de suspeição, com apenas um

¹⁶¹ GAZETA DO POVO, 02/12/1936, p. 6.

telefonema conseguiam a liberdade, não raro, um telefonema do “Senhor Interventor Federal”¹⁶².

Nesse sentido, cremos que um estudo acerca das condições sociais de todos os indivíduos de origem germânica que passaram pelas mãos da DOPS/PR nesse momento pode ser revelador. Apensar desta questão não se encontrar entre os objetivos deste trabalho, apenas em uma breve pesquisa, pudemos verificar que grande parte dessas vítimas mantidas reclusas provinha de estratos economicamente inferiores da sociedade paranaense.

Esse personalismo, contudo, não impediu que se estruturasse uma rede delatora/repressora no estado para a perseguição ao nazismo e, a reboque, aos alemães. A perseguição aos integralistas, que possuíam um núcleo considerável no Paraná, também se processa paralelamente a partir de 1938. Fato interessante é que em um número relativamente grande de documentos sobre a repressão à AIB, os nomes fichados como membros do partido são alemães, alguns inclusive ex-nazistas.

Através de uma ação coordenada entre a Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná, a 5ª Região Militar, com sede em Curitiba, e as Delegacias de Polícia municipais a repressão ao nazismo no plano estadual logrou resultados expressivos, obviamente, para o trabalho que se propunha.

Esta “máquina”, quando entrou em funcionamento, conseguiu cercear e decapitar o NSDAP, utilizando subterfúgios nos meandros da própria estrutura jurídica para justificar a detenção de alguns indivíduos que, de certa forma, já se encontravam “em silêncio” após o decreto 383, de 1938, o qual tinha por propósito por fim à aventura dos partidos alienígenas no Brasil.

¹⁶² Este personalismo de Ribas também é perceptível observando repressão aos imigrantes japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, principalmente no que diz respeito à diferenciação entre japoneses das áreas rurais/litorâneas e dos nipônicos das áreas urbanas. Sobre a perseguição aos japoneses no Paraná, ver Kimura (2007).

3.2.1 OS PRIMEIROS ALVOS – 1938-1942

A partir de 1938, as primeiras ações policiais direcionaram-se em sua maioria, contra alemães – no sentido amplo – e integralistas (às vezes as duas coisas ao mesmo tempo). Os membros do NSDAP se encaixavam nesse quadro, na medida em que professavam uma ideologia externa e possuíam um partido político estrangeiro. Assim, alguns militantes nesse período foram enquadrados, em especial aqueles mais expostos.

Como já afirmamos, as manifestações nazistas foram enxergadas como expressões da cultura alienígena que se pretendia obliterar através da Campanha de Nacionalização. Ao mesmo tempo, enquanto *partido político*, o nazismo foi entendido como uma ameaça, uma vez que todos partidos haviam sido proibidos de funcionar no país de acordo com o projeto político do Estado Novo.

O discurso policial no Paraná apresenta características dessas duas linhas de conduta. O germanismo, que impedia a integração da nacionalidade brasileira e o NSDAP, que ameaçava a integridade do poder central do Estado.¹⁶³

No aspecto prático, de uma maneira geral, entre 1938 – 1942, alguns membros do NSDAP foram fichados através de uma indicação feita pela 5ª Região Militar, mais especificamente por um “órgão” desta instituição denominado “Serviço de Nacionalização” (sic). Pouca informação traz os arquivos da DOPS acerca deste “serviço”, contudo alguns indícios mostram que se fixava de forma extenuante no levantamento de informações quanto aos “elementos perniciosos ao regime”.

Para ficarmos em um exemplo: quando se iniciou abertamente a caça aos nazistas no Paraná, a 5ª Região Militar enviava documentos com nomes e trajetórias dos

¹⁶³ Este ponto de vista nos soaria contraditório, caso o elemento *nação*, no sentido de conflito entre nacionalidades, não estivesse presente: a construção de uma nacionalidade e de um Estado brasileiro baseados, em alguns aspectos, nos fascismos europeus, sendo ameaçada exatamente por aquilo em que se buscou inspiração. Não passa de mais um imbróglio ideológico do Estado Novo, mas que pode nos fazer entender como alguns quadros governamentais sentiam-se contrariados ao reprimir o NSDAP.

membros do NSDAP, carregados de minúcias, de causar inveja a qualquer investigador da DOPS. É possível acreditar que quando os fatos se precipitaram no início de 1942, os militares sabiam mais acerca da vida de Werner Hoffman do que a própria DOPS que o enquadrara. Outro fato importante – este para a infelicidade do pesquisador – é o paradeiro do que foi encontrado na Gustloff Haus (sede do NSDAP/PR), após o confisco da Polícia Civil. Os documentos do partido – livro ata, correspondências, listas de membros, fichas, etc. – foram levados para os depósitos militares. A DOPS só ficou com um relatório, contendo o número original e um enunciado elaborado pela própria 5ª RM.

Apesar disso, cabia à DOPS todo o “trabalho sujo”. E a partir de 1938 ele começou a ser feito. Em meados desse ano, Albert Blum (tesoureiro do NSDAP/PR) foi convocado para se apresentar com passaporte na delegacia; seis meses depois foi elaborada sua ficha *“por ter sido julgado pernicioso ao regime e por professar abertamente a ideologia NAZISTA, conforme se vê da (sic) comprovante fornecida pelo Serviço de Nacionalização da 5a. Região Militar”*. (grifo nosso)

A citação acima, extraída do dossiê de Albert Blum se repete na esmagadora maioria dos dossiês dos nazistas que foram alvo das investigações da DOPS antes de 1942. A referência para a Delegacia era o dossiê 744¹⁶⁴ (parcialmente encontrado nos arquivos), onde se encontram os resultados dos trabalhos investigativos da 5ª Região Militar.

Costumeiramente, por volta de meados de 1938 os indivíduos eram convocados para apresentar documentos à DOPS. Meses depois, uma ficha era elaborada – sem o conhecimento do fichado – para o acompanhamento e vigilância, em 1942 vinha a prisão efetiva.

¹⁶⁴ O dossiê 744 foi renumerado para 125. Encontra-se no Arquivo Público do Paraná sob a topografia 15, com o nome “Atividades Nazistas no sul do Brasil e Alfred Andersen”.

Este padrão certamente encontra suas exceções. O Partido Nazista no Paraná desapareceu formalmente após 1938; os “guris pardos” não mais desfilaram pelas ruas de Curitiba, nem a Gustloff Haus agremiava os partidários. Contudo, alguns indivíduos – que poderíamos adjetivar como “exaltados” – mantinham práticas consideradas altamente perniciosas ao nacionalismo varguista e ao vazio partidário proposto pelo Estado Novo. Qualquer resquício de atividades germanista e/ou partidária a partir de dezembro de 1937 significava vigilância e repressão.

É interessante observar que o decreto que pôs fim aos partidos políticos não dá atenção especial aos partidos estrangeiros atuando no Brasil. Além disso, considera como alvo do decreto *“tôdas as arregimentações partidarias registadas nos extintos Tribunal Superior e Tribunais Regionais da Justiça Eleitoral assim como as que, embora não registadas em 10 de novembro do corrente ano, já tivessem requerido o seu registro”*¹⁶⁵ (grifo nosso). Ora o NSDAP, não se encaixa em nenhuma das condições. Contudo, conceitualmente, não deixava de ser um partido e deveria se dissolver. Somente cinco meses depois, o decreto 383, de 18 de abril de 1938, despejaria atenção às atividades políticas dos estrangeiros especificamente, repetindo as mesmas penas do decreto anterior.

No caso do Paraná, dos indivíduos acusados de nazismo pela DOPS com os quais trabalhamos, nenhum foi feito prisioneiro antes de outubro de 1939, pelo menos da forma como ocorreu em 1942, com prisões sumárias e com poucas possibilidades de apelação. Até esta data, ocorreu apenas a vigilância, o fichamento e, em casos extremos, um interrogatório. Na maioria dos casos, fica patente que a DOPS aguardava um suporte legal para estourar à série de detenções que se processou a partir de janeiro de 1942.

¹⁶⁵ BRASIL. Decreto-Lei n. 37 de 2 de dezembro de 1937. Dispõe sobre partidos políticos.

Werner Ricken foi apresentado à DOPS por carregar um distintivo com a suástica em 11/01/1938, após a verificação dos documentos, o mesmo foi liberado. Só seria preso em 08/05/1942¹⁶⁶.

A primeira referência a Otto Braun na documentação policial data de 22/01/1938, e apenas menciona o envolvimento de Braun num processo instaurado pelo governo federal contra outro indivíduo¹⁶⁷. Não obstante, a vigilância se acirrou e cartas de Otto foram censuradas pela “Seção de Nacionalização” da 5ª RM, o que levou à confecção de sua ficha como “pernicioso ao regime”. Suas declarações foram tomadas a 17/07/1939, tendo Braun negado completamente qualquer ação partidária além das atividades consulares, afirmando que sempre combateu os nazistas.¹⁶⁸ Quando preso, em janeiro de 1942, Braun modificou o discurso e expôs a completa imbricação entre NSDAP/PR e Consulado.¹⁶⁹

Dessa forma, os casos se repetem: os nazistas eram fichados e colocados sob constante vigilância. Alguns, alocados em posições sociais “perigosas” foram exonerados, como é o caso dos partidários que lecionavam na Escola Alemã (SOUZA, 2002, p. 81). Mesmo o mais exaltado deles, Werner Hoffman, passou pelo mesmo processo, com as exceções de que a observação sobre sua pessoa começa precocemente, ainda em 1936, e o fato de nunca ter sido preso. Em 1939, a DOPS ainda requeria sua presença para novo interrogatório quando o consulado comunicou seu interesse em sair do país. Como já foi afirmado, aparentemente Hoffman foi alocado em outra função, uma vez que não se permitia mais a ação aberta e ruidosa do NSDAP no Brasil.

¹⁶⁶ *Folha de anotações e antecedentes de Werner Ricken*. Pront. 3707, Top. 492, “Werner Ricken”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁶⁷ *Folha de anotações e antecedentes de Otto Braun*. Pront. 3024, Top. 452, “Otto Braun”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁶⁸ *Auto de declarações prestadas por Otto Braun*. 17/07/1939. Fls. 32-33. Pront. 3024, Top. 452, “Otto Braun”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁶⁹ *Ibid.*

O início da conflagração mundial na Europa alterou ligeiramente os rumos da repressão. A partir de então, além dos quesitos anteriores, os organismos repressores deveriam observar a neutralidade do país. Alguns membros do partido, a partir de então começaram a ser detidos por atitudes esparsas, pouco relativas ao extinto NSDAP/PR.

Alfred Andersen – chefe da propaganda – foi preso em janeiro de 1940 por fazer a saudação nazista em público ao se despedir de outros partidários após um churrasco na Pensão Kreutz; aliás, diga-se de passagem, o tal churrasco levou todos os participantes a prestar esclarecimentos na DOPS¹⁷⁰.

Da mesma forma, meses antes, o Pastor Zischler quebrou a neutralidade brasileira ao distribuir panfletos de alistamento militar alemão no distrito de Rolândia. Detido e levado à Curitiba para prestar esclarecimentos, foi posto em liberdade condicional, com a intervenção do Consulado da Alemanha assumindo a responsabilidade sobre o ato. Só voltou para a prisão em 1942¹⁷¹.

Podemos concluir que esta repressão do período que vai, *grosso modo*, de dezembro de 1937 a janeiro de 1942, apresenta no Paraná uma característica de acentuada vigilância coordenada dos organismos repressores e o início de uma coação física, reflexo da primeira tomada de posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ou seja, a neutralidade.

As definições da política externa de Vargas e as conversações diplomáticas no Rio, em janeiro de 1942, modificaram esta paisagem abrindo caminho para uma total liberdade repressiva, que vai por fim a qualquer resquício de atuação (se é que ainda existia) do NSDAP no Paraná.

¹⁷⁰ *Auto de prisão em flagrante*. 04/01/1940. Fls. 116-118. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁷¹ Cf. Pront. 1473, Top. 356, “Hans Zischler”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

3.2.2 “O FIM DO ESTADO DE COISAS”: 1942

Genericamente, a partir de 1942, aqueles que estavam sob o olhar distante e vigilante das instituições repressoras estarão próximos e “enjaulados”. É curioso ler sequencialmente a contracapa dos prontuários dos quais temos falado durante este trabalho: nitidamente, o ano de 1942 se constitui num divisor. Por mais que estivesse provada para a polícia a participação de alguns indivíduos nos altos cargos do partido estadual, somente após o rompimento do Brasil com a Alemanha os partidários foram presos. Impõe-se aqui uma nova face para o nazista: o inimigo de guerra.

Apesar da lacuna documental ser imensa no período pré-rompimento, o que se pode entender é que o “silêncio” do NSDAP/PR não dava margem para uma repressão acentuada sobre os nazistas. As políticas de nacionalização das associações, clubes e sociedades estrangeiras interromperam a penetração de idéias e a participação maciça de membros do NSDAP/PR. Ora, como vimos tais entidades se constituíam no lugar privilegiado para arregimentação de adeptos; com o acirramento da política de abasileiramento, muitas dessas instituições tiveram que modificar seu caráter e extinguir programações políticas de suas pautas.

Um texto curioso escrito pela DOPS/PR em resposta aos militares, já no pós-guerra, explicava “aventura nazista” no estado da seguinte forma:

Senhor Chefe

O nazismo alemão tem neste Estado, como nucleos de propaganda e atividades eixistas, as sociedades alemãs, de caráter recreativo ou beneficente. Congregando como associados a maioria dos elementos nazistas da colônia, essas entidades, orientadas por elementos do Consulado Alemão do Paraná organizaram, sob diverso pretexto, vários sub-comitês ou seções, implantando através delas a ideologia nazista, ao mesmo tempo que, sob a falsa alegação de beneficência, arrecadavam auxílio financeiro que se destinava ao Partido na Alemanha.

A campanha de nacionalização, iniciada no Paraná em 1937, restringiu essa atividade, pois possibilitou, através de eleições realizadas

em algumas dessas sociedades, o ingresso de brasileiros nas suas diretorias. Todavia, não impediu de maneira total que a propaganda nazista se fizesse, às ocultas e habilidosamente, através de secções de esportes, de recreativismo ou filantropia, bem como por intermédio de farta literatura alemã, eis que a biblioteca como a da “Sociedade Concordia”, ex-sociedade “Deutshcer Saengerbund” de milhares de volumes, não possuíam sequer um livro editado em língua portuguesa”

Com a declaração de guerra do Brasil às potências do “eixo”, as autoridades puseram fim a esse estado de coisas, encaminhando ao Rio de Janeiro vinte e três chefes do nazismo no Paraná, ao mesmo tempo que ocupavam as sociedades cujas atividades foram consideradas perniciosas aos nossos interesses, determinado ainda outras providências que as circunstâncias exigiam.

É correto afirmar que os partidários utilizaram habilmente as instituições germânicas para pregar sua doutrina; contudo seria errôneo, como sugere o documento, acreditar que apenas através delas se propagava o nazismo. O partido também possuía suas próprias instituições, sua sede, seus *Parteigenossen*; tudo isso se viu desabar com a proibição aos partidos políticos e, mais ainda, após o decreto 383, em abril de 1938.

A idéia de um partido escondido por detrás das instituições germânicas em processo de abasileiramento, entre 1938-1942, também pouco se sustenta. Acreditar que o Clube Concórdia era nazista por ter Goethe em sua biblioteca e nenhum livro em português é prova de que nazismo e germanismo permaneceram no mesmo patamar para a opinião policial, até o fim da guerra. As fotografias utilizadas como prova para incutir culpa no referido clube foram tiradas da estante de livros, curiosamente denominada pela polícia de “biblioteca nazista” (Ilustração 11).¹⁷²

Os retratos do salão do Concórdia, produzidos pela DOPS para certificar o seu abasileiramento, em 1946 (!), mostram paredes com desenhos de dançarinas em ritmo de carnaval, juntamente com marinheiros idênticos aos personagens Popeye e Brutos (foram abasileiradas?).

¹⁷² *Ofício n. 763 da DOPS à Chefia de Polícia*. 25/02/1942. Fls. 8-11. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Ilustração 11 - Biblioteca do Clube Concórdia, 1942



Fonte: Pront. 236, Top. 25, “Clube Concórdia”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná

Também vimos que a facilidade de penetração do nazismo nas sociedades germânicas paranaenses foi relativa. Além de alguns revezes eleitorais nas diretorias, os nazistas sofriam forte oposição. Nesse sentido, alguns clubes até se cindiram devido a essa bipolarização política, como vimos.

Enfim, a documentação da Delegacia de Ordem Política e Social, não nos permite entender a onda repressora de 1942 sob a perspectiva de uma ameaça do **Partido** Nazista paranaense. Após o cerceamento das liberdades e a despedida do chefe geral, Werner Hoffman, o NSDAP entre 1938 e o início de 1942 foi praticamente dissolvido.

Seguramente, encontramos indivíduos que pregaram o nazismo neste momento, que fizeram reuniões para discutir política ou para ouvir estações de Berlin, contudo o partido formal não existia mais. Dessa forma, em 1939, o Consulado da Alemanha em Curitiba referia-se ao NSDAP/PR como “a dissolvida organização da NSDAP”¹⁷³, em comunicação com a DOPS.

Em 1942, com o rompimento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil em relação aos países do eixo e, posteriormente a declaração de guerra, a repressão no Paraná recaiu sobre os *clubes, colônias*¹⁷⁴, *associações e sociedades de caráter germânico*; sobre os *antigos membros do NSDAP* ainda residentes no estado; sobre as *instituições consulares germânicas* aqui assentadas; e, finalmente, sobre *qualquer indivíduo (alemão ou não) digno de suspeição ou que se manifestasse a favor do eixo*.

Os clubes germânicos, brasileiros por mudanças estatutárias em 1938, permaneceram de certa forma “germânicos” até 1942. Apesar da entrada de brasileiros como membros de algumas diretorias, tais instituições puderam continuar com sua

¹⁷³ Carta do Consulado da Alemanha em Curitiba ao chefe da DOPS. 05/01/ 1939. Fl. 16. Pront. 3704, “Werner Hoffman”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁷⁴ Abeck afirma que “nas regiões fronteiriças do Estado, colônias inteiras e, também, muito estabelecimentos isolados de colonos eram sumariamente evacuados” (1980, p. 39).

filosofia inicial, seja da prática do canto, da leitura ou da atividade física, através de um cultivo, ainda que vigiado, da germanidade.

Em 1942, ocorreu uma completa intervenção estatal, que incluía o confisco dos bens de várias entidades:

As diretorias foram proibidas de praticar quaisquer atos de gestão, relativos às sociedades, seus edifícios e bens móveis. Foram mantidos somente o serviço de guarda do arquivo de livros e papéis referentes ao quadro de sócios, bem como a seção de beneficência (BOSCHILIA, 1995, p. 13).

Algumas instituições de beneficência brasileiras ficaram com a guarda dos bens de tais clubes, como é o caso da Cruz Vermelha, filial do Paraná, que ficou até 1945 ocupando o Clube Concórdia. Em junho de 1945, os bens passaram para a guarda do Clube Atlético Paranaense¹⁷⁵.

Para demonstrar como o ano de 1942 é chave para entendermos a repressão ao nazismo, basta mencionar que dos sete “chefes políticos do nazismo no Paraná”, listados entre os documentos do NSDAP/PR, seis foram presos somente neste ano e um deles nunca foi preso, naturalmente, por não se encontrar mais no Brasil.

Como fruto das investigações da DOPS, entre janeiro e maio de 1942, dezenas de indivíduos de origem germânica foram presos e interrogados. No mês de maio a delegacia estadual elaborou uma lista daqueles “cuja soltura não [deveria] ser feita”¹⁷⁶. A “caça as bruxas” havia começado no Paraná.

Neste mesmo mês, o delegado de Ordem Política e Social, Valfrido Piloto explicava à chefatura de polícia que:

¹⁷⁵ Cf. Pront. 236, Top. 25, “Clube Concórdia”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁷⁶ *Ofício n. 763 da DOPS à Chefia de Polícia*. 25/02/1942. Fls. 8-11. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Dentre os duzentos e tantos indivíduos detidos, ultimamente, por esta D.O.P.S., para averiguações de caráter político-social, são considerados elementos perigosos à segurança nacional, com referência a atividades nazistas, as vinte e seis pessoas constantes da relação anexa, as quais esta D.O.P.S. se vê na contingência de manter recolhidas à Casa de Detenção desta Capital.¹⁷⁷

A referida lista é heterogênea. Nela podemos encontrar desde uma minoria de indivíduos outrora comprometidos com NSDAP/PR (como Otto Braum, Alberto Blum e Guilherme Roettger), até alemães declaradamente anti-nazistas (como Ricardo Kempfer); desertores da marinha alemã (Rudolf Sieman e Horst Udo Knopff); membros “comuns” do NSDAP/PR, ou com funções secundárias como instrutor de ginástica e responsável pela projeção de filmes.

Algumas figuras envoltas em grande suspeita para a DOPS, como o geólogo Reinhardt Maack¹⁷⁸, acusado de mapear a geografia paranaense para “entregá-la” ao Reich, também figuram na lista.

Observando atentamente o perfil dos detentos, percebe-se que, excetuando menos de meia dúzia de indivíduos, a DOPS considerou como “perigo à segurança nacional” homens pouco, ou nada relacionados ao “grosso” do NSDAP, atuante entre 1933 – 1938. Apenas um chefe local (Irati) aparece na lista! Destarte, pessoas que foram soltas logo em seguida, por falta de provas e por ordem da Secretaria de Interior e Justiça, foram colocadas no mesmo plano.

Uma alusão explícita à ausência de justificativas palpáveis para a repressão aparece na correspondência entre a DOPS e a chefia de polícia. Em maio de 1942, Valfrido Piloto (delegado de ordem política e social) explicava:

Trata-se, em sua quasi generalidade, de membros preponderantes e apaixonados do N.S.D.A.P., -- Nacional Socialistische Deutsche Arbeiter

¹⁷⁷ Ibid.

¹⁷⁸ O mistério se estende aos historiadores uma vez que o prontuário de Reinhardt Maack, apesar de comprovada existência, não se encontra nos arquivos da DOPS-PR.

Partei, -- dêste Estado, nenhum deles negando, ainda hoje, sua participação naquela agremiação. A respeito das atividades de todos, esta D.O.P.S. foi colhendo comprovantes, e chegou à convicção de , si permanecessem em liberdade essas pessoas, constituíriam eles permanente ameaça à nossa soberania, pois assim que soubessem oportuno, favoreceriam, à causa do “eixo”. *É natural que elementos dessa natureza procedem, sempre, sem deixar vestígio de seus intentos máximos, -- que, no caso, seria agir solertemente, agora, no sentido de que os mil e um modos de enfraquecer, desorientar, destruir uma nação inimiga, pudessem surtir efeitos os mais favoráveis possíveis, e isso para que o nazismo realizasse, também contra nós, o seu sonho de domínio universal. Por aquelas circunstâncias, é explicável não conte, a Polícia, com provas de uma atividade atual de conspiração, -- dados que seriam os exigíveis para o processo de cada um dos detidos (...) É evidente que, dos autos em que se conterão os motivos da reclusão desses nazistas, poderá não surgirem justificativas capazes de bem enquadrar, os casos, em nossa legislação. Ao Governo Federal cabe, no entanto, a solução do assunto, de vez que a soltura de tais presos não conviria, em absoluto, à segurança nacional.* (grifo nosso).¹⁷⁹

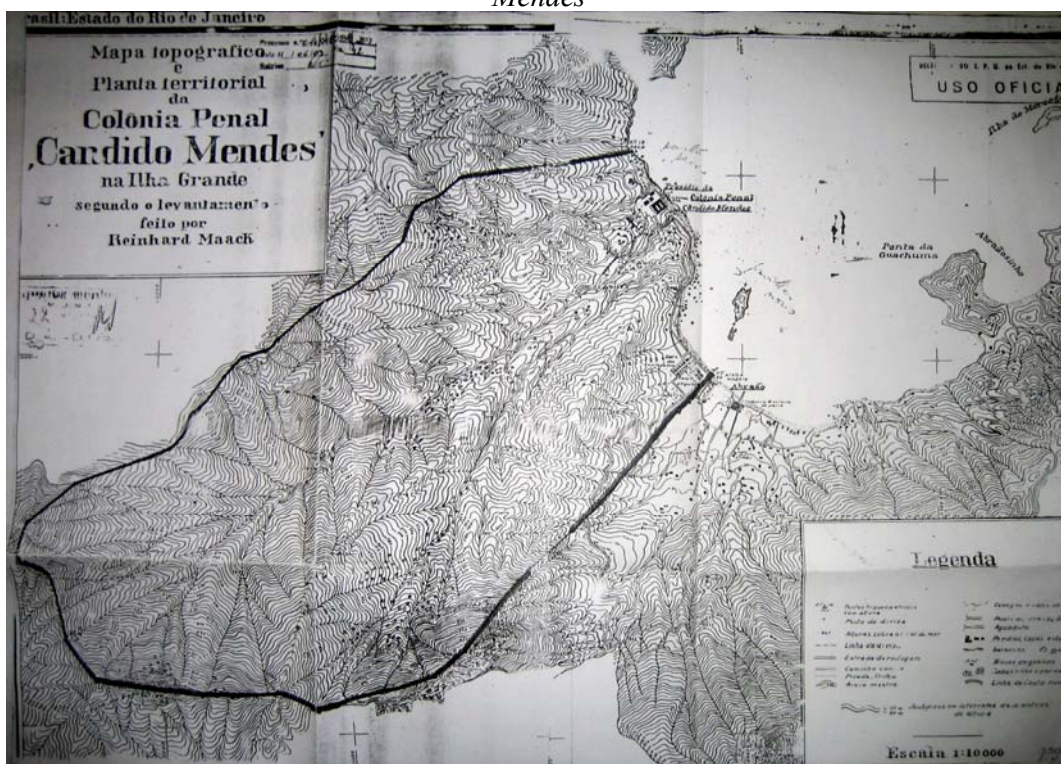
A prisão dessas vinte e seis supostas ameaças foi sucedida pelo encaminhamento do mesmo número de indivíduos (após algumas alterações na lista) ao Rio de Janeiro, em primeiro de agosto de 1942, por intermédio de um vapor de nome Itaquera. As ordens para tal manobra vieram diretamente do Ministério da Justiça, que reteve a maioria desses indivíduos na Colônia Penal Candido Mendes¹⁸⁰ (Colônia Penal Agrícola de Ilha Grande), até 1944/45. Reinhard Maack, detido em Ilha Grande, teve tempo para desenhar a topografia do local (Ilustração 12).

Meses antes, em março de 1942, já havia ocorrido o desmanche do Consulado da Alemanha em Curitiba. Todos os funcionários partiram em caravana de automóveis para o Rio de Janeiro, onde embarcaram num vapor com destino à Alemanha. Toda a viagem foi meticulosamente observada pela DOPS: o fechamento das pendências (como contas em banco), as orientações acerca da viagem (advindas do consulado da Espanha, novo representante dos alemães após o rompimento), os preparativos, etc. Enfim, acerca de todo o procedimento a DOPS deveria ser, e foi informada.

¹⁷⁹ *Ofício n. 763 da DOPS à Chefia de Polícia*. 25/02/1942. Fls. 8-11. Pront. 125, Top. 15, “Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

¹⁸⁰ Em virtude do rompimento do Brasil com a Alemanha, o governo transferiu a Colônia Agrícola do Distrito Federal, localizada em Fernando de Noronha, para a Colônia Penal Cândido Mendes, no Rio de Janeiro. Sobre os campos concentração no Brasil, durante a Segunda Guerra, ver Perazzo (2002).

Ilustração 12 - Mapa Topográfico e Planta Territorial da Colônia Penal Candido Mendes



Fonte: <<http://www.lageop.ufrj.br/noticias.php?pagina=1>>. Acesso em: 08, agosto, 2006.

Ora, o fechamento e a extradição do Consulado referem-se a uma questão diplomática. Mas o surto repressivo aos nazistas em 1942 fazia sentido?

Em primeiro lugar, a repressão desenfreada sobre alemães (indiscriminadamente) é fato tanto no Paraná, como em outros estados. Invasões de casas, empresas, apreensão de livros, revistas, documentos pessoais, aparelhos de rádio (alvo preferido da delegacia), etc. eram comuns no ano de 1942. Esses fatos – que não são objeto deste trabalho – não fazem sentido em lugar algum e remetem mais aos algozes (a lógica da suspeição policial) do que às vítimas. É perda de tempo procurar os motivos entre os sujeitos passivos.

Por outro lado, se examinarmos a documentação, concluiremos que as justificativas da DOPS para a repressão ao já extinto NSDAP/PR não encontram respaldo empírico para o ano 1942. Apenas atentando para as contingências do momento nacional e local, poderemos entender as razões que levaram os órgãos repressores a denominar estes indivíduos como “*membros preponderantes e apaixonados do N.S.D.A.P., – Nacional Socialistische Deutsche Arbeiter Partei – dêste Estado*”.

No início deste capítulo apresentamos uma visão geral de questões governamentais, diplomáticas e econômicas, que levaram o Brasil a modificar sua posição acerca dos alemães aqui residentes, em 1942. *Grosso modo*, o posicionamento do país na conferência do Rio de Janeiro (janeiro, 1942) e suas conseqüências permitiram que aqui se instaurasse um ambiente favorável – e teoricamente, justificável – à repressão policial.

Não obstante, a conflagração mundial estava *chegando* cada vez mais perto, e não penas se *refletindo* em terras tupiniquins. Roney Cytrynowicz mostrou como a guerra – por intermédio do Estado Novo, diga-se de passagem – modificou o cotidiano

dos paulistanos com a constituição do *front interno*. Enquanto para uns, principalmente setores médios urbanos, o conflito significou mobilização em torno do esforço de guerra, para outros, constituiu verdadeira exploração e repressão, em especial operários e imigrantes (2002, p. 19). Certamente, como sustenta o autor, a mobilização de guerra atendia a interesses internos estadonovistas e deve ser relativizada quanto a um consenso geral patriótico em favor do esforço de guerra.

Apesar disso, é possível sustentar que o clima instaurado em certas localidades, como Curitiba, legitimou e era legitimado pela a repressão policial ao “inimigo”, na medida em que setores da sociedade clamavam por uma posição do governo frente ao quinta-columnismo.

Por outro lado, a repressão atendia aos interesses de controle e “mobilização controlada” do Estado Novo frente às populações dos centros urbanos. O ambiente de patriotismo manifesto em Curitiba, no ano de 1942, por grupos nacionalistas como a Liga de Defesa Nacional ajuda-nos a entender, em parte, o surto repressor dos meses entre janeiro e maio.

As movimentações em torno da “chegada da guerra” começaram a fazer alarde com o *Serviço de Defesa Passiva*. Criado em todo território nacional pelo Decreto-lei nº 4.098, de 06/02/1942, em Curitiba, subordinava-se à 5ª RM e, segundo Boschilia, “era responsável pela organização de equipes de socorro, recrutamento de voluntariado, exercícios de blecaute e construção e instalação de abrigos contra explosivos e gases” (1995, p. 20). Da mesma forma, o Serviço de Defesa Anti-Aérea, era incumbido de tomar providências para possíveis bombardeios sobre a cidade.

Logo, outra instituição veio somar esforços nesse sentido: dirigida diretamente por Manoel Ribas, a *Liga de Defesa Nacional* iniciou seus trabalhos “cívicos” no estado oficialmente em abril. Políticos e intelectuais encabeçavam a Liga que era responsável

“pela coordenação das campanhas de arrecadação para fundos de guerra, a promoção de cursos em áreas como rádio e telegrafia e a organização e todo e qualquer evento público, como festas cívicas e comícios” (BOSCHILIA, 1995, p. 22). As portas abertas dessas instituições em Curitiba começavam a significar a presença de um ambiente belicoso. Ainda mais, quando se tinha em mente que o inimigo estava “entre nós”.

Essa percepção parece ter gerado, um mês antes da criação da Liga, uma comoção popular que canalizou a fúria de uma turba contra tais inimigos. O famoso comício do dia 18/03/1942, aparentemente em resposta ao torpedeamento dos navios brasileiros por submarinos do Eixo, promoveu verdadeiro quebra-quebra nas ruas de Curitiba. Após discursos inflamados e desfiles patrióticos – sem a participação de autoridades – a população passou a atacar casas, estabelecimentos comerciais, indústrias e clubes dos ditos “eixistas”. O relatório da DOPS aponta para sessenta e oito locais que sofreram avarias pela ação de populares. Sobre o evento, um contemporâneo escreveu:

Sem qualquer distinção, se adeptos do nazismo ou adversários do mesmo, se alemães recém-chegados ou brasileiros já de quarta geração: suas moradias eram invadidas, suas oficinas ou casas comerciais destruídas, saqueadas as sociedades, objetos de arte destruídos, bibliotecas queimadas, e outros atentados mais. As pessoas mais destacadas da colônia alemã eram sumariamente detidas e custodiadas, sem fundamentos jurídicos ou formação de culpa, e internadas meses a fio, às vezes até durante vários anos (ABECK, 1980, p. 39).

Entre os locais atingidos estavam, a título de exemplo, os clubes Concórdia e Rio Branco, a Cia. Telefônica Paranaense, a Impressora Paranaense de Max Schrappe, o Banco Alemão Transatlântico, a Casa Bayer e o Foto Progresso (Ilustração 13)¹⁸¹.

¹⁸¹ *Relação das casas depredadas no comício realizado em 18/03/1942*. Fls. 3-5. Pront. 0254, Top. 27. Comício de 18/03/1942, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Ilustração 13 - Sala de espera do “Foto Progresso”, de propriedade de Augusto Weiss, após do comício do dia 18/03/1942



Fonte: Pront. 0254, Top. 27. “Comício de 18/03/1942”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Apesar do posicionamento contrário da 5ª RM com relação ao vandalismo, as autoridades não fizeram muita coisa além de apagar o fogo de uma das casas comerciais atingidas (curiosamente o bombeiro-chefe em Curitiba era teuto-brasileiro João Meister Sobrinho, notadamente antinazista). Segundo Helmuth Abeck, testemunha ocular dos fatos,

(...) foram protegidos pelo Exército, somente a Central Telefônica, um estabelecimento dirigido por alemães, e a fundição da firma ‘Mueller Irmãos Ltda’. O primeiro, para que fosse evitado o colapso total do já por si precário serviço de comunicações, e a segunda, porque o seu diretor havia colocado a empresa sob proteção pessoal do general comandante da Região (1980, p. 39).

Não cremos em uma “espontaneidade” neste movimento de quebra-quebra. Cada participante tem sua trajetória que se molda e é moldada em meio à turba. Para se ter uma idéia, no dia vinte, um dos inflamadores da multidão, o jornalista Rodrigo de Freitas foi aos microfones da PRB-2 expor seu ponto de vista sobre o fato:

Os acontecimentos ante-ontem verificados em Curitiba, valem bem por uma reabilitação que constituíram a demonstração concreta da existência do civismo em nosso povo. Esse sentimento dormia nos ânimos e nos corações, mas não havia morrido. Vivia latente, aguardando o momento de florir à luz dos acontecimentos. Bastava uma centelha para fazê-lo explodir. E explodiu (...)¹⁸²

O “civismo” torna-se xenofobia, quando o jornalista tenta explicar a depredação de casas teuto-brasileiras:

Houve entretanto, uma pequena minoria que, no pitoresco dizer popular, “achou ruim”. É possível. A grande maioria, a quasi totalidade, porem, dos brasileiros, achou muito bom. Mas – dirá aquela minoria – brasileiros foram alvos também de demonstrações de desagrado popular. Brasileiros, não! Indivíduos, apenas nascidos no Brasil. E para ser brasileiro não basta esta circunstância fortuita do acaso. Para ser brasileiro é necessário nascer do Brasil e ser brasileiro cem por cento, de alma e coração. **Esses que vivem adorando os ídolos da terra de seus ancestrais**; esses que colocam o amor ao Brasil em nível inferior à admiração pelos troculentos e berradores desencadeadores de guerras, de

¹⁸² *Crônica do dia da PRB-2 lida no dia 20/03/1942*; Rodrigo de Freitas. Fl. 2. Pront. 0254, Top. 27. “Comício de 18/03/1942”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

tragédias, de hacatombes; esses que gozam intimamente o sadismo da alegria que lhes causam o afundamento de nosso navios e o assassinio de nossos marinheiros; **esses que vivem a repetir, a decorar, como orações sagradas, toda baboseira, toda imbecilidade das idéias absurdas que seus paes e avós trouxeram dos velhos países carcomidos por todas as paixões ignóbeis**; esses que tiveram a coragem de envergar camisas coloridas, que se enfeitaram com crachás e balagandans de importação; esses, podem ter nascido no Brasil, podem ser tudo que quizerem, menos brasileiros.

Não, houve portanto, injustiças (...) (sic).¹⁸³ (grifo nosso).

O cronista certamente exagera e os “que não gostaram”, de certa forma tinham razão. O que dizer da Loja de tecidos Mousseline? O proprietário era brasileiro, mas a casa foi depredada pela multidão porque seu nome (de origem francesa) parecia-se com o do *Duce*. Da mesma forma, o suíço Alberto Bolinger teve a sua “Casa Suíça” atacada em meio ao movimento (ZUCON, 1997, p. 112).

Esses fatos novelescos, não podem nos tirar a atenção do cerne da questão. Criou-se, de fato, um *clima propício* para ações repressoras, uma vez que da própria comunidade partia a iniciativa para ações contra os “eixistas”. Assim, é possível que um ou outro policial em meio à multidão tenha titubeado quanto à repressão ao quebra-quebra, como argumentaram alguns alemães prejudicados com o evento.¹⁸⁴

Da mesma maneira que o cronista da PRB-2, no dia seguinte ao evento, Valfrido Piloto, delegado de ordem política e social, manifestou-se no jornal Gazeta do Povo, justificando a ação da turba:

Compreende-se perfeitamente que os patriotas em face á situação atual, sejam tomados de ímpetos de ação cívica no sentido de demonstrar a revolta que lhes explode no íntimo, pelas fortes agressões nazistas, e de manifestar, também, estar imperecível e forte, como sempre, á chama do devotamento pátrio. Gostaríamos, nós os da Polícia, poder mostrar a todos esses bons e resolutos brasileiros, o quanto nos temos desdobrado em tarefas úteis pela segurança nacional e em golpes implacáveis contra a 5ª coluna e os seus multiformes meios de agir. Aliás, confortanos a cooperação que todos nos tem trazido, e que é, seguramente, resultante da ação indormida e enérgica

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ *Auto de declarações prestadas por Albino Carlos Krueger*. 23/04/1942. Fl. 2. Pront. 121, Top. 280, “Albino Carlos Krueger”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

que o Governo do Estado e seus auxiliares vêm desenvolvendo e da qual todos estão podendo sentir os efeitos. [Sobre as prisões] vai isto como informação estatística: sobem a quasi uma centena. Posso assegurar-lhe, - é o que interessa - , dentre os elementos que lá na Casa de Detenção se acham curtindo as suas claras ou disfarçadas ideologias de traidores do Brasil, está a maioria dos próceres e os mais perigosos (sic).¹⁸⁵

No entanto, nem só isso explica o que chamamos de surto repressor, que atingiu os remanescentes do NSDAP/PR. Não devemos nos esquecer que a polícia política de Vargas (bem como boa parte das polícias políticas) não agia somente em favor de uma diretriz emanada de decisões relativas à guerra ou à ideologia. A polícia política era um fim em si mesmo. De outra forma, “fazia-se por fazer”, porque era o seu trabalho. Entendamos com o seguinte ditado: “sem a caça, não há caçador”. Nesse sentido, algumas ações investigativas e repressoras chegam à beira do ridículo como a procura intensiva por suásticas ou por indivíduos cumprimentando-se com um *Guten Tag*.

Podemos visualizar a caçada frenética por nazistas se atentarmos para os modelos de questionário que a DOPS elaborava para cada interrogado preencher a próprio punho. As questões, primeiramente, tentavam arrancar um envolvimento com o extinto NSDAP/PR e a delação de outros membros; depois, pormenorizadamente requeriam a opinião dos indivíduos quanto aos eventos ocorridos após dezembro de 1937: Campanha de Nacionalização, proibição à AIB, política externa brasileira, torpedeamento dos navios brasileiros, etc. A opinião dos indivíduos acerca dos países Aliados e do Eixo também era requerida, assim como sobre o envio de tropas brasileiras à Europa.

Existe um abismo entre tais depoimentos e as conclusões da DOPS, constantes em relatórios e folhas corridas. O termo “nazista fervoroso” é usado indiscriminadamente, principalmente quando se refere a uma “confissão” do tipo “*foi membro do extinto NSDAP*”.

¹⁸⁵ SOUZA (2002), apud. GAZETA DO POVO, 19/03/1942.

Assim, a partir da documentação aqui trabalhada, é possível demonstrar que esta etapa da “caça aos nazistas”, pouco significou uma caça ao Círculo paranaense do NSDAP, como partido organizado.

Sem dúvida, alguns militantes foram presos neste momento, muitas vezes por que realmente quebraram a lei de neutralidade ou, posteriormente, desobedeceram às portarias “anti-eixistas”.

É nesse sentido que alguns indivíduos de Paranaguá, incluindo o vice-cônsul, foram presos por comemorarem as vitórias nazistas na Holanda com fogos e festejos¹⁸⁶. Alfred Andersen (o mais investigado entre os líderes no Paraná) permaneceu dois anos preso por ter se despedido de um amigo com a saudação nazista. Entretanto, essas atitudes não tinham mais ligações com a estrutura partidária do NSDAP/PR, recorrentemente resgatada pela polícia em 1942, para justificar a prisão.

Dessa forma, concluímos que a repressão ao nazismo no Paraná encontra sentido no clima nacional e regional do período. Os acontecimentos que se sucederam após janeiro de 1942 precipitaram a coerção internamente. Assim, no aspecto da repressão, e no que diz respeito ao objeto “Círculo paranaense do Partido Nazista”, 1942 é menos significativo do que 1938. O “estado de coisas” de que a polícia se refere supostamente existente *em 1942*, pouco se explica na História se entendido como uma ameaça perturbadora do NSDAP no Paraná.

Aproveitando o termo, o “estado de coisas” deve ser apreendido como um ambiente, construído tanto por fatores internos como externos, que torna a máquina repressiva justificável a despeito das realidades sociais e políticas do momento.

¹⁸⁶ Cf. Pront. 2248, Top. 403, “Julio Brand”, DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

CONCLUSÃO

A trajetória do NSDAP/PR só pode ser compreendida se levarmos em conta o movimento maior, qual seja, a expansão partidária nazista da década de 1930, ambicionando realizar o devaneio unitivo da Grande Alemanha, fora da Alemanha. Peculiarmente, a organização se enraizou no Brasil formando o maior contingente fora da pátria mãe nos quadros oficiais. O momento lhe foi propício: o Governo Provisório (1930 – 1934) e o Governo Constitucional (1934 – 1937) de Vargas pouco se importaram com o florescimento de organizações partidárias estrangeiras, exceto aquelas envolvidas com o socialismo soviético.

Assim, as divisões geográficas do NSDAP puderam se acomodar em solo brasileiro, dando origem aos Círculos regionais e/ou estaduais do partido. A escolha dos alvos parece ter algo a ver com a importância da localidade no plano nacional e com o número e imigrantes de origem germânica, haja vista o contingente de partidários que podemos encontrar em São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná.

Nos planos do partido, o Paraná pode ter sido interpretado (como certa vez afirmou o líder do *Kreis*) como um território etnicamente misto, que une um Brasil luso-brasileiro a um “apêndice” de colonização teuta. Assim, não é exagero concluir que o Paraná teve considerável importância nos planos gerais do Grupo Nacional do partido. Vimos que por vezes chefes nacionais freqüentavam os braços municipais do NSDAP/PR, não raro o próprio líder nacional Hans Hering Von Cossel.

Malgrado os reveses, os *nazis* conseguiram apregoar a doutrina nos meios que interessavam ao partido global; de sociedades e clubes urbanos a comunidades agrícolas interioranas, o Paraná não esteve “imune” à aparição das quase duas centenas de

membros que compunham o grupo estadual. Certamente, como vimos, as ações se concentraram na capital, cidade de visível presença da etnia e da cultura alemãs.

Para tanto, o auxílio do Consulado da Alemanha em Curitiba foi fundamental e a imbricada relação do mesmo com o partido – espelho do projeto de Estado nacional-socialista – permitiu que uma série de atividades se desenvolvesse à sombra das instituições consulares.

Um exemplo é a propaganda partidária desenvolvida através de uma confusa mescla de ações, na qual não se sabe onde começa operar o partido e onde se inicia o trabalho do consulado. Dividimos em três as categorias de propaganda nazista entre os teutos do Paraná: escrita, audiovisual (rádio e cinema) e o que chamamos de presencial.

Quanto à face social dos militantes, de modo genérico, verificamos que os ingressos na seção brasileira do NSDAP pertenciam a um grupo de alemães, imigrantes de classe média/alta. Geracionalmente, tais indivíduos ligavam-se aos eventos da conflagração mundial de 1914-1918 e pouco tendiam a se desligar da sua pátria e dos aspectos políticos lá presentes. No Paraná, esta caracterização pouco diverge. Contudo, percebe-se que alguns indivíduos já fixados no país e de alta posição econômica na capital paranaense participaram ativamente do NSDAP/PR, inclusive sustentando-o com as principais contribuições financeiras.

De forma quase que inevitável nosso trabalho se deparou com a questão da recepção ao nazismo entre os germânicos no Paraná. Encontramos assim, na década de 1930, uma comunidade permeada pelo conflito político e cindida entre partidários e não-partidários da causa nazista e/ou do partido. Fato comum também em outras localidades, a truculência dos nazistas na tentativa de impor sua ideologia serviu para afastar parte dos alemães, se não da ideologia, pelo menos dos quadros formais do NSDAP.

Pudemos constatar também, nesse sentido, que parte dos teuto-brasileiros e alemães com raízes mais profundas no Brasil e imbuídos de uma idéia de pertença a um *establishment* na nova nação, recusaram o novidade do nazismo, na medida em que entendiam os jovens partidários como *outsiders* intentando cruzar as fronteiras protetoras do grupo, construídas desde o século XIX.

Vimos também que, se os dois primeiro governos da Era Vargas permitiram que se proliferassem os círculos do NSDAP, com o Estado Novo a situação se modifica. Impõe-se um projeto nacionalizante e politicamente apartidário que entra em choque com o trabalho dos *nazis* em todo país.

Nesse contexto o NSDAP/PR cessou as atividades, principalmente por força do decreto 383, de 18 de abril de 1938, que proibia a existência de agremiações partidárias estrangeiras em solo nacional. A DOPS, após esta data, cumpria a função de vigilância sobre os ex-militantes, mapeando suas trajetórias e convocando alguns para prestar esclarecimentos.

Com a precipitação do conflito mundial de 1939 e sob a necessidade de resguardar a neutralidade do Brasil, alguns indivíduos foram presos por práticas desrespeitosas à condição diplomática do país.

Mais tarde, com o alastramento do conflito para as águas americanas e o conseqüente posicionamento do Brasil ao lado dos Aliados em 1942, justifica-se uma atitude repressora contra o elemento teuto, nazista ou não, dada a condição de “inimigo de guerra”. No Paraná, as antigas referências sobre membros do NSDAP/PR foram retiradas das gavetas e muitos ex-militantes foram encarcerados. Aqueles ligados ao Consulado foram extraditados em março de 1942. Outro grupo, composto genericamente de simples ex-membros do NSDAP, alemães não-nazistas e uns poucos

ex-líderes do partido foi enviado para a Colônia Penal Candido Mendes (conhecida como Ilha Grande), em agosto do mesmo ano.

Salientamos que parte das explicações para a onda repressora aos nazistas no ano de 1942 encontra-se nos meandros do próprio “clima bélico” instaurado na capital paranaense. Insuflado pela mídia (jornais e rádio) e pela presença de organismos de ordem nacionalista (como a Liga de Defesa Nacional), o ambiente tornou-se propício para uma ação com “carta branca” das forças repressoras, haja vista as incoerências encontradas em alguns dossiês referentes à falta de provas ou conclusões precipitadas da DOPS.

Enfim, pensamos ter conseguido minimamente apresentar a “aventura nazista no Paraná”. A falta de referências, com exceção dos livros de época, fez-nos sentirmos tateantes no escuro. Assim, evidenciamos que este é o começo de um trabalho historiográfico que merece a devida atenção, tanto a partir da reavaliação de hipóteses aqui apresentadas como no aprofundamento de minúcias deixadas de lado devido ao tempo e à escolha do pesquisador.

Nesse sentido, gostaríamos que os leitores percebessem este trabalho como um instigador para futuras abordagens sobre o nazismo no Paraná e outros temas correlatos aos fascismos em solo estadual. Nesse campo, muito ainda se tem por fazer.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Arquivo Público do Estado do Paraná:

Dossiês pessoais da Delegacia de Ordem Política e Social:

Abilio Holzmann – Dossiê: 006, Top. 273
Adolfo Ulbricht – Dossiê: 63, Top. 276
Alberto Blum – Dossiê: 100 e 100a, Top. 279
Alberto Nizar – Dossiê: 111, Top. 279
Alberto Rosner – Dossiê: 113, Top. 279
Albino Carlos Krueger – Dossiê: 121, Top. 280
Alfredo Andersen – Dossiê: 171, Top. 283
Arthur Hoffmann- Dossiê: 492, Top. 301
Arthur Staud – Dossiê: 493, Top. 301
Arthur Staude – Dossiê: 493, Top. 301
Bernardo Meyer – Dossiê: 576, Top. 305
Bruno Hindelmann – Dossiê: 602, Top. 307
Carlos Ferreira – Dossiê: 652, Top. 310
Carlos Ruprecht – Dossiê: 674, Top. 311
Carlos Tigges – Dossiê: 690, Top. 312
Carlos Toedter – Dossiê: 691, Top. 312
Clemente Bannach – Dossiê: 770, Top. 316
Conrado Nye – Dossiê: 784, Top. 317
Dr. Eugen George – Dossiê: 1143, Top. 337

Dustin Krueger Hoffman – Dossiê: 930, Top. 324

Eduardo Kampmann – Dossiê: 973, Top. 327

Emil Mohrhoff – Dossiê:1050, Top. 331

Erich Bueckmann- Dossiê:1081, Top. 333

Erich Finmann – Dossiê:1082, Top. 334

Erich Heinze – Dossiê: 1083, Top. 334

Ernest Minjon – Dossiê: 1094, Top. 334

Ernesto Hirsch – Dossiê: 1103, Top. 335

Francisco Schwass Jr. – Dossiê: 1280, Top. 345

Franz Koch – Dossiê: 1300, Top. 346

Frederico Kobs – Dossiê: 1310, Top. 347

Frederico Ludke – Dossiê: 1312, Top. 347

Frederico Rauch – Dossiê: 1315, Top. 347

Friedrich e 116 outros – Dossiê: 1321, Top. 347

Fritz O. Friechter – Dossiê: 1325, Top. 347

Gaspar Ernst e Henrique Koecher – Dossiê: 1341, Top. 348

Gasper Meyer – Dossiê: 1342, Top. 248

George Fillies – Dossiê: 1352, Top. 349

Godofredo Luemberger – Dossiê: 1397, Top. 352

Guilherme Fischer – Dossiê: 1414, Top. 353

Guilherme Willy Roettger – Dossiê: 1427, Top. 353

Guilherme Wodinger – Dossiê: 1429, Top. 354

Gustav Alfred Sjöblom – Dossiê: 1436, Top. 354

Gustavo Gaase – Dossiê: 1441, Top. 354

Gustavo Gaase – Dossiê: 1441, Top. 354

Hans Benevitz – Dossiê: 1460, Top. 355

Hans Henrich Martin Prueter – Dossiê: 1465, Top. 356

Hans Homfaldt – Dossiê: 1468, Top. 356

João Werner Buerger – Dossiê: 1915, Top. 383

Hans Zischler – Dossiê: 1473, Top. 356

Heins Ehlert – Dossiê: 1487, Top. 357

Heinz Treutler – Dossiê: 1492, Top. 357

Heiz Franz Arthur Zimer – Dossiê: 1488, Top. 357

Henrique Boekelheide – Dossiê: 1528, Top. 359

Henrique Carlos Schmitz – Dossiê: 1530, Top. 360

Henrique Klein – Dossiê: 1538, Top. 360

Henrique Marquart – Dossiê: 1541, Top. 360

Herbert Hebmuller – Dossiê: 1554, Top. 361

Herbert Ruhe – Dossiê: 1559, Top. 361

Hilda Krueger – Dossiê: 1581, Top. 363

Horst Udo Knopff – Dossiê: 1599, Top. 364

Hubert Wingen – Dossiê: 1602, Top. 364

Ilse Dorothea Raacke – Dossiê: 1635, Top. 366

Ilse von Oertzen – Dossiê: 1640, Top. 367

João Garbers – Dossiê: 1839, Top. 379

José Gottlieb Helfenberger – Dossiê: 2100, Top. 394

José Muhl – Dossiê: 2161, Top. 398

Josef Macho – Dossiê: 2230, Top. 402

Julio Brand – Dossiê: 2248, Top. 403

Kurt Boiger – Dossiê: 2303, Top. 407

Kurt Mackelburg – Dossiê: 2305, Top. 407

Kurt Robert Obersterllers – Dossiê: 2306, Top. 407

Marta Maria Luiza Muller – Dossiê: 2679, Top. 430

Max Alfredo Beyer – Dossiê: 2700, Top. 431

Max Schrappe – Dossiê: 2709, Top. 431

Olmiro Schimtd – Dossiê: 2948, Top. 447

Olof Suderack – Dossiê: 2939, Top. 446

Oscar Schrappe Sobrinho – Dossiê: 2977, Top. 448

Oscar Shcrappe – Dossiê: 2976, Top. 448

Oscar Witt – Dossiê: 2977, Top. 488

Osvaldo Nixdorf – Dossiê: 3001, Top. 450

Osvaldo Segismundo – Dossiê: 3003, Top. 450

Otto Braun – Dossiê : 3024, Top. 452

Otto Hering – Dossiê: 3029, Top. 450

Otto Hoffmann – Dossiê: 3030, Top. 452

Otto Hoffmann – Dossiê: 3030, Top. 452

Otto Kurt Stammer – Dossiê: 3034, Top. 452

Otto Oberdiak – Dossiê: 3035, Top. 452

Paulo Augusto Rockel – Dossiê: 3056, Top. 454

Paulo Eckwert – Dossiê: 3074, Top. 455

Pedro Fuss – Dossiê: 3138, Top. 459

Plínio Salgado – Dossiê: 3183, Top. 462

Ricardo Kempfer – Dossiê: 3266, Top. 467

Valdemar Grummt – Dossiê: 3656, Top. 489

Walter Bach – Dossiê: 3685, Top. 491

Werner Hoffmann – Dossiê: 3704, Top. 492

Werner Ricken – Dossiê: 3707, Top. 492

Willy Winkens – Dossiê: 3729, Top. 493

Dossiês temáticos da Delegacia de Ordem Política e Social:

Ação Integralista Brasileira – Dossiê: 007, Top. 001

Atividades Nazistas no país – Dossiê: 124, Top. 15

Atividades Nazistas no sul do Brasil e Alfred Andersen – Dossiê: 125, Top. 15

Censura Postal – Dossiê: 183, Top. 21

Telepar – Dossiê: 2252, Top. 249

Clube Concórdia – Dossiê 236, Top. 25

Colégio Alemão – Dossiê 239, Top. 26

Comício de 18-03-1942 – Dossiê: 254, Top. 27

Companhia Força e Luz do Paraná – Dossiê: 299, Top. 32

Consulado Alemão – Dossiê 353, Top. 41

Consulado Americano – Dossiê: 354, Top. 41

Consulado da Itália – Dossiê: 358, Top. 41

Jornal Correio do Paraná – Dossiê 1197, Top. 142

Jornal Diário da Tarde – Dossiê 1205 Top. 143

DOPS - documentos antigos Dossiê 0780a, Top. 89

DOPS - documentos antigos Dossiê 0780b, Top. 89

DOPS - móveis e utensílios – Dossiê: 806, Top. 96

Incêndio no cais de Paranaguá – Dossiê: 1032, Top. 135

Liga de defesa nacional – Dossiê: 1284, Top. 150

Nazismo – informes da delegacia e fotografia – Dossiê: 1428, Top. 168

Pensão Kreutz – Dossiê 1555, Top. 188

Propaganda Nazista – Dossiê: 1609, Top. 195

Sociedade Cultural Física Jahn – Dossiê: 2178, Top. 239

União beneficente educativa alemã – Dossiê: 2292, Top: 257

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

Processo 1463, “Henrique Klein”, *Tribunal de Segurança Nacional*, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Bibliografia

(inclui fontes publicadas)

ABECK, Helmuth. A colaboração germânica no Paraná nos últimos 50 anos (1929 – 1979). Curitiba: Casa Romário Martins, 1980.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

ARIAS NETO, José Miguel; DE BONI, Maria Ignês Mancini de; SOUZA, Silvia Cristina Martins de. (Orgs). *150 anos de Paraná: História e Historiografia – Anais do VIII Encontro Regional de História*. Curitiba: 2004, p. 445 – 448.

AULICH, Werner. *Alemães no Paraná: estudo histórico e caracterológico*. Curitiba: Comissão de festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná, 1953

BARTOLETTI, Susan Campbell. *A juventude Hitlerista*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BERSTEIN, Serge. Os partidos. IN: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 57-98.

BERTONHA, João Fábio. A questão da “Internacional Fascista” no mundo das relações exteriores internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Rio de Janeiro, ano 43, n. 1.

_____. *A Segunda Guerra Mundial*. Col. Que história é esta?. São Paulo: Saraiva, 2001.

_____. *Amanhã o mundo? Uma análise da produção histórica recente sobre os objetivos internacionais da Alemanha Nazista*. RelNet, Brasília, fev. 1998. Disponível em: <<http://www.relnet.com.br/Arquivos/pdf/2003/391revista.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2006.

_____. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Editora Contexto, v.21, n.40, 2001.

- _____. *História transnacional: perspectivas e problemas*. In: I Fórum de Pesquisa UEM/UEL, 2001, Maringá. Anais do I Fórum de Pesquisa UEM/UEL. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2000. p. 335-340.
- _____. *O Fascismo e os Imigrantes Italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BOSCHILIA, Roseli. *O cotidiano de Curitiba durante a II Guerra Mundial*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique, org. *Passados Recompostos – campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1998.
- CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia na Era Vargas*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *Inventário DEOPS Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.
- _____. *O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CARONE, Edgar. *A Segunda República (1930 – 1937)*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1974
- _____. *A Terceira República (1937-1945)*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1976.
- COGGIOLA, Osvaldo, org. *Segunda Guerra Mundial – um balanço histórico*. São Paulo: Xamã: Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, 1995.
- COSTA, Sérgio Corrêa da. *Crônica de uma Guerra Secreta. Nazismo na América. A conexão argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, EDUSP, 2000.

DIETRICH, Ana Maria. *A caça às suásticas. O partido nazista em São Paulo sobre a mira da polícia política*. 2001. 316 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. 2007. 301 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Porta Vozes de Hitler. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 2, n° 20, p. 22-23, maio 2007.

_____. *Suásticas no Brasil*. [São Paulo]: [s.n.], [2004].

DOPS. *A Lógica da Desconfiança*. Rio de Janeiro: Secretária de Estado da Justiça/Arquivo Público do Estado, 1996.

ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000.

FALCON, Francisco. História e poder. In: FLAMARION. Ciro; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.61-89.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

_____. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajai e Florianópolis: Editora da Univali /Editora da UFSC, 2004.

FERRAZ, Francisco C. A. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FEST, Joachim. *Hitler*. vol. 1, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. *Hitler*. vol. 2, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

- FISCHER, Gudrun. *Abrigo no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense: 2005.
- GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.165-184.
- GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991.
- _____. Preconceitos de sangue. *História: questões e debates*, Curitiba: APAH, v. 10, n. 18, p. 157-180, 1989.
- _____. *O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Fascismo, Integralismo*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- _____. O Brasil nos anos 30 e a ideologia germanista: estudo de caso. In: MILMANN, Luís; VIZENTINI, Paulo Fagundes. (Orgs.). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p. 89-99.
- HILTON, Stanley. *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983
- _____. *Suástica sobre o Brasil – A história da Espionagem alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914 -1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- _____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LE GOFF, Jaques; NORA, Piere (orgs.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- KIMURA, Rosangela. *Políticas restritivas aos japoneses no Estado do Paraná 1930 – 1950* (de cores proibidas ao perigo amarelo). 197 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo, o triunfo da vontade*. São Paulo: Ática. 1990.
- _____. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, 2000.

_____. O pequeno burguês nazificado. In: MAGALHÃES, Marionilde B, BRESCIANI, m.S., NAXARA, M.. (Org.). *Razão e paixão na política*. 1 ed. Brasília: EDUNB, 2002, v. 1, p. 217-236.

_____. *Pangermanismo e Nazismo. A Trajetória Alemã rumo ao Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. *Paraná: política e governo*. SEED. Curitiba. 2001. Col. História do Paraná; textos introdutórios.

MARTINS, Mário. *Hitler guerreia o Brasil há dez anos*. Curitiba: Empresa Editora O Dia S/A, s/d.

_____. *Valeu a pena: memórias de um jornalista e político de oposição que nunca foi do contra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MILMANN, Luís; VIZENTINI, Paulo Fagundes. (Orgs.). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

MOORE, Bob. Nazism and German Nationals in the Netherlands, 1933-40. *Journal of Contemporary History*, Vol. 22, No. 1 (Jan., 1987), pp. 45-70.

MORAES, Luiz Edmundo. *Ein volk, Ein Reich, Ein Führer: A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. 1996. 222 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência; a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

MÜLLER, Jürgen El NSDAP en México: historia y percepciones, 1931-1940. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, Tel Aviv, v. 6, n. 2, p 89-107, dez. 1995.

- MÜLLER, Mary Stela. *Normas e padrões para teses, dissertações e monografias*. 5. ed. Londrina: EDUEL, 2003.
- NADALIN, S. O. Cidade, ciclos matrimoniais e etnicidade: imigrantes e descendentes de origem germânica e luterana em Curitiba: 1866-1939. *História Questões e Debates, Curitiba*, UFPR, v. 16, n. 30, p. 205-226, 1999.
- _____. *Paraná: ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED. 2001. Col. História do Paraná; textos introdutórios.
- NEWTON, Ronald: *El cuarto lado del triángulo*. La "amenaza nazi" en la Argentina (1931-1947), Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1995.
- O III Reich e o Brasil*. Rio de Janeiro: Laudes, 1968. p. 103-109.
- OBERDIEK, Hermann Iark. *Fugindo da morte: imigração de judeus alemães para Rolândia-PR, na década de 1930*. Londrina: EDUEL, 1997.
- PANDOLFI, Dulce Chaves, org. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- PERAZZO, Priscila. *O perigo alemão e os mecanismos de repressão do Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.
- _____. *Prisioneiros de Guerra: os cidadãos do Eixo nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)*. 2002. 454 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo
- PERKINS, John. The Swastika Down Under: Nazi Activities in Australia, 1933-39. *Journal of Contemporary History*, Vol. 26, No. 1 (Jan., 1991), pp. 111-129.
- PY, Aurélio da Silva. *A Quinta Coluna no Brasil: A Conspiração Nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1942.

REIS FILHO, Daniel Aarão & FERREIRA, Jorge & ZENHA, Celeste. *O século XX: o tempo das certezas, o tempo das crises e o tempo das dívidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3 volumes.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RÉMOND, René. *O Século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo, Cultrix, 1988.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Editora Contexto, v.15, n.30, p.9-22. 1995.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à Guerra: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Manole 2003.

SEYFERTH, G. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, v. 22, p. 149-197, 2004.

_____. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SHIRER, William. *Ascensão e queda do III Reich*. 5a ed. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *O Século Sombrio*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. (Org.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SILVA, Hayke R. K. . *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

SILVA, Hélio. *1938: Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SOUZA, Regima M.S. *A Estrada do Poente: Escola Alemã/Colégio Progresso (Curitiba 1930 – 1942)*. 152 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História, Cultura e Poder) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

TOEDTER, Norberto. *E a Guerra Continua...* Curitiba: Ed. do Autor, 2001.

VOGT, Olgário P. Imperialismo: a face oculta do germanismo. In: Centro de Estudos Marxistas. (Org.). *As portas de Tebas: ensaios de interpretação marxista*. 1 ed. Passo Fundo: UPF, 2002, v. , p. 67-147.

ZUCON, Otávio. *Comunidade Cindida: dissensão e conflito em Curitiba na II Guerra*. Curitiba, Revista de Sociologia e Política, nº 9, 1997. pp. 103-114.

Jornais

MILARCHI, Aramis. A Alemanha e os seus diplomatas. In: *Estado do Paraná*, 29/11/1986

Jornal Gazeta do Povo (Curitiba) – 1938-1942 (DOPS – Arquivo Público do Paraná)

Jornal O Dia (Curitiba) – 1938-1942 (DOPS – Arquivo Público do Paraná)